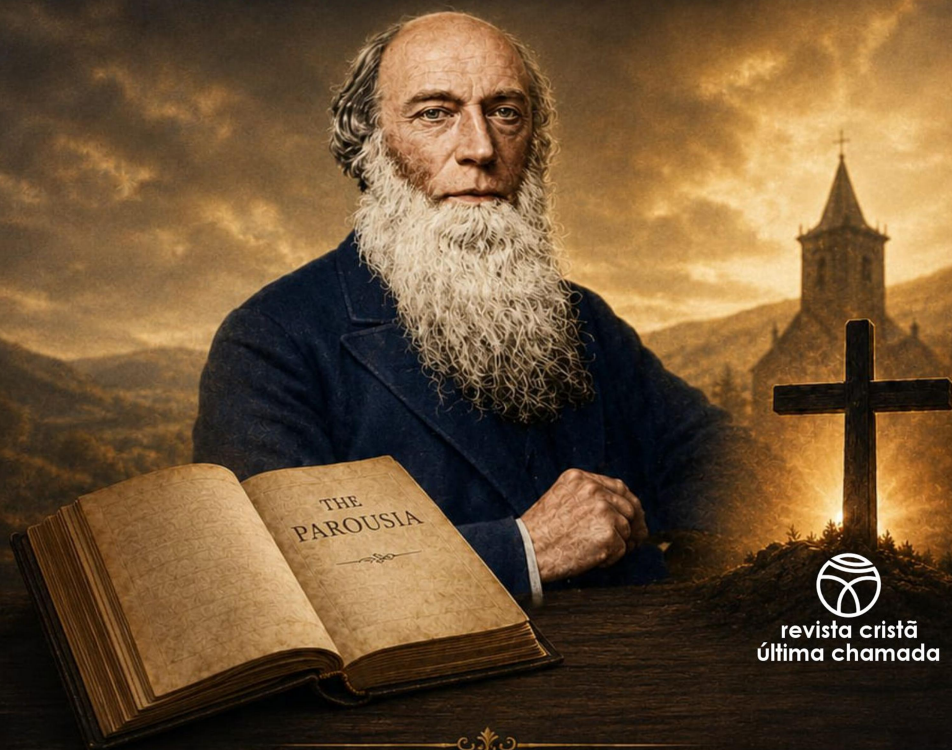


RESPOSTA AO LIVRO

THE PAROUSIA DE
JAMES STUART
RUSSELL

A SEGUNDA VINDA E A
RESSURREIÇÃO DOS MORTOS
AINDA NÃO ACONTECERAM...




revista cristã
última chamada

CÉSAR FRANCISCO RAYMUNDO

O FIM DOS TEMPOS

COMO VOCÊ NUNCA OUVIU FALAR!

Nunca mais
seja enganado
sobre o Fim
dos Tempos!

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



ACESSE AGORA:

**WWW.
REVISTACRISTA
.ORG**

Conteúdo bíblico, relevante e transformador

RESPOSTA AO LIVRO
THE PAROUSIA
DE
JAMES STUART RUSSELL



A SEGUNDA VINDA E A
RESSURREIÇÃO DOS MORTOS
AINDA NÃO ACONTECERAM...



César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

**RESPOSTA AO LIVRO THE PAROUSIA
DE JAMES STUART RUSSELL**

*A SEGUNDA VINDA E A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS
AINDA NÃO ACONTECERAM...*

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2026

Índice

Sobre o autor	09
Prefácio de Daniel P. Rodrigues	10
Apresentação	15
Introdução	
Esclarecimento Importante!	18
Vida e Escritos do Rev. James Stuart Russell	19
A Publicação de <i>The Parousia</i>	20
Vida Tardia e Legado	21
O Parecer de Kenneth L. Gentry sobre a Obra de Russell	22
O Conceito de “vinda” na Bíblia e sua Importância	26
Confundindo as “Vindas” de Cristo no Prefácio	31
Reconhecimento da Vinda em Juízo na Introdução	33
Capítulo 1	
A Parousia de Cristo nos Evangelhos	51
O Fim da Era Judaica	52
A Parousia do Filho do Homem Durante a Vida dos Apóstolos	54
Conclusão deste Capítulo	63
Capítulo 2	
A Parousia no Livro de Atos dos Apóstolos	65
A Parousia e a Restauração de Todas as Coisas	76
Capítulo 3	
A Parousia na Epístola de 1ª aos Tessalonicenses	82
Expectativa da Rápida Vinda de Cristo	83
Consequências da Parousia Sobre os Discípulos de Cristo	86

Cristo Virá com Todos os Seus Santos	88
Eventos que Acompanham a Parousia:	
Ressurreição e Arrebatamento dos vivos	91
O Dia do Senhor e a Vigilância dos Fiéis	101
Capítulo 4	
A Parousia na Epístola de 2ª aos Tessalonicenses	109
A Parousia é o Tempo de Julgamento para os	
Inimigos de Cristo e de Libertação para Seu Povo	111
A Grande “reunião” dos Eleitos: Seria o	
Arrebatamento no ano 70 d.C.?	113
Capítulo 5	
A Parousia na Epístola de 1ª Coríntios	119
1ª Carta aos Coríntios: Atitude dos Coríntios	
em Relação à Parousia	119
O Caráter Judicial do Dia do Senhor	121
A Suposta Proximidade da Consumação	125
A Ressurreição dos Mortos; a Mudança dos Vivos;	
a Entrega do Reino	127
Os Santos Vivos São Transformados na Parousia	135
A “última trombeta” não Prova uma Ressurreição	
na Parousia do Ano 70 d.C.	143
Capítulo 6	
A Parousia na Epístola de 2ª Coríntios	147
A Expectativa da Futura Bem-Aventurança	
na Parousia	148
Capítulo 7	
A Parousia na Epístola aos Romanos	151
A Ressurreição e Libertação de Toda a Criação	151
Russell Pergunta se a Raça Humana Pode...	158
Herdeiros do Mundo: a Herança de Abraão na	
Ressurreição	163
Capítulo 8	
A Parousia nas Demais Epístolas de Paulo	180
A Parousia na Epístola aos Colossenses	180

A Parousia na Epístola aos Efésios	183
A Parousia na Epístola aos Filipenses	185
A Parousia na Epístola a Timóteo	190
Capítulo 9	
A Parousia nas Epístolas de João	194
Capítulo 10	
Milênio e Juízo Final	197
O Cumprimento da Profecia do Milênio	
Ultrapassa o Primeiro Século	200
Enfim, o Juízo Final	204
Conclusão	
Duas Vindas, Uma Linguagem Profética	213
Apêndice	
O Mau Uso da Palavra Grega <i>Mello</i> na	
Interpretação da Escatologia	217
Obras importantes para pesquisa...	221

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Prefácio de Daniel P. Rodrigues

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?”

(1 Co 5:6, KJF)

É impossível subestimar ou ignorar a importância de *The Parousia*, de J. Stuart Russell para o desenvolvimento do Preterismo como abordagem hermenêutica. A retórica sólida e a argumentação persuasiva que perpassam toda a obra em questão a tornam, em primeira análise, semelhante a um monólito imponente e inabalável, no que tange à solidez da tese defendida por seu autor. Em união a essa poderosa retórica, há uma intenção, para todos os efeitos, de grande nobreza: nas palavras do próprio autor, “averiguar o verdadeiro significado da Palavra de Deus” com respeito à Segunda Vinda de Cristo e aos eventos escatológicos descritos na Escritura.¹

Não à toa, muitos expositores ortodoxos reconhecem o impacto de *The Parousia* na formação de suas perspectivas escatológicas. O renomado teólogo reformado R. C. Sproul chegou a declarar que, após ler a obra em questão, “nunca poder[ia] ler o Novo Testamento novamente da mesma maneira.”² Do mesmo modo, Kenneth L. Gentry, o mais prolífico expositor do pós-milenismo das últimas

¹ J. Stuart Russell, *A Parousia* (ed. independente, 2026), p. 16.

² R. C. Sproul, “Foreword”, em *The Parousia* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), p.

décadas, descreve a obra de Russell como “magistralmente escrita”,³ embora condene suas conclusões últimas.

Eu mesmo, assim como os grandes nomes mencionados anteriormente, fui grandemente influenciado pela obra que é o assunto do presente tratado, e vejo-me compelido a reconhecer o seu valor ao leitor judicioso e munido de discernimento. No entanto, vejo-me ainda mais obrigado a reconhecer o que existe por trás de sua cativante retórica e sua argumentação altamente persuasiva: o pequeno e quase imperceptível, mas altamente devastador “fermento” da heterodoxia, o qual, como as Sagradas Escrituras nos alertam, “leveda a massa toda” (1 Co 5:6, KJF).

No afã de comprovar a validade das profecias contidas no Novo Testamento, J. S. Russell dispõe-se a romper quase que por completo com a ortodoxia cristã no que tange à Escatologia, afirmando que a Segunda Vinda, o Arrebatamento dos Santos, o Juízo Final e a Ressurreição Geral todas aconteceram em 70 d.C., em meio aos eventos circundantes à Guerra Judaico-Romana.

A negação de tais pontos não consiste numa mera divergência em pontos secundários, mas uma negação e oposição frontal à esperança mantida pela Igreja de Cristo desde sua fundação. Conforme o notório teólogo reconstrucionista David Chilton bem assevera:

Independentemente do que se possa dizer a respeito daqueles que sustentam tais noções, está claro que elas não estão em conformidade com nenhuma forma reconhecível de cristianismo ortodoxo. A Igreja una, santa, católica e apostólica sempre e em todos os lugares insistiu na doutrina do Juízo Final no fim dos tempos. Sua inclusão em todas as definições históricas da Fé é um testemunho universal de sua importância como um artigo de crença.⁴

³ Kenneth L. Gentry Jr., *He Shall Have Dominion* (Draper, VA: Apologetics Group, 2009), p. 277 n 3.

⁴ David Chilton, *Os Dias de Vingança* (Sumaré, SP: Pós-Milenismo Produções, 2025), p. 550.

A fim de validar sua argumentação e conclusões, Russell evoca para si o legado dos Reformadores de plena dependência no que é declarado pelas Escrituras:

A obra é quase inteiramente exegética; e não há qualquer tentativa de inventar ou estabelecer uma teoria, mas apenas de, por meio de uma interpretação honesta e fiel das Escrituras do Novo Testamento, permitir que elas falem por si mesmas.⁵

O fundamento do *modus operandi* Russell, todavia, não é o *Sola Scriptura* da Reforma, mas uma corrupção deste. O teólogo reconstrucionista Gary North, ao discorrer sobre a afirmação de Russell citada acima, adverte: “Sempre que alguém te disser que está meramente deixando os fatos falarem por si próprios, e que não possui nenhuma agenda oculta ou teoria subjacente, eu fortemente te aconselho a manter sua mão sobre a sua carteira e suas costas contra a parede.”⁶

A primazia das Escrituras no que tange à fé e à doutrina e a rejeição aos acréscimos de Roma, conforme defendida pelos Reformadores, jamais envolveu um enfoque revolucionário ou um divórcio da ortodoxia cristã. Conforme o teólogo reformado P. Andrew Sandlin o declara:

Ao contestarem a teoria revelacional das “duas fontes” postulada por Roma, os reformadores protestantes não estavam jamais argumentando que a doutrina da igreja do Ocidente era totalmente errônea. Os reformadores eram apenas isto: reformadores, não revolucionários. Eles estavam dispostos a defender a ortodoxia ecumênica herdada da Igreja Latina, por exemplo. Os reformadores eram todos trinitarianos, e aderiam aos dogmas dos concílios ecumênicos. Eles agiam assim, não porque reconheciam a autoridade final dos concílios da igreja, mas porque criam que esses concílios

⁵ Russell, *A Parousia*, p. 521.

⁶ Gary North, *Judgment and Dominion* (Dallas, GA: Point Five Press, 2012), p. 280.

ecumênicos *expressaram os ensinamentos bíblicos sobre os elementos centrais do cristianismo.*⁷

A ortodoxia cristã, conforme descrita nos credos, não é meramente uma questão de opinião pessoal por parte do cristão individual. Uma vez que esta ortodoxia é a descrição sintetizada dos ensinamentos bíblicos concernentes aos fundamentos do cristianismo, sua rejeição leva, por fim, ao individualismo interpretativo.

Como Andrew Sandlin bem declara, ao se abraçar o individualismo interpretativo, “a Bíblia não é mais a fonte da interpretação da Bíblia; antes, a mente do homem (falsamente igualada com a direção do Espírito Santo) é considerada como a fonte da interpretação da Palavra de Deus.”⁸ Este individualismo interpretativo, por sua vez, gera um relativismo doutrinário com respeito a outros princípios fundamentais do Cristianismo.

Não é de se admirar que o relativismo doutrinário fomentado por Russell, por diversas vezes, leva leitores incautos de sua obra a abraçarem de forma absoluta o herético Preterismo Completo. Embora Russell não fora um ‘Preterista Completo’ *strictu sensu* e tenha buscado se afastar de seus contemporâneos mais radicais,⁹ afirmando o fim do milênio e o julgamento de Satanás como eventos futuros,¹⁰ é inegável o fato de que muitos leitores de sua obra, quando desprovidos do preparo doutrinário ou do discernimento espiritual adequado, abraçam o Preterismo Completo em sua plenitude. Gary North assevera que “o livro de Russell é uma fonte comum e

⁷ P. Andrew Sandlin em Sandlin e Rushdoony, *Infalibilidade e Interpretação* (Brasília, DF: Monergismo, 2018), p. 91. Grifo adicionado.

⁸ *Ibid.*, p. 54.

⁹ Embora o Preterismo Completo não tenha existido como movimento antes de Max R. King, existiram poucos expositores anteriores a ele a proporem um preterismo heterodoxo, com a afirmação de um Milênio já consumado, no século XIX. Tais escritores, porém, não deixaram herdeiros teológicos, e seus poucos escritos não deram início a movimentos ou tradições.

¹⁰ Russell, *A Parousia*, pp. 479-82.

amplamente aceita pelos defensores contemporâneos do preterismo herético”.¹¹

Isso é demonstrado pelo fato de Max R. King, fundador do movimento moderno do Preterismo Completo, ter recorrido a Russell como precedente histórico para sua visão, no prefácio à segunda edição de uma de suas obras:

Naquela época [i.e., durante a escrita da primeira edição], não estava ciente de que outros já tinham escrito sobre esse assunto [i.e., Escatologia Consumada] nos séculos anteriores, como J. S. Russell (1816-1895).¹²

Dadas as consequências últimas dos princípios aplicados por Russell em sua argumentação e de suas conclusões resultantes, a iniciativa do presente tratado torna-se de grande valia para o estudo escatológico sadio. Nos capítulos a seguir, o irmão César Raymundo, de forma magistral, diseca os erros nos pressupostos e métodos de Russell, bem como as implicações de suas conclusões para a esperança do cristão e para a missão da Igreja no presente.

O meu desejo e a minha oração é que o presente material leve seus leitores a “batalhar pela fé que uma vez foi entregue aos santos” (Jd 3), rejeitando toda posição e ensino que contradiga a clara revelação das Escrituras e a gloriosa e bendita esperança mantida pelo Corpo de Cristo desde seu princípio.

Daniel P. Rodrigues
Editor e Tradutor, Pós-Milenismo Produções
www.posmilenismo.com.br

¹¹ North, *Judgment and Dominion*, p. 267.

¹² Max R. King, *The Spirit of Prophecy* (Colorado Springs, CO: Bimillennial Press, 2002), p. 5.

Apresentação

Sem sombra de dúvida, *The Parousia*, de James Stuart Russell, é um clássico da interpretação preterista da profecia bíblica. A obra é endossada por nomes de peso no Preterismo Parcial, como R. C. Sproul, Kenneth L. Gentry Jr., Gary DeMar (agora dissidente) e muitos outros. Eu mesmo, durante certo período, também endosseiei esse livro, acreditando que leitores com uma visão acadêmica poderiam analisá-lo com discernimento. Entretanto, refletindo sobre a responsabilidade que tenho como autor de diversas obras e sobre o compromisso que mantenho com meu público em favor da Verdade de Deus, decidi interromper o projeto de publicação de *The Parousia*, pois percebi que precisava examiná-lo mais profundamente.

Por essa razão, deixei temporariamente a obra de lado para me dedicar a outros materiais que, naquele momento, considere mais relevantes. Contudo, ao constatar que uma versão do livro foi publicada por um dissidente do Preterismo Parcial e perceber que *The Parousia* continua sendo uma das obras mais influentes dentro do movimento hiperpreterista, resolvi enfrentar diretamente seus argumentos. Embora eu já tenha publicado quase trinta trabalhos refutando o Preterismo Completo,¹³ até então não havia produzido um e-book especificamente dedicado à análise crítica de *The Parousia*.

¹³ Também conhecido como Hiperpreterismo, Preterismo Total, Escatologia Realizada, Escatologia Plena entre outros.

Decidi, então, ler atentamente as centenas de páginas da obra para compreender integralmente seu conteúdo — embora já estivesse familiarizado com muitas de suas seções — e, assim, responder com maior rigor aos equívocos que nela encontrei. Posso afirmar que uma parcela significativa do livro é aproveitável e oferece importantes insights. No entanto, a sutileza de seus desvios doutrinários acerca da Segunda Vinda de Cristo e da ressurreição possui um elevado potencial destrutivo para a vida espiritual dos crentes. Como certa vez ouvi de um irmão em Cristo (parafraseando suas palavras):

“Precisamos garantir que muitos não tenham acesso a determinados escritos do Preterismo Completo antes de amadurecerem na fé e na verdade”.

Creio que este e-book poderá representar um marco importante no debate sobre o tema. Até onde sei, não existe no Brasil uma obra dedicada exclusivamente à refutação de *The Parousia* (e nem poderia devido ao fato de serem muito recentes essas publicações preteristas completas). Assim, este trabalho busca oferecer uma resposta sistemática aos argumentos apresentados por Russell, contribuindo para uma avaliação crítica de sua influência teológica.

Antes de iniciar esta análise, é importante que o leitor considere a época em que *The Parousia* foi escrito. A obra foi publicada originalmente em 1878. Devemos lembrar que os séculos XVIII e XIX foram marcados por profundas transformações intelectuais, filosóficas e religiosas. Nesse período surgiram ou ganharam força movimentos e correntes de pensamento como o Marxismo, o Socialismo, o Iluminismo, o Darwinismo, o Mormonismo, o Adventismo, as Testemunhas de Jeová, a Ciência Cristã e o Dispensacionalismo – sendo este último o inimigo dos evangélicos. Também floresceram diversas correntes teológicas que questionavam doutrinas cristãs historicamente aceitas. Nesse contexto, não surpreende que tenham surgido obras defendendo que a Segunda

Vinda de Cristo já teria ocorrido, entre as quais *The Parousia* ocupa posição de destaque.

Por essa razão, muitos acabam concluindo, equivocadamente, que todo o Preterismo Parcial seria fruto do liberalismo teológico. É verdade que o liberalismo teológico se desenvolveu principalmente entre o final do século XVIII e o século XIX, especialmente em regiões protestantes da Alemanha. Esse movimento procurou reinterpretar a fé cristã à luz da razão, da ciência moderna e dos métodos históricos de estudo da Bíblia. Em vez de enfatizar doutrinas sobrenaturais e a autoridade absoluta das Escrituras, seus representantes buscaram harmonizar a religião com os avanços intelectuais de sua época.

Contudo, o fato permanece: o Preterismo Ortodoxo possui raízes muito anteriores ao liberalismo teológico. Elementos da interpretação preterista podem ser encontrados em escritos da Igreja antiga e em autores medievais, muito antes do surgimento das correntes liberais modernas. Portanto, não se deve confundir o Preterismo histórico e Ortodoxo com as formas extremas que vieram a se desenvolver posteriormente.

Espero que esta leitura seja proveitosa e edificante para o leitor. Minha oração é que este trabalho contribua para o fortalecimento da Fé Cristã e para o discernimento doutrinário, auxiliando os crentes em Jesus Cristo a reconhecer e rejeitar os erros do Preterismo Completo. Se considerar esta obra útil, compartilhe-a com outros irmãos, para que mais pessoas possam ser instruídas e fortalecidas na verdade das Escrituras.

O Autor.

Introdução

Esclarecimento Importante!

É importante que fique bem claro ao leitor, desde já, que não tenho o objetivo de refutar toda a obra de James Stuart Russell. Muito pelo contrário, é bastante provável que a maior parte — senão a esmagadora maioria — de *The Parousia* esteja em plena consonância com o Preterismo Parcial.

Por essa razão, meu foco estará restrito às passagens em que Russell trata da Segunda Vinda de Cristo, da ressurreição dos mortos e do Juízo Final. Em minha avaliação, não há necessidade de realizar uma análise longa e exaustiva de toda a obra, uma vez que grande parte de seu conteúdo não está em discussão neste livro.

No primeiro capítulo, concentro-me no tema da Parousia nos Evangelhos Sinóticos, a fim de oferecer ao leitor o contexto necessário e esclarecer muitas dúvidas. Há diversos conceitos equivocados que foram amplamente difundidos pelo Futurismo e que encontram respostas sólidas e bíblicas no Preterismo Parcial.

Embora eu apresente algumas análises, refutações e esclarecimentos já no Capítulo 1, é a partir do Capítulo 2, iniciando pelo livro de Atos dos Apóstolos, que passarei a examinar e refutar de forma sistemática as interpretações que considero equivocadas e heréticas de Russell acerca da Segunda Vinda de Cristo e da ressurreição dos mortos.

Vida e Escritos do Rev. James Stuart Russell

Para melhor compreensão do autor e de sua obra, apresento a seguir um resumo da vida e da trajetória ministerial do reverendo James Stuart Russell, extraído da publicação de *The Parousia*.¹⁴

James Stuart Russell (1816–1895) foi um pastor congregacionalista escocês, pregador respeitado, defensor da liberdade religiosa e importante líder da Aliança Evangélica. Formado em Aberdeen e preparado teologicamente em instituições não-conformistas, exerceu seu ministério em diversas igrejas da Inglaterra, destacando-se pelo crescimento das congregações que liderou e por seu envolvimento em movimentos de avivamento espiritual.

Além de seu trabalho pastoral, Russell teve forte atuação pública na promoção da unidade entre cristãos, da liberdade de consciência e da causa da temperança. Viajou amplamente apoiando iniciativas religiosas e humanitárias, sempre defendendo a separação entre Igreja e Estado. Também ficou conhecido por seu caráter gentil, ampla cultura e influência pessoal. Sua principal contribuição intelectual foi a obra *The Parousia*, considerada uma das mais importantes e controversas do século XIX sobre a doutrina da Segunda Vinda de Cristo. É lembrado como um dos mais destacados defensores da liberdade cristã de sua época.

¹⁴ A PAROUSIA - Uma Investigação Crítica SOBRE A DOCTRINA DO NOVO TESTAMENTO DA SEGUNDA VINDA DE NOSSO SENHOR, pg. 541. JAMES STUART RUSSELL, M.A., D. Div. Londres. 1ª Edição. IBISTER & CO. 56. LUGATE HILL—1878. 2ª Edição T. FISHERUNWIN 26 PATERNOSTERSQUARE—1887. Tradução e publicação: Mateus Fonseca Souza. --1. ed. — Cabo Frio, RJ: Mateus Fonseca Souza, 2026. Site: <https://arquivopreterista.blogspot.com/> Acessado dia 20/06/2026.

A Publicação de The Parousia

James Stuart Russell é mais conhecido por sua obra *The Parousia*, publicada originalmente em 1878. Durante muitos anos, ele manteve a convicção de que a Segunda Vinda de Cristo havia se cumprido no primeiro século da Era Cristã, mas evitou escrever ou falar amplamente sobre o assunto até amadurecer suas conclusões. À medida que estudava as Escrituras, via cada vez mais passagens se harmonizarem em torno dessa compreensão.

Sua obra apresentou uma exegese detalhada e rigorosa sobre a doutrina neotestamentária da Segunda Vinda de Cristo. O livro alcançou grande repercussão na Inglaterra e nos Estados Unidos, levando muitos leitores a reconsiderarem a interpretação tradicional da escatologia e a concluir que a Segunda Vinda de Cristo já havia ocorrido na era apostólica.

O impacto da obra foi tão significativo que a *University of Aberdeen* concedeu a Russell o título honorário de Doutor em Divindade (D.D.) em 1888. Até hoje, *The Parousia* é considerada uma das mais importantes defesas da interpretação preterista, sendo frequentemente consultada por estudiosos que se dedicam ao estudo da profecia bíblica.

Russell entendia que libertar a interpretação das profecias das tradições estabelecidas era uma extensão da luta pela liberdade religiosa, permitindo que as Escrituras fossem examinadas por si mesmas, sem a imposição de sistemas teológicos ou eclesiásticos previamente definidos.

Por aqui vemos que a interpretação de Russell começa com uma ruptura da Fé Cristã Ortodoxa e já deixa uma dúvida no ar: como fica

a Obra do Espírito Santo em conduzir a Igreja a toda a verdade? Jesus prometeu aos seus discípulos:

“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade”.

- João 16:13

Se a tese de Russell estiver correta, então a Igreja teria permanecido enganada por cerca de dezenove séculos em uma doutrina considerada essencial, até que ele surgisse para restaurar essa suposta verdade perdida. Tal conclusão parece incompatível com a promessa de Cristo e com a contínua atuação do Espírito Santo na preservação e instrução de Sua Igreja ao longo da história.

Afirmar que toda a Cristandade esteve equivocada durante quase dois mil anos sobre um tema tão fundamental equivale a lançar uma séria dúvida sobre a Obra do Espírito da Verdade. Essa perspectiva não apenas desafia a tradição cristã histórica, mas também levanta questões profundas sobre a fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas à sua Igreja.

Vida Tardia e Legado

Segundo a seção “VIDA E ESCRITOS DO REV. JAMES STUART RUSSELL” no livro *The Parousia* os “últimos anos [de Russell] foram marcados por enfermidades e dores crônicas. Russell suportou tudo com paciência viril e até alegria, sustentado pela fé e pela frase recorrente: “Em Cristo, a rocha sólida, estou em pé!”. Sua esposa, Jane Ayrton Russell, e sua única filha, Mary Ann Russell, cuidaram dele com devoção incansável. Faleceu pacificamente em 5 de outubro de 1895, aos 78 anos, após 52 anos de ministério, em sua residência no nº 115 Ladbroke Grove, Kensington/Notting Hill, Londres.

O sepultamento ocorreu em 10 de outubro de 1895 no Kensal Green Cemetery (Royal Borough of Kensington and Chelsea, Greater London). Muitos amigos do ministério, sociedades e congregações acompanharam o cortejo até a capela onde pregara por tantos anos e depois ao túmulo. Seu memorial, bem como o da sua esposa que morreu em 19 de julho de 1894, podem ser vistos no Find a Grave”.¹⁵

O Parecer de Kenneth L. Gentry Jr. sobre a Obra de Russell

Em seu artigo *J. Stuart Russell & Milton Terry eram “futuristas”?* o Dr. Gentry diz o seguinte:

“A título de ilustração, gostaria de apontar para J. Stuart Russell, que escreveu um livro no final de 1800 que tem sido uma espécie de “Bíblia” para a religião hiperpreterista: *A Parousia: Um Estudo da Doutrina do Novo Testamento da Segunda Vinda de Nosso Senhor*. Surpreendentemente, porém, ele afirma que ainda existem algumas profecias não cumpridas, violando assim a teologia hiperpreterista que exige que entendamos todas as profecias bíblicas como tendo sido cumpridas por volta do ano 70 d.C. Considere o seguinte.

Com relação ao milênio em Apocalipse 20, Russell segue o preterista ortodoxo Moses Stuart ao reconhecer que o reinado de Cristo de mil anos vai muito além do ano 70 d.C. e para um futuro distante. Russell escreveu sobre a observação de Stuart:

“Acreditamos... que este é o exemplo solitário que todo o livro contém dessa excursão além dos limites de 'em breve'; e concordamos com Stuart que nenhuma dificuldade razoável pode ser feita por causa dessa única exceção à regra. Veremos também, à medida que prosseguirmos, que

¹⁵ Idem nº 14, pg. 543.

o evento referido como tendo ocorrido após o término dos mil anos são preditos como em uma profecia ” (p. 514).

Isso para o Hiperpreterista é uma heresia! Pois eles acreditam que todas as profecias foram cumpridas no ano 70 d.C.

Russell afirma isso novamente na p. 522:

“É evidente que a previsão do que acontecerá no final dos mil anos [isto é, Apocalipse 20:7–10] não está dentro do que nos aventuramos a chamar de 'limites apocalípticos'. Esses limites, como somos repetidamente advertidos no próprio livro, são rigidamente confinados por uma bússola muito estreita; as coisas mostradas 'acontecerão em breve'. Seria um abuso de linguagem dizer que eventos à distância de mil anos iriam acontecer em breve; somos, portanto, compelidos a considerar essa predicação como estando fora dos limites apocalípticos”.

Segundo a doutrina hiperpreterista, isso é futurismo, uma forma de heresia para eles que deve ser desprezada.

Mas Russell continua (p. 522):

“Devemos, conseqüentemente, considerar esta predição da libertação de Satanás e os eventos que se seguem, como ainda futuros e, portanto, não cumpridos. Não sabemos de nada registrado na história que possa ser aduzido como um provável cumprimento desta profecia”.

Em seguida, acrescenta (p. 523):

“Acreditamos ser este o único exemplo em todo o livro de uma excursão a um futuro distante; e estamos dispostos a considerar o parêntese completo como relacionado a questões ainda futuras e não cumpridas”.

O homem não tem vergonha?! Ele deve ser um dispensacionalista!

Em outro lugar, ele até escreve como um pós-milenista defendendo um futuro desenvolvimento profético do reino de Deus na terra (p. 553–54):

“Certamente, não foi em vão que Jesus disse: 'Eu sou a Luz do Mundo.' 'Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo por meio dele fosse salvo.' 'Eu, se for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim’”.

Ele continua:

Paulo “não hesita em afirmar que a obra restauradora de Cristo irá, no final das contas, mais do que reparar a ruína operada pelo pecado. Não está dentro do escopo desta discussão argumentar em bases filosóficas a probabilidade natural de um reinado da verdade e retidão na terra; estamos felizes por ter a certeza da consumação em bases mais elevadas e seguras, até mesmo as promessas dAquele que nos ensinou a orar: 'Seja feita a tua vontade na terra, assim como no céu.' Pois cada oração ensinada por Deus contém uma profecia e transmite uma promessa. Este mundo não pertence mais ao diabo, mas a Deus. Cristo o redimiou e irá restaurá-lo e atrair todos os homens a Ele”.

É bom ver que Russell se apega a alguns elementos futuristas em seu sistema preterista “completo”. Infelizmente, seu novo paradigma teológico solapa as principais posições escatológicas que a Igreja tem mantido por muito tempo: um Segundo Advento futuro, visível e físico; uma futura ressurreição corporal dos mortos; e um futuro Julgamento Final de todos os homens.

Como um aparte, é uma pena que parte do “futurismo” de Russell permite a continuação da revelação divina:

“Não há presunção contra novas revelações. Por que se deve pensar que Deus falou Sua última palavra aos homens?” (p. 552).

Esta é uma área em que ele não deveria ter permitido um elemento futurista”.¹⁶

Sob esse aspecto, Russell não foi um preterista completo no sentido mais rigoroso do termo, pois deixou o futuro em aberto em diversos pontos de sua interpretação. Entretanto, o grande problema de sua teologia está na afirmação de que Jesus já voltou e que a ressurreição dos mortos já ocorreu. Tal posição entra em conflito direto com a esperança histórica da Igreja e levanta sérias questões sobre a Obra do Espírito Santo na condução do povo de Deus à verdade.

Além disso, o próprio Novo Testamento apresenta um exemplo de erro semelhante. O apóstolo Paulo advertiu sobre Himeneu e Fileto, os quais “se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns” (2ª Timóteo 2:17-18). A crítica apostólica não foi dirigida apenas a detalhes secundários da doutrina, mas ao próprio fato de afirmarem que a ressurreição já havia ocorrido. Assim, a ideia de uma ressurreição plenamente consumada no passado encontra um sério obstáculo no ensino apostólico.

Se a Segunda Vinda de Cristo já aconteceu e a ressurreição já se consumou, onde está a restauração de todas as coisas prometida pelas Escrituras? Onde está a consumação final do Reino de Deus? Ao remover esses eventos do futuro, Russell acaba privando a Igreja de sua expectativa escatológica histórica e de sua esperança culminante.

¹⁶ J. Stuart Russell & Milton Terry eram "futuristas"? Por Kenneth L. Gentry, Jr. <https://postmillennialworldview.com/2020/07/10/j-stuart-russell-was-a-futurist-after-all/> Acessado 25 de Novembro de 2020

O resultado é uma visão em que o futuro se torna incerto e sem uma direção claramente definida. A Igreja deixa de olhar para a gloriosa manifestação futura de Cristo e para a plena renovação da criação, perdendo o grande horizonte escatológico que sustentou a Fé Cristã ao longo dos séculos.

Por isso, não podemos jamais dissociar Russell com seu livro *The Parousia* do moderno movimento Hiperpreterista. Sem dúvida ele acabou por lançar as sementes desse mal que tenta assolar a Igreja de Cristo.

O Conceito de “vinda” na Bíblia e sua Importância

A palavra παρουσία (presença/vinda) não significa somente a Segunda Vinda final de Cristo. Os preteristas completos usam essa palavra como uma regra constante para significar somente Segunda Vinda. Muitas vezes eles acusam que os preteristas parciais creem num “terceira vinda” de Cristo. Mas este não é o caso. Como a maioria dos cristãos, os preteristas completos desconhecem as diversas “vindas” de Cristo no decorrer da história humana.

Ao examinarmos cuidadosamente as Escrituras, percebemos que a Bíblia apresenta diversas formas pelas quais Cristo vem ao longo da história da redenção.

A Vinda Espiritual de Cristo

Jesus prometeu que não deixaria Seus discípulos órfãos. Em João 14:16,18,23, Ele declarou:

“Eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”.

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós”.

“Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada”.

Essas palavras se cumpriram especialmente no Pentecostes (Atos 2), quando o Espírito Santo foi derramado sobre a Igreja. Desde então, toda pessoa que nasce de novo experimenta essa vinda espiritual de Cristo em sua vida. O Senhor passa a habitar em Seu povo por meio do Espírito Santo (Romanos 8:9).

Antes da conversão, as pessoas estão sem Cristo. Mas, quando são alcançadas pela graça de Deus, Cristo vem espiritualmente a elas, transformando seus corações e concedendo-lhes nova vida.

A Vinda de Cristo na Comunhão dos Crentes

Outra forma pela qual Cristo vem ao Seu povo ocorre na comunhão espiritual. Em Apocalipse 3:20, Ele declara:

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele comigo”.

A linguagem da ceia representa comunhão, amizade e relacionamento íntimo. Cristo não está distante de Seu povo; Ele se aproxima continuamente daqueles que O recebem.

Da mesma forma, em Mateus 18:20, Jesus prometeu:

“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.

Sempre que o povo de Deus se reúne para adorá-Lo, Cristo está presente entre os Seus.

A Vinda de Cristo na Morte dos Santos

A Escritura também ensina que Cristo vem ao encontro de Seus servos quando estes deixam este mundo.

Em João 14:3, Jesus prometeu:

“E quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também”.

Quando um cristão morre, ele não permanece separado de Cristo. Pelo contrário, entra imediatamente em Sua presença. Paulo expressou essa esperança ao desejar “partir e estar com Cristo” (Filipenses 1:23).

O martírio de Estêvão ilustra essa verdade. Antes de morrer, ele viu o Senhor glorificado e clamou:

“Senhor Jesus, recebe o meu espírito”.

- Atos 7:59

Assim, Cristo vem receber Seus servos na hora da morte.

A Vinda de Cristo ao Pai em Sua Ascensão

Existe ainda uma vinda frequentemente esquecida: a Ascensão.

Enquanto os discípulos viram Jesus subir ao Céu, Daniel descreveu o mesmo acontecimento do ponto de vista celestial:

“Eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias”.

- Daniel 7:13

Aqui vemos Cristo vindo à presença do Pai para receber autoridade, domínio e reino. Sua Ascensão foi uma vinda ao Céu, não uma vinda à Terra.

A Vinda Metafórica de Cristo em Julgamentos Históricos

A Bíblia frequentemente utiliza a linguagem da vinda de Deus sobre as nuvens para representar julgamentos históricos.

Um exemplo encontra-se em Isaías 19:1:

“Eis que o Senhor vem cavalcando numa nuvem ligeira e entra no Egito”.

Obviamente, Deus não apareceu literalmente montado sobre uma nuvem. Trata-se de uma linguagem profética que simboliza Sua intervenção em julgamento contra aquela nação.

Esse mesmo simbolismo aparece em diversas passagens do Antigo Testamento. As nuvens frequentemente representam a majestade divina exercendo juízo na história.

No Novo Testamento, Jesus emprega a mesma linguagem ao falar de Seu julgamento contra Jerusalém. Em Mateus 24:30-34, Ele associa Sua vinda nas nuvens a eventos que ocorreriam naquela geração. Da mesma forma, Mateus 23:36 declara:

“Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração”.

Essa linguagem deve ser compreendida à luz do uso profético do Antigo Testamento, onde a vinda nas nuvens frequentemente simboliza a manifestação do poder divino em atos de julgamento.

A Vinda Literal e Gloriosa de Cristo

Embora existam diversas vindas espirituais e metafóricas de Cristo nas Escrituras, a Bíblia também ensina claramente uma futura vinda literal, corporal, pública e gloriosa do Senhor.

Após Sua ressurreição, Jesus ascendeu aos Céus diante dos discípulos. Então os anjos lhes disseram:

“Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”.

- Atos 1:11

A promessa é clara: o mesmo Jesus que subiu retornará. Seu retorno será pessoal, visível e glorioso.

As Escrituras apresentam essa esperança como o grande clímax da história. Cristo, que veio ao mundo para salvar, retornará para consumir plenamente Seu Reino, ressuscitar os mortos, julgar a humanidade e renovar todas as coisas.

O Senhor Jesus está presente com Seu povo hoje por meio do Espírito Santo. Ele vem aos crentes na regeneração, na comunhão, na adoração e na hora da morte. Veio em julgamentos históricos ao longo da história. Veio ao Pai em Sua Ascensão. Mas ainda aguardamos Sua grande e gloriosa manifestação futura, quando todo olho O verá e Seu Reino será plenamente revelado.

Confundindo as “Vindas” de Cristo no Prefácio

Russell começa seu prefácio falando algo que até mesmo os céticos e críticos da Bíblia já haviam percebido. Ele escreveu que “nenhum leitor atento do Novo Testamento pode deixar de se impressionar com a proeminência dada pelos evangelistas e pelos apóstolos à PAROUSIA, ou a “vinda do Senhor”. Esse evento é o grande tema da profecia do Novo Testamento. Não há praticamente um único livro, desde o Evangelho de São Mateus até o Apocalipse de São João, no qual ele não é apresentado como uma gloriosa promessa de Deus, uma bendita esperança da igreja. Foi frequentemente e solenemente prevista por nosso Senhor; foi incessantemente mantido diante dos olhos dos primeiros cristãos pelos apóstolos; e foi firmemente acreditada e ansiosamente esperada pelas igrejas da era primitiva”.¹⁷

Um artigo crítico das Escrituras Sagradas diz que “na Bíblia existem muitas profecias mas, sem dúvida, uma das mais conhecidas e celebradas é a do JUÍZO FINAL, a SEGUNDA VINDA de Cristo, que virá recolher todos aqueles que nele creram e dar-lhes o Reino dos Céus e a Vida Eterna como recompensa (apesar de haver divergências sobre como será esse retorno)”.¹⁸

E o artigo complementa:

“O problema é que, segundo a Bíblia, isso já deveria ter acontecido há muito tempo!”¹⁹

¹⁷ Idem nº 14, pg. 561.

¹⁸ A Grande Falha Profética do Retorno de Jesus Cristo. Site: www.acidezmental.xpg.com.br/retorno_jesus.html Acessado em 22 de Setembro de 2012.

¹⁹ Idem nº 18.

Por isso, com base em passagens bíblicas que parecem indicar uma expectativa iminente da Vinda de Cristo, muitos estudiosos (incluindo Russell), segundo sua interpretação dos textos cristãos mais antigos, afirmam que os primeiros membros da Igreja viviam na expectativa de que a volta do Senhor ocorreria em um futuro próximo. Essa percepção se apoia em textos do Novo Testamento que expressam um senso de urgência e vigilância em relação à Sua Vinda. Segundo essa interpretação, com o passar dos anos, porém, essa expectativa não se realizou da forma como alguns imaginavam, levando as comunidades cristãs a refletirem sobre o significado da espera. Em razão disso, diversos estudiosos passaram a empregar a expressão “atraso da parousia” para descrever a aparente demora da Segunda Vinda de Cristo em relação às expectativas que, segundo eles, existiam entre muitos cristãos da Igreja primitiva.

Mas, uma vez que já vimos, pelas Escrituras Sagradas, que existem diferentes **TIPOS** de Vindas de Cristo, surge uma pergunta inevitável: sobre qual dessas Vindas os cristãos primitivos depositavam sua expectativa?

O próprio Russell precisou enfrentar essa questão e optou por afirmar que a esperança da Igreja primitiva estava voltada para a Segunda Vinda de Cristo. Os ateus, céticos e críticos da Bíblia costumam argumentar que, tanto no caso de Russell quanto no de outros intérpretes, a ideia de que Cristo realmente veio seria uma espécie de “jeitinho” para evitar a conclusão de que Jesus falhou em Sua profecia.

Entretanto, se Russell estivesse correto ao afirmar que a Segunda Vinda de Cristo ocorreu nos tempos da Igreja primitiva, surgiriam problemas teológicos praticamente insuperáveis. O que dizer das promessas de Deus ainda não cumpridas? Como explicar a restauração da criação, que claramente ainda não aconteceu? E qual

seria o futuro da humanidade, se todos esses eventos já tivessem sido consumados?

Além disso, haveria uma questão ainda mais séria: o papel do Espírito Santo. Se a Igreja esteve equivocada durante quase dois mil anos quanto à Segunda Vinda de Cristo, isso significaria que o Espírito Santo permaneceu inativo durante todo esse período, permitindo que sucessivas gerações de cristãos permanecessem no erro. Tal conclusão representaria um verdadeiro ultraje à obra do Espírito da Verdade, cuja missão é conduzir a Igreja em toda a verdade.

Ao longo deste e-book, o leitor perceberá o quanto a interpretação de Russell é incoerente. Verá também que seus próprios escritos fornecem elementos que reforçam a compreensão de que a Igreja jamais esteve enganada sobre a Segunda Vinda de Cristo e que nunca deixou de ser guiada e ensinada pelo Espírito de Cristo.

Ao concluir seu prefácio, Russell deixa explícito que sua proposta representava uma ruptura com a tradição da Igreja. Ele escreveu:

“Será uma recompensa suficiente de seu trabalho se ele conseguir elucidar em qualquer grau aqueles ensinamentos da revelação divina que foram obscurecidos por preconceitos tradicionais ou mal interpretados por uma exegese errônea”.²⁰

Reconhecimento da Vinda em Juízo na Introdução

Russell começa a introdução de *The Parousia* destacando que o livro de Malaquias encerra o Antigo Testamento com uma forte mensagem de julgamento. Em vez de enfatizar apenas as promessas de

²⁰ Idem nº 14, pg. 17.

restauração, o profeta denuncia a rebeldia persistente de Israel e anuncia a proximidade do “grande e terrível Dia do Senhor”. Segundo Russell, esse julgamento seria precedido pela vinda de João Batista, o mensageiro prometido que prepararia o caminho para o Senhor, não apenas como Salvador, mas também como Juiz. Dessa forma, já nas primeiras páginas de sua obra, Russell reconhece a existência de uma Vinda de Cristo em juízo relacionada ao julgamento de Israel. Ele mesmo considera que “esta é uma vinda a julgamento”²¹ e, acrescenta, que a mesma “está esclarecida pelas palavras que se seguem imediatamente, e que descrevem o alarme e a consternação causados por sua manifestação: “Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? (Malaquias 3:2)”²².

O que Russell diz é o mesmo que os preteristas parciais defendem: que o julgamento de Jerusalém, no ano 70 d.C., constitui uma Vinda de Cristo em juízo. Se ele parasse por aí, estaríamos alinhados com sua interpretação. No entanto, ao continuar comentando Malaquias 3:2, Russell acrescenta mais adiante que “não se pode dizer que esta linguagem seja apropriada para a primeira vinda de Cristo; mas é altamente apropriada para Sua segunda vinda”.²³ Assim, ele conclui, de forma equivocada, que a Vinda de Cristo no ano 70 d.C. não foi apenas uma Vinda em juízo contra Jerusalém, mas a própria Segunda Vinda de Cristo.

Na sequência, ele diz algo digno de nota:

“Há uma clara alusão a esta passagem [de Malaquias 3:2] em Apocalipse 6:17, onde “os reis da terra, e os grandes, os ricos, os capitães”, etc., são representados como “escondidos da face do que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, dizendo: O grande dia da sua ira chegou, e quem poderá subsistir?”. Nada pode ser mais

²¹ Idem nº 14, pg. 22.

²² Idem nº 14, pg. 22.

²³ Idem nº 14, pg. 22.

claro de que “o dia da sua vinda” em Malaquias 3:2 é o mesmo “o grande e terrível dia do Senhor” de Malaquias 4:5 e que ambos correspondem ao “grande dia de sua ira” em Apocalipse 6:17.

Concluimos, portanto, que o profeta Malaquias fala, não do primeiro advento de nosso Senhor, mas do segundo”.²⁴

- O grifo é meu.

Russell conclui, então, que o “grande e terrível Dia do Senhor” corresponde à Segunda Vinda de Cristo, a qual, segundo sua interpretação, ocorreu no ano 70 d.C. No entanto, há um ponto muito importante para o nosso estudo: a expressão “Dia do Senhor” segue o mesmo padrão das diversas Vindas de Deus ou de Cristo registradas nas Escrituras. Assim como existem várias vindas em juízo, também existem vários “Dias do Senhor”, cada um relacionado a um ato específico de julgamento de Deus na história.

Sobre esse assunto, o teólogo Brian Godawa escreveu:

“O “dia do Senhor” é também uma frase que é frequentemente associada com a segunda vinda de Cristo. Mas um estudo cuidadoso da Escritura mostra que o “dia do Senhor” é uma referência genérica do Antigo Testamento a qualquer tempo em que o Senhor “vem” em julgamento sobre uma nação ou cultura. Já houve muitos “dias do Senhor” no passado, e todos deles que foram descritos como “pertos” aconteceram de fato “perto” daqueles a quem as palavras foram pronunciadas”.²⁵

Em seu artigo, Godawa cita vários “Dias do Senhor”, como o saque de Jerusalém em 586 a.C. (Obadias 15; Sofonias 1:7), a destruição de Israel pelos assírios (Amós 5:18), a queda da Babilônia diante dos medos em 539 a.C. (Isaías 13:6, 11, 13, 17, 19), a queda de

²⁴ Idem nº 14, pg. 23.

²⁵ O Dia do Senhor. Brian Godawa. Fonte: Apêndice 1 do There Will Be No Future “End Times”, Rapture, Great Tribulation Or Anti-Christ. Site: www.monergismo.com

Edom (Isaías 34:5), a queda do Egito por Nabucodonosor (Jeremias 46:1-2, 10) e a destruição de Israel por Deus (Sofonias 1:7, 14-15).²⁶

Godawa conclui:

“O Antigo Testamento profetiza um “dia do Senhor” para Israel, no qual Deus julgará Jerusalém. Esse “dia do Senhor” é a destruição de Jerusalém por Roma e a Destruição do Templo sobre a qual Jesus falou”.²⁷

Tendo em consideração que os Dias do Senhor em julgamento são muitos ao longo da história antiga para várias nações (inclusive Israel), Russell está alinhado com o Preterismo Parcial quando escreveu que “é importante notar que tudo isso faz referência clara e específica à terra de Israel. A mensagem do profeta é para Israel; os pecados reprovados são os de Israel; A vinda do Senhor é para o seu templo em Israel; A terra ameaçada com uma maldição era a terra de Israel”²⁸ no ano 70 d.C.

O problema para a tese de Russell aparece então no período depois do ano 70 d.C., pois é fato que a história humana continuou e que os juízos de Deus não pararam. Por isso, outros “Dias do Senhor” continuam acontecendo até o fim, assim como outras “vindas de Cristo”, tanto em juízo quanto na vida do crente recém-convertido. O próprio andamento da história humana mostra que haverá um fim definitivo. Houve e ainda há vários “fins” e recomeços: o fim de nações e o surgimento de outras, como parte do julgamento de Deus. Nesse processo, Deus está no começo e no fim de todas as coisas. Por isso Ele diz: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Apocalipse 22:13). Ainda assim, existe o fim dos

²⁶ Idem nº 25.

²⁷ Idem nº 25.

²⁸ Idem nº 14, pg. 25.

tempos, quando restará apenas o Juízo Final ou o último Dia do Senhor que é a Sua Vinda.

Em Isaías 41:4 e 46:9-11, Deus diz:

“Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, eu, o Senhor, **o primeiro, e com os últimos eu mesmo**”.

- O grifo é meu.

“Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprei; tomei este propósito, também o executarei”.

O teólogo Samuel Frost comenta estes versículos:

“...ao analisar os comentários de judeus, liberais, conservadores, católicos e protestantes, todos de uma maneira bela concordam que “início” e “fim” aqui falam sobre o período do tempo desde a criação do tempo até o fim dos tempos. O tempo não é eterno. Além disso, a doutrina da soberania de Deus é diretamente ensinada a partir desses versículos. Ele sabe tudo”.²⁹

Não sendo o tempo eterno, pois Deus, o Senhor, “estava lá quando tudo começou e que lá estarei quando tudo terminar” (Isaías 41:4 – NTLH),³⁰ é de se supor que o número dos eleitos há de ter um fim ou será completado em algum ponto da história. A posição recente do Preterismo Completo exige que o número dos eleitos cresça

²⁹ Por que Abandonei o Preterismo Completo - O testemunho de Samuel M. Frost, pg. 41. Samuel M. Frost. Revista Cristã Última Chamada. Site: www.revistacrista.org

³⁰ NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

indefinidamente, uma vez que a história nunca chega ao fim. Para o preterista completo, este mundo de pecado e morte não terá término, surgindo continuamente novas pessoas sem qualquer limite, já que não existe um encerramento da história nem um número final de eleitos.

Mas, se há um número definido de eleitos, então esse número precisa ser completado. Isso aponta diretamente para um encerramento da história, com um último “Dia do Senhor” e a Vinda final de Cristo, realidade que Russell nega.

O capítulo 6 do Evangelho de João traz a resposta sobre o número dos eleitos e sua conexão com o Dia da ressurreição final.

João 6:39 diz:

“E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia”.

No Evangelho de João é dito que a ressurreição dos mortos acontecerá no “último dia”, não o último dia de Jerusalém no ano 70 d.C. (João 6:39- 40, 44, 54; 11:24; 12:48). Se o leitor não entender especificamente o termo “últimos dias” referindo-se a Jerusalém nas Escrituras, não conseguirá entender que existe um “último dia” para a história humana.

A ideia de Russell e de qualquer preterista completo ao ensinar que o “último dia” estava em algum lugar no ano 70 d.C., cai por terra com a questão do número completo dos eleitos em João 6:39. O teólogo Samuel M. Frost escreveu que tanto os “calvinistas e os arminianistas entenderam esse versículo para ensinar que Deus conhece todos os seus povos (embora eles diferem sobre como). E, não apenas esse verso. “...o Senhor conhece os que são dele” (2ª Timóteo 2:19). Todos eles. Cada um em todo mundo. Então, o que

isso tem a ver com o infinito? Bem, os preteristas completos, em geral, ensinam que o mundo não terá fim. O “nascimento de bebês” não terá fim. Nós denominamos isso de “procriação infinita”. Afinal, para que a história seja história, você deve ter pessoas! E, uma vez que a história nunca terminaria, portanto, a procriação seria infinita. Usaremos o lema de que “a Bíblia em nada fala sobre o fim dos tempos, mas apenas sobre o tempo do fim”, que, claro, era o ano 70 d.C. Em segundo lugar, os preteristas completos ensinam que Jesus veio estabelecer uma aliança eterna, “mundo sem fim”. Por que Ele voltaria para acabar com uma aliança eterna?”³¹

Frost continua:

“No entanto, se Deus conhece todas e cada uma das pessoas que são “dEle”, como isso pode ser um número cada vez maior? Infinito, por definição, não tem “todos”. “Todos” é uma categoria contida, com um começo e um fim. O que temos, então, em aplicação a um número infinitamente crescente de quem Deus conhece e ao mesmo tempo, dizendo que Ele os conhece a todos é uma contradição lógica (não um paradoxo, mas uma contradição clara).

De acordo com a Confissão de Westminster, o conhecimento de Deus daqueles que são salvos é um número “tão certo e definitivo que não pode ser aumentado ou diminuído” (III.4). Esse número é o “todo” que o Pai deu ao Filho. Não é um número infinitamente crescente. Assim sendo, a história deve terminar. Eclesiastes 3:11 afirma que:

“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as

³¹ Por que Abandonei o Preterismo Completo - O testemunho de Samuel M. Frost. Samuel M. Frost, pg. 39. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_porque_abandonei_o_preterismo_completo.html Acessado dia 29/06/2026

obras que Deus fez desde o princípio até ao fim”.³²

O que ficou claro até aqui é que, enquanto continuam nascendo crianças pelo mundo, também haverá muitos que ainda poderão se converter no futuro. E para cada um deles, Jesus disse: “Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:39).

Por uma questão lógica, a cada nova geração e a cada nova criança que nasce como possível futuro convertido, o “último dia” permanece sempre à frente com a promessa da ressurreição. Nesse sentido, enquanto houver novos nascimentos, ainda haverá eleitos a serem chamados. Mas, quando o último eleito tiver nascido e completado o número final, então chegará o último dia, sem mais novos nascimentos.

Assim, o fim virá: o último “Dia do Senhor”, o Juízo Final e a Vinda definitiva de Cristo acontecerão.

Dessa forma, a tese de Russell contra a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição final no último dia da história humana perde sua sustentação.

Os “últimos dias” Num Sentido Mais Amplo

Todos os preteristas completos ou parciais concordam que, a partir da manifestação de Jesus Cristo, começaram os “últimos dias” da Antiga Aliança, que se estenderam até a sua destruição no ano 70 d.C.

Textos como Hebreus 1:1-2 afirmam que Deus, “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho”. Da mesma forma, 1ª Pedro 1:20-21

³² Idem nº 31, pg. 40.

declara que Cristo, “conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado nestes últimos tempos por amor de vós”.

Além desses, há muitos outros textos bíblicos que falam dos “últimos dias”, reforçando essa mesma ideia ao longo do Novo Testamento. Essas passagens são usadas para sustentar que os “últimos dias” eram os dias da Igreja primitiva e se referem ao período inaugurado com Cristo passando pelo fim da Antiga Aliança no ano 70 d.C.

Em muitos textos das Escrituras, a expressão hebraica traduzida como “últimos dias” pode simplesmente significar “dias futuros”, “tempo posterior” ou “o que ainda está por vir”. Alguns estudiosos observam que o hebraico do Antigo Testamento não possui um termo específico para “futuro distante”, o que ajuda a explicar esse uso mais amplo da expressão. A frase “nos últimos dias” não precisa ser entendida em sentido escatológico, mas apenas como referência ao futuro.

No Antigo Testamento, encontramos a distinção entre “dias passados” (Deuteronômio 4:32), referindo-se ao passado, e “dias futuros” (Deuteronômio 4:30), apontando para o que ainda viria. Essa ideia aparece também na fala de Moisés ao advertir Israel sobre o que ocorreria após sua morte:

“Porque eu sei que depois da minha morte certamente vos corrompereis, e vos desviareis do caminho que vos ordenei; então este mal vos alcançará **nos últimos dias**, quando fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos”.

- Deuteronômio 31:29 – o grifo é meu.

Nesse contexto, quando Moisés fala que o mal alcançaria o povo “nos últimos dias”, não necessariamente está se referindo a um futuro distante de milhares de anos, mas a um período posterior à sua morte.

Esse uso pode ser relacionado ao período dos juízes, quando Israel efetivamente se afastou do Senhor:

“Por isso a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e disse: Porquanto este povo transgrediu a minha aliança, que tinha ordenado a seus pais, e não deram ouvidos à minha voz, tampouco desapossarei mais de diante deles a nenhuma das nações, que Josué deixou, quando morreu...”.

- Juízes 2:20-21

Veja a seguir alguns exemplos bíblicos sobre o uso da frase “últimos dias”:

Nos “últimos dias”	Cumprimento
Gênesis 49:1	Os descendentes imediatos de Jacó
Números 24:14	Davi destruiu os Moabitas
Deuteronômio 4:30	Período dos juízes
Deuteronômio 31:29	Período dos juízes e seguintes
Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1	Período do Messias
Jeremias 23:30; 30:24	Babilônia
Jeremias 48:47	Pentecostes
Jeremias 49:39	Pentecostes
Daniel 2:28	Sucessão de potências mundiais antigas
Daniel 8:17, 19	Antíoco Epifanes (175-164 a.C.)
Daniel 10:14	Ciro a Antíoco Epífanes
Oséias 3:5	Atos 2

Além desse significado da frase “últimos dias”, há também um sentido mais amplo do tema, que vai além do período da Igreja primitiva.

Primeiramente, na interpretação bíblica, é fundamental lembrar que o CONTEXTO é tudo. Assim, se existe um “último dia” da humanidade, marcado pela ressurreição final, isso implica necessariamente que haverá um período de “últimos dias” que o

antecede, preparando esse ato final de Deus. É exatamente esse o ponto central.

Além dos “últimos dias” associados à era judaica e de outros “últimos dias” encontrados em diferentes períodos do Antigo Testamento, também podemos considerar que a “Era do pecado e da morte” terá os seus “últimos dias”. A própria Escritura descreve o período entre a Primeira Vinda de Cristo e Sua Segunda Vinda como “últimos tempos”. Veja o que Isaías diz a respeito (observe com atenção as palavras destacadas):

“Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Deus, nos **PRIMEIROS TEMPOS**, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos **ÚLTIMOS**, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios.

O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz. Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”.

- Isaías 9.1-2,6-7 – o grifo é meu.

O Evangelho de Mateus narra o cumprimento dessa profecia:

“e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz. Daí

por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.

- Mateus 4:13-17

Quando o profeta Isaías usa a frase “primeiros tempos” e por inferência a frase “últimos” “tempos”, a premissa é que toda a história da humanidade está centralizada na Pessoa de Jesus Cristo. O pastor Frank Brito comenta o caso:

“Quando Isaías menciona os primeiros tempos, está se referindo a toda a História antes da vinda de Jesus Cristo. Quando menciona os últimos tempos esta é uma referência a toda a História depois da vinda de Jesus Cristo. Por isso, textos que se referem aos últimos tempos ou últimos dias não podem ser tomados como se referindo necessariamente aos últimos momentos antes da Segunda Vinda.

O maior motivo pelo qual muitos pensam que os últimos [dias] tenha que significar os últimos momentos da história logo antes de Segunda Vinda de Cristo é que a palavra “dias” pode dar a impressão de um período curto de tempo. Mas o uso da palavra pela própria Bíblia mostra que ela não precisa necessariamente indicar um período curto, mas pode se referir a um período com até mesmo séculos de duração. Vemos isso já nos primeiros capítulos de Gênesis: “E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos, e morreu”. (Gênesis 5:5)

Todos que são citados na genealogia de Gênesis 5 viveram durante séculos. E a palavra dias – no hebraico [...] (yom) – é usada pra se referir a este longo período de tempo”.³³

Mais uma vez, ficam evidentes os equívocos da posição de Russell quanto à negação do Juízo Final e da Segunda Vinda de Cristo. Vivemos os últimos tempos da humanidade, e, se são de fato os

³³ Batalhando em Tempos Trabalhosos nos Últimos Tempos. Frank Brito. Site: www.resistireconstruir.wordpress.com Acessado em 18/08/2012

últimos, isso pressupõe a existência de um Dia Final. Assim, a tese de Russell mostra-se novamente insustentável.

A Importância da Vinda em Juízo Contra Jerusalém

Para terminar esta análise da Introdução do livro *The Parousia*, Russell mostra que a maldição sobre Israel “aponta manifestamente para uma catástrofe local e nacional específica, da qual a terra de Israel deveria ser o cenário, e seus habitantes culpados são vítimas. A história registra o cumprimento da profecia, em correspondência exata com o tempo, o lugar e as circunstâncias, na ruína que devastou a nação judaica durante o período da destruição de Jerusalém”.³⁴

Pegando um gancho nesse comentário de Russell, é importante deixar bem claro, desde o início, que a Vinda de Cristo em juízo contra Israel e Jerusalém, no ano 70 d.C., era, de fato, uma grande expectativa entre os primeiros cristãos. No entanto, muitos poderão questionar: se essa foi apenas uma Vinda em juízo localizada, por que ela despertava tamanha expectativa? Afinal, costuma-se entender que a Segunda Vinda de Cristo é o grande evento aguardado pelos cristãos. Em outras palavras, por que os habitantes de Tessalônica e de outras regiões do Império Romano, tão distantes de Jerusalém, estariam preocupados ou se preparando para um acontecimento geograficamente tão distante, caso não acreditassem que se tratava da própria Segunda Vinda de Cristo? Essa objeção costuma ser formulada da seguinte maneira: *se a Grande Tribulação teve como epicentro Jerusalém, por que cristãos que viviam tão longe de Israel deveriam se preocupar com ela? Que influência uma vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém exerceria sobre igrejas como a de Tessalônica, Corinto, Filipos ou Éfeso? Não seria esse um acontecimento meramente local, sem maiores consequências para os demais cristãos?*

³⁴ Idem nº 14, pg. 25.

Para muitos intérpretes futuristas, por exemplo, essa dificuldade parece suficiente para descartar a interpretação preterista. Entretanto, essa conclusão parte de uma falsa premissa: *a de que um evento ocorrido em Jerusalém teria repercussões apenas sobre seus habitantes*. O Preterismo Parcial afirma exatamente o contrário. Embora a Grande Tribulação estivesse concentrada em Jerusalém, seus efeitos se estenderam por todo o Império Romano, atingindo direta ou indiretamente as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo conhecido.

As próprias cartas apostólicas revelam que, décadas antes da destruição de Jerusalém, os cristãos já viviam em um ambiente de crescente tensão, perseguição e expectativa. A crise que culminaria no ano 70 d.C. não surgiu de repente; seus sinais já eram percebidos pelas igrejas. Observe alguns exemplos:

“Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está... Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia... porque a aparência deste mundo passa”.

- 1ª Coríntios 7:26, 29–31

“Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora”.

- 1ª João 2:18

“...este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo”.

- 1ª João 4:3

“Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos...”.

- Apocalipse 1:9

Esses textos demonstram que a Igreja primitiva já enfrentava um período de aflição e entendia que vivia dias decisivos. A expectativa não era exclusiva dos cristãos da Judeia, mas compartilhada pelas igrejas espalhadas pelo Império Romano.

Outro argumento frequentemente levantado contra o Preterismo baseia-se em Atos 17:31, onde Paulo afirma que Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça”. A palavra traduzida por “mundo” é o termo grego *oikouménē*, frequentemente empregado para designar o mundo habitado, isto é, o Império Romano. Os críticos alegam que os atenienses e os demais gentios desconheciam a futura destruição de Jerusalém e, por isso, não fariam sentido as exortações à vigilância se o juízo se referisse apenas àquela cidade não sendo a própria Segunda Vinda.

Contudo, esse raciocínio não prova o que pretende provar. O alcance de um acontecimento não depende da extensão geográfica em que ele ocorre, mas da importância que possui no plano de Deus. A própria Obra Redentora de Cristo ilustra isso. Sua crucificação, morte e ressurreição aconteceram em um lugar específico e relativamente insignificante aos olhos do Império Romano. Ainda assim, esses acontecimentos transformaram a história da humanidade.

Da mesma forma, no início da Igreja, a maioria dos gentios sabia muito pouco sobre Jesus e os eventos ocorridos na Judeia. Nem por isso esses acontecimentos deixaram de ter consequências universais. Portanto, o fato de a destruição de Jerusalém ter ocorrido em um ponto específico do mapa não diminui sua relevância para toda a Igreja – mesmo que não seja a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. Ao contrário, a destruição de Jerusalém marcou o encerramento definitivo da Antiga Aliança, confirmou o juízo anunciado por Cristo contra o sistema judaico e representou um acontecimento de enorme significado para todos os cristãos, independentemente de onde estivessem vivendo.

A Cosmovisão Cristã

Para a cosmovisão judaica, a destruição de Jerusalém representava muito mais do que a queda de uma cidade. Tratava-se de um acontecimento de enorme significado religioso e histórico, pois Jerusalém e o seu Templo eram considerados o ponto central da presença de Deus entre o Seu povo e, simbolicamente, o centro da própria criação. As demais nações ocupavam uma posição periférica nessa visão de mundo. Assim, enquanto Jerusalém permanecia em paz, isso era entendido como evidência da bênção divina e da estabilidade da ordem estabelecida por Deus (Salmo 41:11). Em contrapartida, a destruição da cidade e do Templo era interpretada como a manifestação do juízo divino e da ruptura da Aliança, realidade expressa de maneira marcante no livro de Lamentações.

Nos Evangelhos, Jesus demonstra que os acontecimentos relacionados à queda de Jerusalém não ficariam restritos ao território judaico. Ao anunciar a destruição do Templo, afirmou que o evangelho do Reino deveria ser proclamado em toda a *oikoumene* — termo grego que designava o mundo habitado, especialmente o universo do Império Romano — como testemunho a todas as nações, antes da consumação daqueles eventos (Mateus 24:14). Essa declaração revela que o impacto da crise de Jerusalém possuía alcance internacional. Afinal, a proclamação da mensagem em cidades como Roma, Corinto, Atenas e outras regiões do império faria pouco sentido se os acontecimentos não tivessem qualquer relevância para seus habitantes. O fato de Paulo empregar o mesmo vocábulo (*oikoumene*) em Atos 17:31 reforça essa interpretação, indicando que o juízo anunciado possuía repercussões para todo o mundo romano.

A narrativa paralela registrada em Lucas amplia ainda mais essa perspectiva. Em Lucas 21:25-26, Jesus descreve um cenário de inquietação generalizada entre as nações, marcado por perplexidade,

medo e expectativa diante dos acontecimentos que alcançariam o mundo. A linguagem empregada enfatiza que os efeitos do julgamento ultrapassariam Jerusalém, produzindo instabilidade em todo o ambiente político e social da época.

Sob essa ótica, o mundo que receberia o anúncio do julgamento contra Jerusalém seria o mesmo que experimentaria seus desdobramentos históricos. A queda da cidade não seria apenas uma tragédia local, mas um acontecimento capaz de afetar todo o Império Romano. A promessa feita à Igreja de Filadélfia confirma esse entendimento. Em Apocalipse 3:10, Cristo declara que preservaria aquela igreja da hora da prova que viria sobre “o mundo inteiro” (*oikoumene*), colocando à prova os habitantes da terra. A distinção entre “o mundo inteiro” e “os que habitam sobre a terra” sugere, respectivamente, um alcance imperial e uma referência específica à terra de Israel.

Dessa forma, torna-se difícil sustentar que o julgamento da destruição de Jerusalém tenha sido um episódio sem consequências para as demais regiões do Império. As advertências dirigidas às igrejas e as profecias do Novo Testamento demonstram que os cristãos espalhados pelo mundo romano eram chamados à vigilância justamente porque aqueles acontecimentos faziam parte de um contexto profético que afetaria não apenas a Judeia, mas toda a geração do primeiro século.

Nesse contexto, a expectativa intensa vivida pelos cristãos do primeiro século não exige, necessariamente, que seu objeto fosse a Segunda Vinda de Cristo. A amplitude dos acontecimentos relacionados ao julgamento de Jerusalém era suficientemente significativa para despertar um senso de urgência entre as igrejas espalhadas pelo Império Romano. Por essa razão, afirmar, como faz Russell, que somente a Segunda Vinda de Cristo seria capaz de explicar essa expectativa equivale, em termos metodológicos, ao argumento dispensacionalista de que o Sermão Profético de Mateus

24 só pode encontrar seu verdadeiro cumprimento em nossa época, em razão da grandiosidade dos eventos nele descritos. Em ambos os casos, pressupõe-se que profecias de grande magnitude só podem referir-se a acontecimentos igualmente grandiosos e de alcance mundial, relegando a segundo plano o contexto histórico, a linguagem profética e o público original ao qual essas palavras foram dirigidas. Mas a Segunda Vinda de Cristo nas Escrituras é vista como um evento em um futuro distante e a expectativa da Igreja primitiva estava concentrada nos eventos de seu tempo.

Capítulo 1

A Parousia de Cristo nos Evangelhos

Citando João Batista e seu ministério, bem como as palavras de Cristo acerca da ira vindoura, Russell³⁵ conclui que a predição de Jesus teve um cumprimento adequado e completo, não havendo necessidade de postular um cumprimento adicional e futuro de Suas palavras. Para ele, as declarações de Jesus são claras em seu sentido mais natural: uma catástrofe iminente estava prestes a atingir aquela geração.

Russell condena as especulações infundadas e as interpretações meramente humanas que, segundo ele, muitos críticos e teólogos projetaram sobre as palavras de Cristo, extraindo delas significados oriundos de sua própria imaginação. Em sua avaliação, as calamidades que se abateram sobre o povo judeu constituem um testemunho histórico inequívoco do cumprimento pleno da profecia de Cristo.

Até aqui estou alinhado com os pensamentos de Russell, com exceção da Segunda Vinda e da ressurreição dos mortos que estão em nosso futuro.

³⁵ Idem nº 14, pg. 35.

O Fim da Era Judaica

Ao comentar a parábola do Joio e do Trigo (Mateus 13:36–50), Russell chama a atenção para um problema de tradução que, a meu ver, também contribuiu para confundir muitos leitores. Trata-se da expressão “o fim do mundo”, frequentemente interpretada como uma referência ao fim da história humana ou à destruição da Terra. Entretanto, os termos traduzidos por “mundo” em Mateus 13:38 e em Mateus 13:39–40 correspondem, no texto grego, a palavras diferentes e com significados distintos.

Em Mateus 13:38, o termo empregado é κόσμος (*kosmos*), que designa o mundo ou a ordem habitada, sendo corretamente traduzido por “mundo”. Já em Mateus 13:39–40, a palavra utilizada é αἰὼν (*aiōn*), que significa “era”, “época” ou “idade”, referindo-se a um período histórico delimitado, e não ao mundo físico. Dessa forma, a tradução mais precisa da expressão é “o fim da era”, e não “o fim do mundo”. Essa distinção é fundamental, pois indica que Jesus não estava anunciando a destruição do Planeta Terra, mas o encerramento de uma era específica, contexto que Russell identifica como a consumação da Era Judaica.

A esperança messiânica judaica estava fundamentada na convicção de que a Vinda do Messias marcaria a transição entre duas eras. A era presente reconhecida no tempo dos apóstolos, identificada com a dispensação da Antiga Aliança, daria lugar a uma nova Era messiânica, o “Reino dos Céus”. As parábolas de Jesus, longe de tratarem de verdades abstratas, descrevem precisamente esse momento de transição, revelando como a antiga ordem seria julgada e substituída pela Nova realidade inaugurada pelo Messias.

É, portanto, digno de nota que as parábolas Jesus – especialmente a do joio e do trigo – apontam para o juízo: a distinção definitiva entre os justos e os ímpios, a purificação do povo de Deus, a reunião do trigo no celeiro e a destruição do joio, da palha e do restolho pelo fogo.

É como o teólogo Joel McDurmon comentou sobre a parábola do Joio e do Trigo:

“Assim, a parábola descreve o fim que se aproxima da velhice e a destruição de seus filhos e o início da reunião dos verdadeiros filhos do Reino de Deus. Este ensinamento não deve ser entendido além disso”.³⁶

Ficou bastante evidente que o Senhor Jesus, na parábola do joio e do trigo, não estava tratando de Sua Segunda Vinda. Embora essa parábola comporte diversas aplicações em diferentes contextos, inclusive no âmbito da Igreja, é bem provável que, assim como ocorre com muitas outras parábolas e ensinamentos de Jesus registrados nos Evangelhos, seu foco principal esteja relacionado à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Aquilo que Russell identificou no ensino do Novo Testamento não representa nenhuma novidade para a interpretação preterista das profecias bíblicas, uma compreensão que vem sendo ensinada na Igreja de Cristo há muitos séculos. O problema da interpretação de Russell, contudo, permanece o mesmo: a negação da futura Segunda Vinda de Cristo e da ressurreição dos mortos, eventos que, conforme as Escrituras, ainda pertencem ao nosso futuro.

³⁶ Jesus versus Jerusalém - Um Comentário sobre Lucas 9:51-20:26 a Ação Judicial de Jesus contra Jerusalém. Joel McDurmon. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Jesus_versus_Jerusalem.html Acessado dia 07/07/2026

A Parousia do Filho do Homem Durante a Vida dos Apóstolos

“Quando vos perseguirem nesta cidade, fujam para o outro; porque em verdade digo-vos que não passaráis por todas as cidades de Israel, antes que venha o filho do homem”.

- Mateus 10:23

O pastor Augustus Nicodemus Lopes, ao comentar a passagem acima, escreveu que “há diversos “ditos difíceis” de Jesus registrados nos Evangelhos”, que “têm desafiado a criatividade e a capacidade dos estudiosos por séculos”.

Nicodemus complementa:

“Outros estudiosos consideram que a promessa de Jesus se cumpriu com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. A “vinda” do Filho do Homem teria sido o julgamento e juízo da nação de Israel pela rejeição do Messias. Jesus “veio” na pessoa dos exércitos romanos e assim cumprindo cabalmente a sua promessa.

Se tomados juntos, estes versos ensinam que, antes da vinda do Senhor, a Igreja deverá ter anunciado o Evangelho a todas as nações, Israel inclusive. A passagem “difícil” de Mateus 10.23 é mais bem entendida assim. Naquela ocasião, o Senhor Jesus referiu-se somente a Israel, pois era este o contexto da comissão evangelizadora que ele deu aos doze”.³⁷

As declarações de Nicodemus evidenciam como o desconhecimento das diferentes “Vindas” de Cristo mencionadas nas

³⁷ DITOS DIFÍCEIS DE JESUS (1). Uma promessa enganosa? Augustus Nicodemus Lopes. Site: <https://tempora-mores.blogspot.com/2012/06/ditos-dificeis-de-jesus-1.html> Acessado dia 08/07/2026

Escrituras tem levado muitos teólogos futuristas a equívocos interpretativos. O próprio Russell é um exemplo disso – conforme já demonstrei. Embora interprete corretamente Mateus 10:23, ele erra ao identificar essa passagem como uma referência à Segunda Vinda de Cristo que ocorreu no ano 70 d.C.

Na realidade, a “Vinda” mencionada nesse texto diz respeito à Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém, evento que se cumpriu no ano 70 d.C. Jesus afirma que os discípulos não concluiriam sua missão entre as cidades de Israel antes que essa Vinda ocorresse, isto é, antes da manifestação do juízo divino sobre a nação judaica.

Mas é nesse ponto que muitos dizem que há uma contradição ou um erro no Preterismo Parcial. É que várias passagens dizem que o Evangelho foi pregado em todo o mundo romano para que o fim de Jerusalém pudesse vir.

Eis algumas passagens:

“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque **em todo o mundo é anunciada a vossa fé**”.

- Romanos 1.8 – o grifo é meu.

“Por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual já antes ouvistes pela palavra da **verdade do evangelho, que já chegou a vós, como também está em todo o mundo**; e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade”.

- Colossenses 1.5-6 – o grifo é meu.

“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, **o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu**, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro”.

- Colossenses 1.23 – o grifo é meu.

A objeção levantada pelos críticos do Preterismo Parcial é a seguinte: se essas passagens se referem ao período da Igreja primitiva, como pôde Jesus afirmar que os apóstolos não terminariam de percorrer as cidades de Israel antes de Sua Vinda (Mateus 10:23)? E, se eles não concluiriam essa missão, como Paulo pôde dizer que toda criatura debaixo do céu, isto é, em todo o mundo romano, já havia ouvido o Evangelho?

A primeira pergunta é de fácil resposta. A Vinda mencionada em Mateus 10:23 é a Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém, consumada no ano 70 d.C.

Quanto à segunda pergunta, a resposta é que os doze apóstolos realmente não concluíram a tarefa de percorrer todas as cidades de Israel. Eles não a completaram, mas isso não significa que a missão evangelística tenha ficado incompleta. Outros discípulos e evangelistas deram continuidade à obra, de modo que a mensagem do Evangelho alcançou todo o mundo romano.

Basta observar o destino dos próprios apóstolos. Judas morreu prematuramente. Pedro foi martirizado em Roma. André morreu crucificado na Acaia. Tiago, filho de Zebedeu, foi executado à espada em Jerusalém. João morreu de morte natural em Éfeso. Filipe foi martirizado em Hierápolis. Bartolomeu morreu como mártir na Armênia. Tomé foi morto na Índia. Mateus foi martirizado, provavelmente na Etiópia. Tiago, filho de Alfeu, morreu como mártir em Jerusalém. Tadeu foi morto na Pérsia. Simão, o Zelote, foi martirizado, tradicionalmente na Pérsia. Matias, escolhido para substituir Judas, morreu como mártir, segundo a tradição, na Cólquida ou na Etiópia.

Cada um teve um destino que, em sua maioria, os levou para longe de Israel ou interrompeu seu ministério por meio do martírio. Assim, os doze jamais concluíram pessoalmente a tarefa de percorrer todas as cidades de Israel, exatamente como Jesus havia predito. Isso,

porém, não impediu que outros discípulos continuassem a obra e que, antes da destruição de Jerusalém, o evangelho fosse amplamente proclamado em todo o Império Romano.

Os Evangelhos Encerram a Questão Falando Pouco Sobre a Segunda Vinda de Cristo

Uma análise cuidadosa dos quatro Evangelhos revela que Jesus fala relativamente pouco sobre Sua Segunda Vinda. O foco principal de Seus discursos está voltado para o juízo vindouro sobre Jerusalém e toda a nação de Israel. Nesse aspecto, James Stuart Russell realizou um trabalho brilhante ao demonstrar a estreita relação entre as palavras de Cristo e os acontecimentos que culminaram na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Há um detalhe extremamente curioso — e raramente mencionado pela esmagadora maioria dos pregadores —: o Sermão Profético de Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 não contém uma única referência explícita à ressurreição dos mortos. Jesus fala de Sua Vinda, do Juízo, da Grande Tribulação, da necessidade de fugir para os montes da Judeia e de pessoas sendo levadas — sendo que, no contexto, os levados são os que recebem o juízo, e não pessoas arrebatadas para o céu.

Esses fatos, por si sós, deveriam levar os futuristas a reconsiderar a interpretação de que o Sermão Profético não trata de eventos situados milhares de anos após a geração dos ouvintes de Jesus. Pelo contrário, tudo no discurso aponta para acontecimentos que estavam prestes a atingir aquela geração.

Ao mesmo tempo, Russell poderia ter ido um passo além em sua análise. O fato de não haver sequer uma mínima menção à ressurreição dos mortos — tanto de justos quanto de injustos — é um forte indício de que o Sermão Profético não está descrevendo a

Segunda Vinda de Cristo em seu sentido final e consumidor. Se esse fosse realmente o tema do discurso, seria de esperar alguma referência à ressurreição geral, ao Juízo Final e à consumação definitiva de todas as coisas. O silêncio completo sobre esses elementos reforça a conclusão de que o foco do Sermão Profético é o juízo histórico contra Jerusalém, e não a Segunda Vinda de Cristo em sua manifestação escatológica final.

As ocasiões em que Jesus trata da Segunda Vinda em sua dimensão final e consumadora estão normalmente associadas à ressurreição dos mortos e ao Juízo Final. Um exemplo claro encontra-se em Mateus 12:41-42, onde Jesus declara que “os ninivitas se levantarão no juízo com esta geração” e que “a rainha do Sul se levantará no juízo”. A linguagem de “levantar-se” (ἐγερθῆσονται) remete ao contexto da ressurreição e do julgamento final, envolvendo pessoas de diferentes épocas reunidas diante de Deus.

Da mesma forma, no Evangelho de João, Jesus vincula repetidamente a ressurreição ao “último dia”. Em João 6:39, 40, 44 e 54, Ele promete ressuscitar os que lhe pertencem “no último dia”. Posteriormente, em João 11:24-25, Marta expressa sua esperança na “ressurreição no último dia”, e Jesus confirma essa esperança ao declarar: “Eu sou a ressurreição e a vida”.

Essas passagens contrastam significativamente com o Sermão Profético (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21). Enquanto nos textos que tratam da consumação final Jesus menciona explicitamente a ressurreição dos mortos, no Sermão Profético não há qualquer referência a ela. Esse silêncio é significativo e reforça a compreensão de que o discurso está voltado principalmente para o juízo histórico sobre Jerusalém e a antiga ordem judaica, e não para a Segunda Vinda de Cristo em seu aspecto final e universal.

O ensino de Jesus no Evangelho de João também constitui uma séria objeção ao moderno Preterismo Completo, que sustenta que a ressurreição prometida no Novo Testamento ocorreu apenas em sentido espiritual. Em João, porém, Jesus distingue claramente entre duas realidades distintas.

A primeira é a ressurreição espiritual, descrita em João 5:25:

“Em verdade, em verdade vos digo que **vem a hora, e agora é**, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão”.

- O grifo é meu.

Observe que Jesus afirma que essa hora “vem” “e já havia chegado” (“e agora é”), indicando uma realidade presente em Seu ministério: os espiritualmente mortos estavam sendo vivificados pela Sua voz.

Em seguida, porém, Jesus fala de outra ressurreição, em João 5:28-29:

“Não vos maravilheis disso, porque **vem a hora** em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

- O grifo é meu.

A diferença é notável. Enquanto a primeira ressurreição é apresentada como uma realidade que “vem e agora é”, a segunda é descrita simplesmente como algo que “vem”, permanecendo inteiramente futura. Além disso, ela envolve explicitamente “todos os que se acham nos túmulos”, indicando uma ressurreição dos mortos, e não apenas uma vivificação espiritual.

Esse contraste torna difícil sustentar que ambas as passagens se refiram ao mesmo evento ou que a ressurreição final seja apenas simbólica ou espiritual. Pelo contrário, Jesus distingue deliberadamente uma ressurreição espiritual, inaugurada durante Seu ministério terreno, de uma ressurreição corporal e universal, ainda futura, que alcançará justos e injustos. Essa distinção também harmoniza-se com o ensino de João 6, onde Cristo promete repetidas vezes: “Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:39, 40, 44 e 54), apontando para a consumação da esperança cristã.

Até mesmo Russell concorda com essa interpretação:

“Não pode haver dúvida de que a passagem citada (João 5:28, 29) se refere à ressurreição literal dos mortos. Também pode ser admitido que o verso precedente (João 5:25-26) refere-se à comunicação da vida espiritual aos espiritualmente mortos. O tempo para este processo vivificante já havia começado, “Vem a hora, e agora é”. Os mortos em delitos e pecados estavam prestes a serem vivificados pelo poder vivificador do Espírito divino agindo sobre as almas dos homens na pregação do evangelho de Cristo. Este poder vitalício pertencia por nomeação divina ao Filho de Deus, a quem também fora confiado, em virtude de sua humanidade, o ofício de juiz supremo. (João 5:27)”³⁸

Observe que diferente do Preterismo Completo, Russell aceita que o evento da ressurreição é “à ressurreição literal dos mortos”, mas erra ao dizer que esse mesmo evento ocorreu no primeiro século, pois escreveu que “a Parousia, ou gloriosa vinda de Cristo, foi declarada por Ele mesmo como estando dentro dos limites da geração então existente...”.³⁹ Ele chama essa Vinda de “Segunda Vinda”:

“Concluimos então:

³⁸ Idem nº 14, pg. 126.

³⁹ Idem nº 14, pg. 46.

1. Que a vinda da qual se fala aqui é a Parousia, a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo”.⁴⁰

Mas Russell tenta colocar um indicador de tempo para a ressurreição dos mortos para indicar que a mesma aconteceria na geração da Igreja primitiva:

“O leitor notará particularmente as indicações de tempo especificadas por nosso Senhor nessas passagens importantes. Primeiro, temos “a hora está chegando, e agora é”: isto sugere que a ação mencionada, a comunicação da vida aos mortos já começou a entrar em vigor. Em seguida, temos “a hora está chegando”, sem a adição das palavras “e agora é”: sugerindo que o evento especificado, a saber, a ressurreição dos mortos de suas sepulturas, está a uma distância maior do tempo, embora ainda não muito longe. A fórmula “a hora está chegando” sempre indica que o evento referido não está muito distante”.⁴¹

Russel reconhece que a frase “a hora está chegando”, na verdade, “não define o tempo...”.⁴² Mas acrescenta que “a coloca dentro de um período comparativamente breve”.⁴³ Para justificar isso, Russell diz:

“Encontramos essas duas expressões: “a hora está chegando” e “a hora está chegando, e agora está”, usada por nosso Senhor em sua conversa com a esposa de Samaria (João 4:21,23), e seu uso aqui pode nos ajudar a estabelecer sua força na passagem que temos diante de nós.

Quando nosso Senhor diz: “vem a hora, e agora é, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”, ele sugere que o tempo já estava presente, pois ele não havia

⁴⁰ Idem nº 14, pg. 46.

⁴¹ Idem nº 14, pg. 127.

⁴² Idem nº 14, pg. 127.

⁴³ Idem nº 14, pg. 127.

começado a coletar a adoração daquela igreja espiritual dos verdadeiros adoradores dos quais ele falou? Quando, porém, Ele diz: “Mulher, acredite em mim, chega a hora em que você não deve adorar o Pai nesta montanha, nem ainda em Jerusalém”, Ele fala de um tempo que, embora não distante, ainda não havia chegado. Ele previu o período em que falou, quando o culto ao templo cessaria - quando o monte Sião fosse “arado como um campo”, e o monte Gerizim também ficaria desolado com o dilúvio da ira que viria”.⁴⁴

A princípio pode fazer sentido essas comparações de Russell sobre a hora que vem. Mas devemos lembrar que no começo deste e-book vimos sobre o significado das frases “últimos dias” e “último dia” e quando aconteceria. A frase “último dia” tem ligação com o número dos eleitos de Deus. Enquanto estiver nascendo um eleito de Deus neste mundo, sempre haverá a promessa: “eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:39). Conforme se dá para entender, se daqui a dez mil anos nascer muitos eleitos de Deus, para todos eles haverá a promessa da ressurreição do último dia. Mais uma vez a tese de Russell acaba aqui sendo derrubada, pois a “hora que vem” - sem definir o tempo conforme ele mesmo reconheceu - é a hora do último dia da história em que se completa o número dos eleitos.

O problema do argumento do episódio da mulher samaritana é que Jesus não apenas disse que “vem a hora”, mas também que ela havia chegado (João 4:21-23). Portanto, a utilização de uso exclusivo de uma frase ou expressão em apenas uma ocasião, não é o suficiente para encontrar um padrão consistente. Além disso, existe a dificuldade intransponível de dezenas de milhares de mortos nos cemitérios que ainda precisam ressuscitar. Portanto, “a hora que vem” para a ressurreição ainda está em nosso futuro.

Mas Russell reconhece que “certamente, não se pode provar absolutamente que a frase “a hora está chegando” se refira

⁴⁴ Idem nº 14, pg. 127.

exatamente ao mesmo ponto do tempo nesses dois casos [o da ressurreição e o da mulher samaritana], embora a presunção seja forte”.⁴⁵

Conclusão deste Capítulo

Uma leitura atenta dos Evangelhos revela um fato frequentemente negligenciado: a maior parte dos pronunciamentos escatológicos do Senhor Jesus refere-se à Sua Vinda em juízo contra Jerusalém-Israel, um acontecimento que sabemos que se cumpriria ainda naquela geração. Apesar disso, grande parte da interpretação futurista transfere essas declarações para a Segunda Vinda de Cristo no fim da história, desconsiderando os indicadores temporais e contextuais presentes nos próprios discursos de Jesus.

Em contraste, quando o Senhor trata da Sua Segunda Vinda em sentido estrito, o foco de Seu ensino não recai sobre a destruição de Jerusalém, mas sobre a ressurreição dos mortos no último dia. Esse será o momento em que se completará o número dos eleitos, todos os mortos serão ressuscitados e terá lugar o Juízo Final, no qual justos e injustos comparecerão diante do tribunal de Deus.

É igualmente significativo que a doutrina da Segunda Vinda não seja desenvolvida de forma extensa nos Evangelhos. Jesus afirma de maneira inequívoca a realidade da ressurreição e do Juízo Final, mas oferece relativamente poucos detalhes sobre a natureza e a ordem desses acontecimentos. O desenvolvimento mais completo dessa doutrina ocorre posteriormente, no livro de Atos dos Apóstolos e, sobretudo, nas Epístolas, onde os apóstolos, sob a inspiração do Espírito Santo, ampliam e aprofundam o ensino do Senhor, acrescentando elementos que não haviam sido plenamente expostos durante Seu ministério terreno.

⁴⁵ Idem nº 14, pg. 128.

A destruição de Jerusalém ocupa, portanto, um lugar singular na história da redenção. Ela marca o encerramento definitivo da era da Antiga Aliança, com o desaparecimento da ordem judaica centrada no templo, no sacerdócio e no sistema sacrificial. Ao mesmo tempo, manifesta historicamente a supremacia da Nova Aliança e da Era Messiânica inaugurada por Cristo. Nesse sentido, o fim daquela última geração da Antiga Aliança representa o fim de um mundo — o mundo da economia mosaica — e não o fim da criação ou da história humana. Paralelamente, a Nova Aliança introduz a Era escatológica definitiva, que triunfa sobre a antiga ordem inaugurada em Adão, caracterizada pelo pecado, pela condenação e pela morte.

Enquanto os futuristas erram ao interpretar a maior parte dos discursos escatológicos dos Evangelhos como referências à Segunda Vinda de Cristo no fim da história, J. Stuart Russell incorre no erro oposto: concentra praticamente todo o cumprimento das profecias escatológicas no período da Igreja primitiva. Ambos os extremos falham por não distinguir adequadamente a Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém, ocorrida no primeiro século, da Sua Segunda Vinda, ainda futura, quando haverá a ressurreição universal e o Juízo Final.

Os capítulos seguintes serão fundamentais para responder, de forma exegética e sistemática, às principais teses apresentadas por Russell em *The Parousia*, demonstrando que, embora sua crítica ao futurismo contenha importantes acertos, sua interpretação conduz a conclusões que ultrapassam os limites estabelecidos pelas Escrituras.

No próximo capítulo, também examinarei como a doutrina da Segunda Vinda é desenvolvida no restante do Novo Testamento. Veremos que Atos dos Apóstolos e as Epístolas continuam a fazer referência ao juízo contra Jerusalém ocorrido naquela geração, mas, ao mesmo tempo, ampliam significativamente o ensino sobre a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição universal, o Juízo Final e a consumação de todas as coisas.

Capítulo 2

A Parousia no Livro de Atos dos Apóstolos

“Ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente, dois homens vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: — Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? **Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma que o viram subir**”.

- Atos 1:10-11 – o grifo é meu.

Sobre este trecho, Russell comenta:

“A última conversa de Jesus com Seus discípulos antes de Sua crucificação foi sobre Sua vinda a eles novamente, e a última palavra deixada com eles em Sua ascensão foi a promessa de Sua vinda novamente.

A expressão “da mesma maneira” não deve ser pressionada demais. Existem pontos óbvios de diferença entre a maneira da Ascensão e a Parousia. Ele partiu sozinho e sem esplendor visível; Ele deveria voltar em glória com Seus anjos”.⁴⁶

Provavelmente, Russel esteja fazendo referência a Mateus capítulo 24 - o Sermão Profético. Sabemos que a Vinda ali descrita é a do

⁴⁶ Idem nº 14, pg. 149.

juízo no ano 70 d.C. Mas há também o momento em que Pedro pergunta sobre o discípulo amado, mas Jesus respondeu:

“Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que isso importa a você? Quanto a você, siga-me!”

- João 21:20-22

Quanto à questão da “vinda” mencionada no relato de João, muitos preteristas completos procuram transformá-la em um argumento decisivo em favor de sua posição. Entretanto, não considero que esse texto apresente qualquer dificuldade. Se a “vinda” em questão diz respeito ao juízo de Cristo sobre Israel, cumprido dentro daquela geração, e se a vontade de Jesus era que João permanecesse vivo até esse evento, não há qualquer incoerência nessa interpretação. Historicamente, muitos dos contemporâneos de Jesus sobreviveram até testemunhar a destruição de Jerusalém em 70 d.C., um acontecimento que se harmoniza com a profecia registrada em Mateus 16:28:

“Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”.

Ainda que a “vinda” mencionada por Jesus seja entendida como a Sua Segunda Vinda, no fim dos tempos, não enxergo qualquer obstáculo nessa possibilidade. Se esse fosse o propósito de Deus, o Senhor poderia perfeitamente preservar João vivo até aquele Grande Dia.

Contudo, essa não é a interpretação que considero mais adequada. O texto não afirma que João permaneceria vivo até a Volta de Cristo. Jesus apenas respondeu à curiosidade de Pedro com uma hipótese: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?” (João 21.22). Não se tratava de uma promessa, mas de uma repreensão à preocupação de Pedro com o futuro de outro discípulo.

O que Jesus faria com João pertencia exclusivamente à Sua vontade soberana.

Por isso, considero precipitada a tentativa de alguns defensores do Preterismo Completo de transformar essa passagem em uma prova conclusiva de sua posição. O próprio evangelista esclarece, logo em seguida, que Jesus não afirmou que João não morreria, mas apenas levantou uma hipótese (João 21.23).

Uma questão que deve ser levada em consideração na interpretação da profecia bíblica é que Jesus e os apóstolos falavam sobre a “Vinda” de Cristo como se seus ouvintes fossem capazes de compreender, pelo contexto, a qual Vinda eles se referiam. Eles não se preocupavam em fazer distinções explícitas, como: “esta é a Segunda Vinda” ou “aquela é a Vinda em juízo”.

Se aplicarmos esse princípio à passagem de João 21:22–23, poderíamos considerar, inclusive, a possibilidade de que a “Vinda” mencionada ali se refira à vinda de Cristo por meio do Espírito Santo, como se vê em João 14:18:

“Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês”.

Entretanto, como essa Vinda ocorreu logo no dia de Pentecostes, não seria de se esperar que Jesus estivesse se referindo a ela em João 21:22–23. Ela foi mencionada apenas como um exemplo de que o termo “vinda” pode assumir diferentes sentidos, conforme o contexto.

Mas, voltando à última citação de Russell, ao mesmo tempo em que ele afirma que, antes da crucificação, Jesus havia falado sobre Sua Vinda, também acrescenta que “a última palavra deixada com eles [os discípulos] em Sua ascensão foi a promessa de Sua vinda novamente”. Essa última declaração, feita por ocasião da Ascensão de Cristo, está registrada em Atos 1:9-11.

Diferente dos preteristas completos, Russell considera essa Vinda literalmente, não uma Vinda espiritual. Ele escreveu:

“As palavras, no entanto, implicam que Sua vinda seria visível e pessoal, o que excluiria a interpretação que a considera *providencial* ou *espiritual*. A visibilidade da Parousia é sustentada pelo ensino uniforme dos apóstolos e pela crença dos primeiros cristãos: “Todo olho o verá”. (Apocalipse 1:7)”⁴⁷

É impressionante que os preteristas completos se utilizem da obra de Russell e não levam em conta que ele mesmo admitiu que Atos 1:9-11 ensina sobre uma Vinda literal de Cristo. A clareza e a precisão da construção gramatical grega dessa passagem são notáveis. Ela evidencia que o Homem Jesus Cristo, em Seu corpo físico, real e tangível, ascendeu literalmente ao Céu e que, no tempo determinado, retornará exatamente da mesma maneira como subiu. Dessa maneira, até aqui, Russell permanece alinhado com o ensino histórico da Igreja quanto a uma Segunda Vinda corporal e visível de Cristo. Já os preteristas completos, ao negarem essa natureza da Segunda Vinda e afirmarem que ela seria exclusivamente espiritual, chegaram ao ponto de ensinar que Jesus descartou Seu corpo na Ascensão para voltar a ser apenas o Verbo Divino, como era antes da Encarnação.

Essa ideia implica uma separação entre o corpo e o espírito de Cristo. Entretanto, a própria Escritura ensina que o espírito separado do corpo é morte (Tiago 2:26). Seguindo essa lógica, Cristo teria morrido uma segunda vez na Ascensão, deixando de ser eternamente o Deus-homem em Sua contínua Encarnação. Trata-se de uma conclusão profundamente contraditória e teologicamente inaceitável.

⁴⁷ Idem nº 14, pg. 149.

Russell, porém, não trilhou esse caminho. Diante da clareza de Atos 1:9-11, reconheceu que a Ascensão de Cristo foi corporal e que Seu retorno ocorreria da mesma maneira.

Em relação ao indicador de tempo, Russel escreveu que “não há indicação de tempo nesta promessa de despedida”.⁴⁸ É verdade que mesmo uma leitura superficial de Atos 1:9-11 indicará claramente que nada sabemos sobre o tempo dessa Vinda, mas Russell argumenta que “é apenas razoável supor que os discípulos a considerariam como dirigida a eles, e que acalentariam a esperança de vê-lo novamente em breve, de acordo com a palavra dEle: “Um pouco tempo, e me vereis”. Essa crença os fez retornar a Jerusalém com grande alegria”.⁴⁹

Russell argumenta que a declaração de Jesus: “um pouco tempo, e me vereis” não se limita às aparições do Senhor após a ressurreição. Para ele, essas manifestações constituíam apenas uma antecipação ou garantia da Parousia, a qual ele entendia ter ocorrido no julgamento de Jerusalém, em 70 d.C.

Entretanto, nesse ponto Russell comete um equívoco ao desconsiderar o contexto imediato da passagem. Se atentarmos para João 16:22, a interpretação mais natural é que Jesus esteja se referindo à Sua ressurreição. O Senhor anuncia que a tristeza dos discípulos duraria apenas “um pouco” e que, em seguida, seria transformada em alegria quando O vissem novamente. Essa sequência cumpre-se de maneira direta poucos dias depois, quando Cristo ressuscita e aparece aos discípulos.

Por essa razão, muitos estudiosos entendem que João 16:22 encontra seu cumprimento imediato e natural na ressurreição de Cristo. Russell, porém, amplia o alcance da promessa e a aplica

⁴⁸ Idem nº 14, pg. 149.

⁴⁹ Idem nº 14, pg. 149.

principalmente à Parousia, interpretação que não faz justiça ao fluxo do contexto narrativo.

Mas Russell continua causando mais embaraços para sua tese, pois na sequência pergunta:

“É crível que pudessem sentir tal júbilo se tivessem imaginado que sua vinda não ocorreria senão depois de dezoito séculos? Ou podemos supor que sua alegria se baseava em uma ilusão? Nenhuma outra conclusão é possível senão a de que a fé dos discípulos estava bem fundamentada, e que a Parousia estava próxima”.⁵⁰

O grande problema dessa interpretação é que, fosse a Parousia esperada para poucos anos depois ou para dezoito séculos mais tarde, isso não alteraria em nada a situação dos discípulos. Eles já haviam sido advertidos de que enfrentariam perseguições, sofrimentos e, para quase todos, uma morte prematura. Ao que tudo indica, apenas o apóstolo João poderia ainda estar vivo por ocasião do ano 70 d.C.

O próprio apóstolo Pedro não depositava sua expectativa pessoal na Parousia como um acontecimento que presenciaria em vida. Pelo contrário, ele sabia que sua morte estava próxima e que seu ministério terreno chegava ao fim. Escrevendo sua segunda epístola, declarou:

“E tenho por justo, enquanto estiver neste tabernáculo, despertar-vos com admoestações, sabendo que em breve hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já me tem revelado. Mas também eu procurarei, em toda ocasião, que depois da minha morte tenhais lembrança destas coisas”.

- 2ª Pedro 1:13-15

Pedro não demonstra qualquer expectativa de permanecer vivo até a Parousia. Ao contrário, afirma explicitamente que em breve deixaria

⁵⁰ Idem nº 14, pg. 149.

seu “tabernáculo”, isto é, seu corpo, conforme a revelação que recebera do próprio Senhor Jesus (cf. João 21:18-19). Sua preocupação era preparar a Igreja para continuar firme após sua morte.

O mesmo ocorre com o apóstolo Paulo. Ao despedir-se dos presbíteros de Éfeso, declarou que eles não tornariam a vê-lo:

“E agora, na verdade, eis que eu sei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus, não vereis mais o meu rosto”.

- Atos 20:25

Pouco antes de seu martírio, Paulo reconheceu que sua partida era iminente, utilizando a linguagem de um sacrifício que estava prestes a ser oferecido:

“Porque eu já estou sendo oferecido por libação, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”.

- 2ª Timóteo 4:6-7

Essas declarações mostram que tanto Pedro quanto Paulo tinham plena consciência de que morreriam antes do término de seus ministérios terrenos. Nenhum dos dois alimentava a expectativa de permanecer vivo até a manifestação final de Cristo. Pelo contrário, preparavam a Igreja para seguir adiante após suas mortes.

Por isso, não procede o argumento de que a promessa da Parousia necessariamente precisava trazer júbilo aos apóstolos por imaginarem que a presenciariam em vida. Eles sabiam que seu chamado incluía o sofrimento, o martírio e a perseverança até o fim de suas próprias vidas. A esperança da vinda de Cristo continuava sendo uma esperança da Igreja, ainda que muitos de seus primeiros líderes soubessem que primeiro completariam sua carreira e seriam recebidos pelo Senhor.

Mas vimos acima que Russell perguntou sobre a questão da Vinda de Cristo ocorrer dezoito séculos depois e que isto seria supor que a alegria dos discípulos se baseava em uma ilusão. Mas, à luz dos exemplos de Pedro, Paulo e dos demais apóstolos, fica evidente que eles não alimentavam a ilusão de que todos veriam pessoalmente o Senhor em Sua Parousia. Ao contrário, muitos deles sabiam, por revelação divina, que morreriam antes do término de seus ministérios terrenos.

Esse fato desmonta a ideia de que a Igreja primitiva vivia convencida de que seria arrebatada ou de que todos os seus membros presenciariam a volta de Cristo em sua própria geração. Diferentemente do que ensinam Russell, os preteristas completos e, em outro extremo, muitos dispensacionalistas de nossos dias, os primeiros cristãos não confundiam a esperança da Vinda de Cristo com a certeza de que permaneceriam vivos até esse acontecimento. Sua esperança estava firmada na promessa do retorno do Senhor, independentemente de ocorrer durante sua vida ou após sua morte.

Assim, o argumento de Russell não se sustenta, pois desconsidera um fato essencial: Atos 1:9-11 registra uma revelação inédita para os discípulos.

E tratava-se realmente de uma revelação nova. Prova disso é que os “dois varões vestidos de branco” precisaram esclarecer o significado da ascensão de Jesus, declarando:

“Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”.

- Atos 1:11

Até aquele momento, os discípulos não sabiam que a Segunda Vinda de Cristo seria o correspondente reverso de Sua ascensão ao

Céu. Na verdade, antes mesmo da morte e da ressurreição de Jesus, eles ainda não compreendiam plenamente a natureza de Sua missão. Como a maioria dos judeus de seu tempo, esperavam um Messias político que libertaria Israel do domínio romano, e não um Messias sofredor que morreria na cruz, ressuscitaria ao terceiro dia e, posteriormente, ascenderia ao Céu.

A própria Escritura testemunha essa incompreensão:

“Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos, porque o Filho do homem será entregue nas mãos dos homens.

Mas eles não entendiam esta palavra, que lhes era encoberta, para que a não compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca desta palavra”.

- Lucas 9:44-45

Em outra ocasião, lemos:

“Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente”.

- Mateus 17:22-23

Somente depois da ressurreição Cristo lhes concedeu plena compreensão dessas verdades:

“E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos.

Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras.

E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos...”.

- Lucas 24:44-46 – o grifo é meu.

Se os discípulos ainda não compreendiam plenamente a missão redentora de Cristo, Sua morte e Sua ressurreição, muito menos poderiam saber que, após ressuscitar, Ele ascenderia ao Céu para retornar exatamente da mesma maneira como subiu. Essa verdade ainda não lhes havia sido revelada. Portanto, não faz sentido pressupor que, antes de Atos 1:9-11, eles já possuíssem uma compreensão completa sobre a forma da Segunda Vinda.

Por isso, quando os dois homens vestidos de branco disseram: “esse Jesus”, estavam identificando precisamente o mesmo Jesus que os discípulos conheceram durante cerca de três anos e meio, ouviram, viram e tocaram. Era o mesmo Senhor que, após ressuscitar, apresentou-Se diante deles em um corpo real, glorificado e tangível, conforme testemunham 1ª João 1:1, Lucas 24:39-40 e João 20:27. Foi esse mesmo Jesus que ascendeu ao Céu, e foi sobre esse mesmo Jesus que os anjos afirmaram: “virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:11).

A expressão “do modo” ou “da mesma forma”, conforme a tradução utilizada, corresponde ao grego *hon tropon*, cujo sentido literal é “da mesma maneira”. Essa construção não expressa apenas uma vaga semelhança nem simplesmente a certeza de que um evento ocorrerá. Sempre que aparece no Novo Testamento, ela indica identidade de modo ou maneira, como se pode verificar, por exemplo, em Atos 7:28 e 2ª Timóteo 3:8.

Diante dessas evidências, a conclusão é inevitável: a promessa dos anjos possui características que a distinguem da linguagem empregada por Jesus em Suas profecias sobre a Vinda em juízo contra Jerusalém.

Por exemplo, em Mateus 24:30 Jesus declara que “todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória”. Entretanto, poucos versículos depois, Ele estabelece um claro limite temporal para o cumprimento dessa profecia ao afirmar: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam” (Mateus 24:34).

O mesmo ocorre no livro de Apocalipse. Embora Apocalipse 1:7 declare que “todo olho o verá, até mesmo os que o traspassaram”, essa promessa está inserida em um contexto repleto de indicadores de iminência. Logo no início do livro lemos que as coisas reveladas “devem acontecer em breve” (Apocalipse 1:1), que “o tempo está próximo” (Apocalipse 1:3) e, ao longo da obra, repetem-se expressões como “venho sem demora” (Apocalipse 3:11; 22:7, 12 e 20).

Em Atos 1:9-11, porém, a situação é completamente diferente. A promessa dos anjos não é acompanhada de qualquer indicador de tempo. O texto não afirma que Cristo voltaria “em breve”, “sem demora” ou “naquela geração”. E muitos menos que aqueles que o viram subir estariam vivos para essa Vinda. O foco da narrativa recai inteiramente sobre a identidade daquele que retornará e sobre a maneira de Seu retorno: “Esse Jesus... virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:11).

Essa diferença é significativa. Enquanto Mateus 24 e Apocalipse associam determinadas manifestações de Cristo a referências temporais explícitas, Atos 1:9-11 concentra-se exclusivamente na natureza do retorno do Senhor. Além disso, como veremos mais adiante, Atos 3:20-21 fornece um importante complemento a essa promessa, indicando que a Vinda descrita em Atos 1:9-11 está ligada ao tempo da “restauração de todas as coisas”, realidade que aponta para a consumação final da história e não apenas para o julgamento de Jerusalém no ano 70 d.C.

A Parousia e a Restauração de Todas as Coisas

“Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam apagados, para que venham tempos de descanso da parte do Senhor, e ele mande o Cristo, que já foi designado a vocês, Jesus.

É necessário que o céu o receba até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas, como falou há muito tempo por meio dos seus santos profetas”.

- Atos 3:19-21

Sobre este versículo, Russell comenta:

“Difícilmente é possível duvidar que, neste discurso, o apóstolo fale daquilo que ele concebeu que seus ouvintes poderiam e experimentariam, se eles obedecessem à sua exortação a se arrepender e crer. De fato, qualquer outra suposição seria absurda. Nem o apóstolo nem seu auditório poderiam pensar em “tempos de renovação” e “tempos de restauração” em épocas remotas do mundo; bênçãos que estavam a uma distância de séculos e milênios dificilmente seriam motivos poderosos para o arrependimento imediato. Portanto, devemos conceber os tempos de renovação e restauração como, na visão do apóstolo, próximos e ao alcance dessa geração”.⁵¹

Russell complementa:

“a restauração [ἀποκαταστάσεως] de todas as coisas, é o tema de toda profecia; então só pode se referir ao que as Escrituras designam “o reino de Deus”, o fim e o propósito de todos os tratos de Deus com Israel. Era uma frase bem compreendida pelos judeus

⁵¹ Idem nº 14, pg. 151.

daquele período, que esperavam os dias do Messias, o reino de Deus, como o cumprimento de todas as suas esperanças e aspirações. Era a era vindoura ou *æon*, αἰὼν ὁ μέλλων, quando todos os erros deviam ser corrigidos, e a verdade e a justiça deveriam reinar. A nação inteira estava permeada pela crença de que essa era feliz estava prestes a amanhecer. Qual era a doutrina de nosso Senhor sobre esse assunto? Ele disse aos discípulos: “Elias realmente vem primeiro para restaurar todas as coisas”. (Marcos 9:12) Ou seja, o segundo Elias, João Batista, já havia iniciado a restauração que Ele próprio deveria concluir; havia lançado as bases do reino que Ele deveria consumir e coroar”.⁵²

O ensino de Atos 3:19-21 é inequívoco: Pedro conclama os judeus ao arrependimento para que venham “tempos de refrigério”. No entanto, foi exatamente o contrário que aconteceu. Em vez de experimentar uma restauração nacional, Israel permaneceu em sua incredulidade e acabou sendo devastado na destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C.

Se, como defende James Stuart Russell, a destruição do templo — dando lugar ao Templo espiritual — constitui a “restauração de todas as coisas” e representa o momento em que Cristo deixa de estar retido no Céu para vir em juízo, sua interpretação esbarra em problemas exegéticos incontornáveis. O discurso de Pedro apresenta os “tempos de refrigério” e a “restauração de todas as coisas” como bênçãos decorrentes do arrependimento de Israel, e não como uma catástrofe nacional que resultaria na aniquilação de Jerusalém e de seu templo. A interpretação de Russell, portanto, inverte completamente a lógica do texto bíblico: transforma uma promessa de restauração em um anúncio de destruição e faz de um contexto de esperança uma profecia de juízo.

Além disso, a expressão “restauração de todas as coisas” não permite que seu significado seja confinado aos acontecimentos do

⁵² Idem nº 14, pg. 152.

ano 70 d.C. Pedro afirma que o Céu deve receber Cristo “até aos tempos da restauração de todas as coisas”. Isso significa que Cristo permanece no Céu enquanto essa restauração se desenvolve na história. Se ela tivesse se encerrado com a destruição de Jerusalém, seria preciso demonstrar que todas as promessas messiânicas também se cumpriram naquela geração. Mas isso simplesmente não aconteceu.

A promessa de restauração feita pelos profetas nunca esteve presa exclusivamente a Israel. Desde o início, o propósito de Deus era muito maior. O Messias veio para reunir um povo de todas as nações, tribos, línguas e povos. As promessas apontavam para um tempo em que as nações afluíam ao Senhor (Isaías 2:2-4), a terra seria cheia do conhecimento de Deus (Isaías 11:9), muitos povos se converteriam ao Senhor (Isaías 19:23-25; Zacarias 8:20-23) e o Reino do Messias se expandiria até encher toda a terra (Daniel 2:35, 44; Salmo 72). Nada disso poderia ser reduzido ao ano 70 d.C.

A destruição de Jerusalém foi um grande ato de juízo contra a antiga ordem da Aliança, mas a restauração messiânica continuou avançando. O evangelho não terminou em Jerusalém; ele partiu de Jerusalém para alcançar os confins da terra. Ao longo dos séculos, povos inteiros abandonaram a idolatria, nações foram alcançadas pela mensagem de Cristo, igrejas foram estabelecidas em todos os continentes e o Reino de Deus continuou sua marcha. A restauração prometida pelos profetas não ficou para trás no ano 70 d.C.; ela continua acontecendo diante dos nossos olhos.

Por isso, identificar a “restauração de todas as coisas” com a destruição do templo é inverter completamente o sentido da profecia. Pedro fala de restauração, não de devastação; de expansão do Reino, não de seu encerramento; de bênçãos que alcançariam o mundo inteiro, e não apenas de um evento ocorrido na Palestina. O plano messiânico não termina com Israel. A partir de Cristo, ele se abre para todas as nações e continua se cumprindo nas eras vindouras, até

o dia em que essa restauração alcançar sua consumação e o Senhor Jesus retornar visivelmente do Céu.

Mas Russel insiste que a indicação do período em que essas bênçãos prometidas poderiam ser esperadas não estariam em um futuro muito distante, mas estavam próximas. Ele diz que “a nota de tempo está claramente assinalada no versículo 20”⁵³ de Atos capítulo 3. Ele acrescenta que “a vinda de Cristo é especificada como o período em que essas perspectivas gloriosas devem ser realizadas. Nada pode ser mais claro do que a conexão e coincidência desses eventos, a vinda de Cristo, os tempos de renovação e os tempos de restauração de todas as coisas”.⁵⁴

É verdade que a Vinda de Cristo em juízo no ano 70 d.C., conforme a escatologia do Novo Testamento, marcou o fim da Era da Antiga Aliança. A destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel, a consumação daquela ordem e a manifestação do Reino Messiânico naquele contexto histórico fizeram parte do grande plano de restauração de Deus. No entanto, essa restauração não terminou ali. O que aconteceu no ano 70 d.C. foi apenas uma etapa de um propósito muito maior.

Nenhum defensor da interpretação de Russell consegue negar que ainda não vivemos a gloriosa Era Dourada anunciada pelos profetas. Ainda estamos longe do tempo em que as nações transformarão “as suas espadas em enxadas, e as suas lanças em foices. Nação não levantará espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Isaías 2:4). Essas promessas abrangem o mundo inteiro e apontam para um futuro em que o Evangelho alcançará as nações de maneira cada vez mais ampla, produzindo uma transformação sem precedentes na história.

⁵³ Idem nº 14, pg. 153.

⁵⁴ Idem nº 14, pg. 153.

Quando esse processo de restauração chegar ao seu auge e cumprir tudo o que Deus prometeu, então o Senhor Voltará. É exatamente isso que Atos 3:21 ensina ao afirmar que Jesus permanece no Céu “até os tempos da restauração de todas as coisas”.

Mais uma vez, a tese de Russell se mostra insustentável. É impossível acreditar que toda a restauração prometida pelos profetas tenha parado no ano 70 d.C. Os profetas do Antigo Testamento são unânimes ao anunciar uma restauração que alcança não apenas Israel, mas todas as nações e toda a criação sob o governo do Messias. Um exemplo claro disso é o Salmo 22:27-31:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.

Todos os ricos da terra se banquetearão e o adorarão; todos os que descem ao pó se prostrarão diante dele, até mesmo aqueles cuja vida se esvai.

A posteridade servirá a ele; gerações futuras ouvirão falar do Senhor.

Virão e proclamarão os seus feitos de justiça; a um povo que ainda não nasceu contarão o que ele fez”.

- Salmos 22:27-31

Restauração não Apenas em Nível Espiritual

Engana-se quem espiritualiza a restauração de todas as coisas, como se ela se limitasse apenas ao interior do cristão. As profecias Messiânicas apresentam um quadro muito mais amplo. Elas mostram as nações sendo transformadas, os povos se voltando para Cristo e o mundo experimentando os efeitos concretos do avanço do Evangelho.

O Reino de Deus não produz mudanças apenas na mente ou no coração das pessoas. À medida que o evangelho conquista indivíduos e povos, seus efeitos alcançam todas as áreas da vida: a família, a política, a justiça, a educação, a ciência, as artes, a cultura e as relações entre as nações. A restauração prometida pelos profetas não é uma realidade confinada ao mundo interior dos cristãos, mas uma transformação que se manifesta também na história e na sociedade.

É exatamente esse o panorama apresentado pelas profecias Messiânicas do Antigo Testamento: um reino que cresce, alcança as nações e restaura progressivamente o mundo sob o governo do Messias.

O próprio Russell reconheceu que a restauração engloba o mundo físico. Para Russell, o evento do Reino de Deus chegando à sua consumação no período da destruição de Jerusalém “marca o desfecho do grande esquema da providência divina, ou economia, como é chamada, que começou com o chamado de Abraão e durou dois mil anos. Podemos considerar esse esquema, a dispensação judaica, não apenas como **um fator importante na educação do mundo**, mas também como um experimento, em larga escala e sob as circunstâncias mais favoráveis, se era possível formar um povo para o serviço, temor e amor a Deus; **uma nação modelo, cuja influência moral pode abençoar o mundo**” (O grifo é meu).⁵⁵

⁵⁵ Idem nº 14, nº 156.

Capítulo 3

A Parousia na Epístola de 1ª aos Tessalonicenses

Russell cita Bengel, o qual observa:

“Os tessalonicenses estavam cheios da expectativa do advento de Cristo. Tão louvável era a posição deles, tão livre e sem vergonha era a regra do cristianismo entre eles, que eles podiam esperar a cada hora a vinda do Senhor Jesus”.⁵⁶

Russel comenta:

“Esse é um raciocínio estranho. É verdade que os tessalonicenses estavam cheios da expectativa da rápida vinda de Cristo, mas se nessa expectativa foram enganados, onde está o mérito de trabalhar sob uma ilusão? Se era uma fraqueza amável, “sancta simplicitas”, esperar a breve vinda de Cristo, parece uma admiração pobre elogiar sua credulidade às custas de seu entendimento equivocado.

Descobriremos, no entanto, que os cristãos de Tessalônica não precisam de nenhum pedido de desculpas por sua fé”.⁵⁷

⁵⁶ Idem nº 14, pg. 158.

⁵⁷ Idem nº 14, pg. 158.

Mas a pergunta é: *qual Vinda os tessalonicenses estavam esperando? A Vinda em juízo? Apenas a Segunda Vinda? Qual das duas?*

É o que responderei a partir do próximo tópico usando às teses de Russell contra ele mesmo.

Mas, antes, deve-se lembrar do que já foi dito anteriormente: tanto Jesus quanto os apóstolos tinham liberdade para usar a palavra “vinda” sem fazer as distinções técnicas que costumamos estabelecer hoje. Seus primeiros ouvintes, inseridos no contexto histórico e teológico em que viviam, compreendiam naturalmente a qual “vinda” cada discurso se referia. Não havia necessidade de explicações adicionais, pois o próprio contexto fornecia essa identificação. Esse princípio interpretativo será de grande importância para a compreensão das cartas aos Tessalonicenses, nas quais a palavra “vinda” também deve ser entendida à luz do contexto imediato, e não a partir de categorias sistemáticas desenvolvidas posteriormente.

Expectativa da Rápida Vinda de Cristo

“...pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus o seu Filho, a quem ressuscitou dentre os mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir”.

- 1ª Tessalonicenses 1:9,10

Russel comenta:

“Esta passagem é interessante, pois mostra muito claramente o lugar que a esperada vinda de Cristo mantinha na crença das igrejas apostólicas. Estava na primeira fila; foi uma das principais verdades do evangelho. São Paulo descreve a nova atitude desses convertidos

tessalonicenses quando “se afastam de seus ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro”; era a atitude de “esperar por seu filho”. É muito significativo que essa verdade em particular seja selecionada dentre todas as grandes doutrinas do Evangelho, e se torne a característica proeminente que distinguia os cristãos convertidos de Tessalônica. Aparentemente, toda a vida cristã é resumida sob duas perspectivas, uma geral e outra particular: a primeira, o serviço do Deus vivo; o último, a expectativa da vinda de Cristo. É impossível resistir à inferência: (1) Que esta última doutrina constituiu parte integrante do ensino apostólico. (2) **Que a expectativa do rápido retorno de Cristo era a fé dos cristãos primitivos.** Mas, como eles esperariam? Certamente não em seus túmulos; não no céu; nem no Hades; É claro que enquanto eles estavam vivos na Terra. A forma da expressão “esperar pelo teu Filho dos céus” não nos permite inferir outra coisa se não que, enquanto estavam na Terra, estavam esperando a vinda de Cristo do céu. Alford observa que “o aspecto especial da fé dos tessalonicenses era a esperança; **esperança do retorno do Filho de Deus do céu**”; e ele acrescenta esse comentário singular: “**Essa esperança foi evidentemente alimentada por eles como um evento mais imediato do que a igreja subsequentemente acreditou que fosse**”.⁵⁸

- O grifo é meu.

Em outra ocasião, fiz o seguinte comentário sobre 1ª Tessalonicenses 1:9,10:

“Embora essa “ira futura” seja interpretada pela maioria como sendo uma referência a Segunda Vinda de Cristo e o Juízo Final, é possível que Paulo teria outra ira futura em mente, ou seja, a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Alguns preteristas parciais – e principalmente os preteristas completos – entendem que o apóstolo Paulo, ao referir-se a essa ira, estaria dizendo aos tessalonicenses que ela seria dirigida aos incrédulos (os judeus em

⁵⁸ Idem nº 14, pg. 159.

particular, conforme Lucas 21:20-23) e não ao povo de Deus. Alguns preteristas ainda citam o fato de que aproximadamente duas décadas antes, João Batista advertiu os líderes judeus dessa ira vindoura (Mateus 3:5-10; 22:1-14).

Tal possibilidade se encaixa perfeitamente no contexto de todo o Novo Testamento em que os judeus são constantemente alertados da ira futura que iria se abater sobre eles”.⁵⁹

Antes, porém, reconheço que considerarei seriamente a possibilidade de que, no contexto dos tessalonicenses, a expressão “esperar dos céus o seu Filho”, que “nos livra da ira vindoura” (1ª Tessalonicenses 1:9-10), se refira ao juízo que culminou no ano 70 d.C. Entretanto, em outra ocasião também demonstrei que essa mesma passagem pode, com igual legitimidade, apontar para a Segunda Vinda de Cristo. Isso porque ela apresenta características que se ajustam perfeitamente a esse evento, como a impossibilidade de saber o dia e a hora exatos, a ausência de indicação de que essa Vinda estivesse necessariamente próxima ou distante e a falta de sinais específicos e catástrofes que permitissem datá-la. O texto de Paulo aos tessalonicenses não fornece nada disso – pelo menos nessa passagem.

Além disso, a Segunda Vinda também está ligada ao derramamento definitivo da ira de Deus, culminando no Juízo Final e no lago de fogo. Assim, 1ª Tessalonicenses 1:9-10 possui uma amplitude que lhe permite servir tanto como exortação em vista da Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém quanto em relação à Sua Segunda Vinda. No caso específico dos tessalonicenses, porém, o evento do ano 70 d.C. tinha uma relevância singular e deveria ser aguardado com atenção, pois suas consequências alcançariam todo o mundo romano. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

⁵⁹ Vinda em Juízo Segunda Vinda nas cartas de I e II Tessalonicenses, pg. 10. César Francisco Raymundo. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_A_Vinda_em_Juizo_e_a_Segunda_Vinda_nas_duas_cartas_aos_Tessalonicenses.html Acessado dia 20/07/2026

Consequências da Parousia Sobre os Discípulos de Cristo

“Pois quem é a nossa esperança, alegria ou coroa em que nos gloriamos diante do Senhor Jesus na sua vinda? Não são vocês?

De fato, vocês são a nossa glória e a nossa alegria”.

- 1ª Tessalonicenses 2:19-20

Sobre esta passagem, Russell comenta:

“O ensino uniforme, do Novo Testamento, é que o evento que seria tão fatal para os inimigos de Cristo seria auspicioso para Seus amigos. Em toda parte, os opositores e perseguidores mais malignos do cristianismo eram os judeus; a aniquilação da nacionalidade judaica, portanto, removeu o antagonista mais formidável do Evangelho e trouxe repouso e alívio aos cristãos sofrendores”.⁶⁰

O pressuposto de Russell é estabelecido desde o início de seu livro: toda passagem que trate da Vinda de Cristo deve ser interpretada como uma referência à Segunda Vinda, situada no ano 70 d.C. No entanto, o texto citado acima não apresenta qualquer indicador temporal que sustente essa conclusão.

É verdade que Paulo afirma que os tessalonicenses seriam sua alegria e coroa diante do Senhor Jesus por ocasião de Sua Vinda, o que pode levar alguns a pensar que esse evento ocorreria naqueles dias. Contudo, o próprio apóstolo reconheceu que não estaria vivo para esse acontecimento, ao escrever: “Quanto a mim, já estou sendo oferecido por libação, e o tempo da minha partida chegou” (2ª Timóteo 4:6).

⁶⁰ Idem nº 14, pg. 162.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos destinatários da carta. Não havia garantia de que todos eles permaneceriam vivos até esse evento, caso a Segunda Vinda realmente tivesse ocorrido no ano 70 d.C. Além disso, o mesmo tipo de linguagem poderia ser dito aos heróis da fé do Antigo Testamento (enquanto estavam vivos), dos quais alguém poderia se gloriar deles diante do Senhor Jesus em Sua Vinda. Nem por isso seria correto concluir que, para eles, a Vinda de Cristo estava prestes a acontecer. Portanto, a simples referência ao encontro com Cristo em Sua Vinda não constitui, por si só, uma indicação de proximidade temporal.

Mas Russell não para por aí:

“Nosso Senhor havia dito aos discípulos, ao falar dessa catástrofe que se aproximava: “Quando essas coisas começarem a acontecer, olhe para cima e levante a cabeça, pois sua redenção se aproxima”. (Lucas 21:28) Mas essa explicação está longe de esgotar todo o significado de tais passagens. Não se pode duvidar que a Parousia esteja em toda parte representada como o dia de coroação das esperanças e aspirações cristãs; quando “herdariam o reino” e “entrariam na alegria de seu Senhor”. Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de São Paulo agora diante de nós. A Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis, e o apóstolo procurou “sua coroa” na “vinda” do Senhor”.⁶¹

Assim como os dispensacionalistas, Russell entende que essa “redenção” que “se aproxima” refere-se ao arrebatamento dos santos. Entretanto, uma análise mais cuidadosa do contexto aponta para uma conclusão diferente. Em Lucas 21:28, a palavra “redenção” tem, em geral, o sentido de libertação, e não de arrebatamento. Essa palavra no grego é ἀπολυτρωσις (apolutrosis). Conforme o Léxico Grego do Novo Testamento, de Edward Robinson, ela significa: “libertação,

⁶¹ Idem nº 14, pg. 162.

cessando a ideia de um resgate; p. ex. de calamidades e morte, Lc 21.28; Hb 11.35...”⁶²

Portanto, na Vinda em juízo ocorrida no ano 70 d.C., os primeiros cristãos foram redimidos da calamidade e da morte, sendo salvos do cerco a Jerusalém. No entanto, Russell acaba contradizendo toda a esperança da Igreja posterior a 70 d.C. ao afirmar que “a Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis, e o apóstolo procurou “sua coroa” na “vinda” do Senhor”. Se a Parousia realmente ocorreu no primeiro século, então os cristãos das gerações posteriores ficaram sem uma Parousia futura e, consequentemente, sem a expectativa dessa consumação de glória e felicidade.

Cristo Virá com Todos os Seus Santos

“Que ele fortaleça o coração de vocês para serem irrepreensíveis em santidade diante do nosso Deus e Pai na vinda do nosso Senhor Jesus com todos os seus santos. Amém”.

- 1ª Tessalonicenses 3:13

Alguns teólogos afirmam que 1ª Tessalonicenses 3:13 deve ser lido em conjunto com 1ª Tessalonicenses 4:13–18, formando uma única expectativa da consumação final, e não apenas do julgamento de Jerusalém. É fato que devemos SEMPRE estar preparados diante de qualquer forma de juízo de Deus nesta Terra. Esta regra é válida desde os primeiros seres humanos até o último dia.

Portanto, esse texto de tessalonicenses pode ser usado tanto para a Vinda no ano 70 d.C. como para a Segunda Vinda. Estúpido o herege que acha o contrário. Aliás, é mais estúpido ainda pensar que as

⁶² Léxico Grego do Novo Testamento, págs. Pgs. 104, 105. Edward Robinson. Edição em língua portuguesa © 2012 Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

ameaças de julgamento com as inúmeras vindas do Senhor se encerraram no ano 70 d.C. Mas alguém dirá que o povo de Aliança e o trato de Deus com eles acabou. Mas as nações não acabaram, o pecado não se encerrou. No tempo do Antigo Testamento Deus fazia julgamentos fora de Israel. E hoje ainda o faz.

“...vinda do nosso Senhor Jesus com
todos os seus santos”

Um dos pontos mais debatidos entre os defensores da Parousia no ano 70 d.C. é a expressão: “na vinda do nosso Senhor Jesus com todos os seus santos” (1ª Tessalonicenses 3:13). Muitos preteristas parciais argumentam contra a interpretação de Max King e de James Stuart Russell, afirmando que, se a Segunda Vinda de Cristo ocorreu definitivamente no ano 70 d.C., como poderiam estar com Ele “todos os seus santos”, se milhões de cristãos ainda nem haviam nascido? Russell respondia que a expressão não precisa significar todos os santos de toda a história da Igreja, mas os santos já reunidos com Cristo até aquele momento. Além disso, existe outra possibilidade bastante forte: a palavra grega *hagioi* (“santos”) também pode se referir aos anjos, como ocorre em passagens como Zacarias 14:5, Mateus 25:31 e Marcos 8:38, onde o Senhor vem acompanhado dos seus santos anjos. O próprio apóstolo Paulo usa linguagem semelhante em 2ª Tessalonicenses 1:7. Assim, o texto de 1ª Tessalonicenses 3:13 não resolve a questão por si só. Se “santos” forem os anjos, a objeção perde a força; se forem os crentes, Russell entendia que o foco estava na geração envolvida na consumação daquele tempo, e não em todos os salvos que nasceriam ao longo dos séculos.

O próprio Russell observa que a palavra grega “ἅγιοι, santos, pode referir-se a anjos, a homens, ou a ambos. Não há nada no texto que determine com precisão essa referência. É verdade que, no capítulo

seguinte (v. 14), somos informados de que “também os que dormem em Jesus Deus os trará com ele”.⁶³

Expectativa Pessoal ou Coletiva da Vinda Iminente Não é Certeza Inspirada

É fato que os tessalonicenses tinham uma expectativa muito intensa em relação à Segunda Vinda de Cristo. Ao que tudo indica, dentre as igrejas do Novo Testamento, eles se destacaram nesse aspecto, chegando ao ponto de alguns abandonarem o trabalho, convencidos de que a Volta do Senhor era iminente (2ª Tessalonicenses 3:10-12).

Por outro lado, os judeus do período do Segundo Templo também esperavam uma ressurreição para um futuro próximo, ligada ao fim da Era e ao Juízo Divino. Esperar pela ressurreição era, em essência, esperar pela manifestação do Messias em Sua glória. Suponhamos que o apóstolo Paulo compartilhasse dessa mesma expectativa de brevidade, comum entre muitos judeus e cristãos da Igreja primitiva. Ainda assim, essa expectativa, fosse individual ou coletiva, não deve ser confundida com uma revelação inspirada do Espírito Santo sobre a data do acontecimento. O próprio Senhor ensinou que ninguém sabe o dia nem a hora, e a história tem demonstrado que toda tentativa de marcar o tempo da Segunda Vinda termina em frustração.

Portanto, o fato de os tessalonicenses esperarem tão intensamente a Volta de Cristo, a ponto de alguns deixarem de trabalhar (como se supõe), não prova que a Segunda Vinda necessariamente ocorreria naquela geração. Com sabedoria pastoral, Paulo aproveitou essa expectativa já existente para exortar os irmãos à vigilância, à perseverança e à responsabilidade. O mesmo acontece ainda hoje: pregadores frequentemente usam a esperança da Volta de Cristo para

⁶³ Idem nº 14, pg. 163.

incentivar uma vida santa e vigilante, sem que isso signifique afirmar que o Senhor retornará necessariamente em nossa geração.

Eventos que Acompanham a Parousia: Ressurreição e Arrebatamento dos Vivos

“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança.

Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus, por meio de Jesus, trará com ele aqueles que nele dormiram.

Conforme a palavra do Senhor, dizemos a vocês que nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem.

Porque, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois, nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. Assim, estaremos com o Senhor para sempre.

Portanto, consolem-se uns aos outros com estas palavras”.

- 1ª Tessalonicenses 4:13-18

Russell comenta:

“Evidentemente, essas explicações de São Paulo atendem a um estado de coisas que começaram a se manifestar entre os cristãos de Tessalônica e que Timóteo lhe havia relatado. Aguardando ansiosamente a vinda de Cristo, lamentaram a morte de seus companheiros cristãos por excluí-los da participação no triunfo e na bênção da Parousia. “Eles temiam que esses cristãos que partiriam perderiam a felicidade de testemunhar a segunda vinda de seu

Senhor, que esperavam em breve contemplar”. Para corrigir este equívoco o apóstolo faz as explicações contidas nesta passagem”.⁶⁴

Russell corretamente trata essa Vinda como literal:

“...a ordem dos eventos presentes na Parousia:

1. A descida do Senhor do céu com um grito, com a voz do arcanjo, e a trombeta de Deus.
2. A ressurreição dos mortos que partiram no Senhor.
3. O arrebatamento simultâneo dos santos vivos, junto com os mortos ressuscitados, na região do ar, para encontrar seu Senhor vindouro.
4. A reunião eterna de Cristo e Seu povo no céu”.⁶⁵

Mas, na sequência, comete o mesmo erro dos preteristas completos e de críticos da Bíblia:

“A inferência legítima das palavras de São Paulo no versículo 15, “nós, os que estivermos vivos e permanecermos até a vinda do Senhor,” é que ele previu que fosse possível e até provável que seus leitores e ele próprio estivessem vivos na vinda do Senhor. Essa é a interpretação natural e óbvia de sua linguagem”.⁶⁶

A questão de que Paulo “previu que fosse possível e até provável” não é certeza se de fato eles estariam vivos para esse evento.

Mais a frente, Russell cita o teólogo Dean Alford que, embora admitindo que o apóstolo mantinha essa expectativa - a de estar vivo na Parousia - a considera equivocada, pois continua dizendo:

⁶⁴ Idem nº 14, pg. 164.

⁶⁵ Idem nº 14, pg. 165.

⁶⁶ Idem nº 14, pg. 165.

“Nem deve surpreender a nenhum cristão que os apóstolos, nesse ponto específico, tenham visto sua expectativa pessoal sujeita a decepção quanto a um dia sobre o qual foi dito de modo tão solene que ninguém conhece o tempo determinado, nem os anjos no céu, nem o Filho, mas somente o Pai. (Marcos 13:32)”.⁶⁷

Todo preterista parcial que entende que todo o Sermão Profético se cumpriu no período da Igreja primitiva reconhece que a expressão “o dia e a hora”, em Mateus 24:36 e Marcos 13:32, indicava algo que não poderia ser conhecido antecipadamente, embora a geração em que esses acontecimentos ocorreriam fosse claramente identificada (Mateus 24:34).

Há, entretanto, preteristas parciais que sustentam que o cumprimento do Sermão Profético se estende apenas até Mateus 24:34, entendendo que, a partir do versículo 36, o discurso passa a tratar da Segunda Vinda de Cristo no último dia.

Seja qual for essa divergência interpretativa, permanece um ponto em comum: os tempos ou épocas permaneceriam desconhecidos, conforme ensinado em Atos 1:7:

“Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade”.

Assim, no que diz respeito à Vinda em juízo contra Israel e Jerusalém, consumada no ano 70 d.C., a única informação cronológica explicitamente revelada era que ela ocorreria dentro daquela geração (Mateus 24:34). O dia e a hora exatos da queda da cidade santa, porém, permaneceram desconhecidos.

⁶⁷ Idem nº 14, pg. 165.

Russell cita dois teólogos que fizeram observações corretas sobre a questão da Igreja primitiva estar viva para ver a Segunda Vinda de Cristo:

“Da mesma maneira, encontramos as seguintes observações em Conybeare e Howson (capítulo 11):

“A igreja primitiva, e até os próprios apóstolos, esperavam que seu Senhor voltasse naquela mesma geração. O próprio São Paulo compartilhou essa expectativa, mas, estando sob a orientação do Espírito da verdade, não deduziu daí nenhuma conclusão prática errônea”.⁶⁸

Como era de se esperar, Russell contesta isso:

“Mas a questão é: os apóstolos tinham motivos suficientes para suas expectativas? Eles não estavam totalmente justificados em acreditar como criam? O Senhor não havia previsto expressamente Sua vinda dentro dos limites da geração existente? Ele não o conectou com a derrubada do templo e a subversão da política nacional de Israel? Ele não assegurou a Seus discípulos que em “pouco tempo” eles deveriam vê-lo de novo? Ele não declarou que alguns deles deveriam viver para testemunhar Sua volta? E depois de tudo isso, é necessário encontrar desculpas para São Paulo e os primeiros cristãos, como se eles tivessem trabalhado sob uma ilusão? Se o fizeram, não foram eles os culpados, mas seu Mestre. Seria realmente estranho se, depois de todas as exortações que receberam para estar em alerta, vigiar, viver na expectativa contínua da Parousia, os apóstolos não tivessem acreditado confiantemente em Sua vinda rápida e tivessem ensinado outros a fazerem o mesmo”.⁶⁹

Todas as perguntas levantadas por Russell podem ser respondidas com um sonoro “sim”, desde que a referência seja à Vinda em juízo

⁶⁸ Idem nº 14, pg. 166.

⁶⁹ Idem nº 14, pg. 166.

contra Jerusalém, ocorrida dentro daquela geração dos discípulos. Quando, porém, a referência é a Segunda Vinda de Cristo, a resposta é diferente.

Demonstrarei isso a seguir por meio de diversos argumentos.

O Apóstolo Paulo não Esperava estar Vivo na Segunda Vinda de Cristo

A interpretação de que o apóstolo Paulo esperava permanecer vivo em seu corpo terreno até a Segunda Vinda de Cristo não se sustenta à luz da gramática grega. O texto de 1ª Tessalonicenses 4:15 não estabelece um indicador profético de tempo; ele identifica uma categoria de pessoas. A diferença entre essas duas leituras é fundamental.

Sobre esse tema, o teólogo Jason L. Bradfield escreve:

“A frase-chave em grego é *hemeis boi zontes boi perileipomenoi* (ἡμεῖς οἱ ζῶντες οἱ περιλειπόμενοι). O pronome *hemeis* (“nós”) é seguido por dois participípios presentes articulados: *boi zontes* (“os que vivem”) e *boi perileipomenoi* (“os que permanecem”). Os participípios têm função substantiva, o que significa que descrevem uma classe de pessoas definida por sua condição no momento do evento, não no momento da escrita. Paulo está dizendo, em essência, “aqueles dentre nós, os crentes, que estiverem vivos e permanecerem quando o Senhor vier”. O tempo presente dos participípios é relativo à ação principal da frase (a vinda do Senhor), não ao momento em que Paulo pegou a caneta. Este é um uso padrão do participípio articular no grego koiné, e não há nada na gramática que restrinja o referente a Paulo e seus contemporâneos imediatos”.⁷⁰

⁷⁰ “Nós que Estamos Vivos” Não é um Texto Temporal, pg. 11. Jason Bradfield. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Nos_que_Estamos_Vivos_Nao_e_um_Texto_Temporal.html Acessado dia 22/07/2026

A argumentação de Paulo organiza os crentes em duas categorias: aqueles que morreram em Cristo e aqueles que permanecem vivos. O uso do pronome “nós” reflete sua condição compartilhada com os destinatários da carta, que, naquele momento, pertenciam naturalmente ao grupo dos vivos. Entretanto, o foco da passagem não está na expectativa de que Paulo permaneceria vivo até a Parousia, mas na incerteza quanto ao tempo de sua ocorrência, o que implica a possibilidade de que alguns crentes viessem a morrer antes desse evento.

Se Paulo tivesse a convicção de que a Parousia aconteceria durante sua própria vida, a preocupação dos tessalonicenses com a morte recente de alguns irmãos dificilmente teria adquirido proporções que justificassem uma exortação apostólica. O consolo oferecido por Paulo só adquire pleno significado pastoral porque o momento da morte, assim como o da volta de Cristo, permanece indeterminado.

O que torna a interpretação do chamado “texto temporal” insustentável não é apenas seu contexto imediato, mas o testemunho do próprio Paulo em suas cartas posteriores. Se a expressão “nós, os que estivermos vivos” fosse uma afirmação profética de que ele permaneceria vivo até a Parousia, então seus escritos posteriores o colocariam em contradição. No entanto, é exatamente o contrário que acontece.

Em Filipenses, escrita durante sua prisão, Paulo demonstra que considera sua própria morte uma possibilidade real:

“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro... Estou pressionado entre os dois: desejo partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

- Filipenses 1:21–23

Essa não é a linguagem de alguém que acredita ter recebido uma garantia de que sobreviverá até a Volta de Cristo. Paulo trata a morte como uma possibilidade concreta e até desejável, por significar estar com o Senhor.

A mesma perspectiva aparece em 2ª Coríntios, quando afirma preferir estar “ausente do corpo e presente com o Senhor” (2ª Coríntios 5:8), reconhecendo naturalmente a possibilidade de morrer antes da ressurreição.

Essa expectativa torna-se definitiva em 2ª Timóteo:

“Porque eu já estou sendo oferecido por libação, e o tempo da minha partida chegou... Desde agora me está guardada a coroa da justiça, que o Senhor... me dará naquele Dia”.

- 2 Timóteo 4:6–8

Paulo sabe que morrerá antes da Parousia, mas continua aguardando “aquele Dia” sem qualquer sinal de que uma expectativa anterior tenha fracassado.

Isso mostra que a expressão “nós, os que estivermos vivos” nunca foi uma previsão sobre sua sobrevivência. Se fosse, esperaríamos alguma explicação quando sua morte se tornou iminente. Em vez disso, Paulo transita naturalmente entre a possibilidade de estar vivo e a certeza de morrer, sem indicar qualquer mudança em sua esperança escatológica.

A explicação mais coerente é que o “nós” de 1ª Tessalonicenses 4 é inclusivo, não autobiográfico. Paulo simplesmente se identifica com a comunidade cristã ao descrever as duas categorias que existirão na volta de Cristo: os que já tiverem morrido e os que ainda estiverem vivos. Seu objetivo não era prever seu próprio destino, mas assegurar que, vivos ou mortos, todos os que pertencem a Cristo participarão igualmente da glória de Sua Vinda.

Convém, ainda, comparar 1ª Tessalonicenses 4 com os verdadeiros textos temporais do Novo Testamento. Quando Jesus afirma: “Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu reino” (Mateus 16:28) ou *”Esta geração não passará até que todas estas coisas aconteçam” (Mateus 24:34), Ele estabelece referências temporais inequívocas. Em ambos os casos, há uma declaração explícita de que determinados acontecimentos ocorrerão dentro do horizonte de vida de pessoas ou de uma geração específica.

Nada semelhante ocorre em 1ª Tessalonicenses 4. Paulo não fixa um prazo nem afirma que sua geração presenciará a Parousia. Sua linguagem apenas distingue os dois grupos que existirão quando Cristo Voltar: os que já tiverem morrido e os que ainda estiverem vivos. A expressão “nós, os que estivermos vivos” não identifica uma geração privilegiada, mas descreve uma condição eventual. Por isso, classificá-la como um texto temporal é atribuir à passagem uma função que sua própria estrutura gramatical não sustenta.

Essa compreensão explica por que o texto permanece vivo e relevante para toda a Igreja. Em qualquer época da história, os cristãos podem ler essas palavras e reconhecer-se entre aqueles que talvez ainda estejam vivos na Vinda de Cristo, sem que isso implique uma previsão sobre sua geração. O propósito de Paulo não era revelar quando a Parousia aconteceria, mas confortar os crentes diante da morte, assegurando que tanto os vivos quanto os mortos participarão igualmente da vitória final de Cristo.

Interpretar essa passagem como uma profecia sobre a longevidade de Paulo transforma um texto de consolo em uma previsão fracassada. Contudo, essa leitura não encontra apoio na gramática da passagem, no desenvolvimento do pensamento do próprio Paulo, no contexto imediato de 1ª Tessalonicenses, nas palavras de Jesus sobre o desconhecimento dos tempos determinados pelo Pai (Atos 1:7)

nem na descrição da ressurreição apresentada em 1ª Coríntios 15. Em vez de anunciar que ele próprio estaria vivo na parousia, Paulo simplesmente fala a partir da perspectiva comum da esperança cristã, na qual todo crente vive aguardando a Volta do Senhor, sem conhecer o momento em que ela ocorrerá.

A Questão do Idiomatismo Hebraico

O apóstolo Paulo era judeu, da tribo de Benjamim (Romanos 11:1; Filipenses 3:5). Educado desde a juventude nas mais rigorosas tradições do judaísmo, tornou-se fariseu e foi instruído aos pés de Gamaliel, um dos mestres mais respeitados de sua época (Atos 22:3). Seu profundo conhecimento da Lei de Moisés e seu zelo pelas tradições dos pais fizeram dele um vigoroso opositor da Igreja nascente, perseguindo os cristãos antes de sua conversão (Gálatas 1:13–14; Filipenses 3:6).

Considerando essa formação, é natural concluir que Paulo também escrevesse segundo os padrões linguísticos e literários característicos da tradição hebraica. Entre esses recursos destaca-se o chamado “idiomatismo hebraico”, pelo qual acontecimentos futuros são descritos como se já estivessem presentes ou consumados. Essa forma de expressão não pretende indicar que o evento já ocorreu, mas enfatizar sua certeza à luz do propósito soberano de Deus.

Esse recurso é amplamente encontrado na literatura profética do Antigo Testamento. Séculos antes do nascimento de Cristo, Isaías anuncia:

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu...”.

- Isaías 9:6

Embora o nascimento do Messias ainda estivesse no futuro, o profeta o descreve como um fato consumado, ressaltando a absoluta certeza de seu cumprimento.

Reconhecer essa característica da linguagem hebraica é importante para a interpretação dos escritos paulinos. Como judeu profundamente familiarizado com as Escrituras e com seus modos de expressão, Paulo frequentemente emprega uma linguagem moldada por essa tradição. Ignorar esse pano de fundo pode levar o intérprete moderno a atribuir às suas palavras um sentido que elas nunca pretenderam comunicar, especialmente em passagens relacionadas à esperança escatológica e à expectativa da Vinda de Cristo.

Este parece ser precisamente o caso de 1ª Tessalonicenses 4:17. Ao dizer “nós, os que estivermos vivos”, Paulo não está afirmando que permaneceria vivo até a Vinda de Cristo. Antes, ele fala da Parousia como uma esperança presente, trazendo o evento futuro para o horizonte da Igreja. Essa forma de expressão é característica do idiomatismo hebraico, que frequentemente descreve o futuro na linguagem do presente para enfatizar sua certeza e iminência na expectativa do povo de Deus.

Não é por acaso que João Calvino reconheceu esse recurso linguístico nessa passagem. Comentando 1ª Tessalonicenses 4, o Reformador observa:

“Quanto, porém, à circunstância de que, falando na primeira pessoa, faz-se como que um do número daqueles que estarão vivos no último dia, ele pretende com isto despertar os tessalonicenses para que a esperassem; mais ainda, manter todos os fiéis em suspense, para que não se comprometessem com algum tempo em particular; pois, admitindo que fosse por uma revelação especial que sabia que Cristo viria em um tempo relativamente posterior, contudo era necessário que esta doutrina fosse entregue em comum à Igreja, para que os fiéis estivessem preparados em todos os

tempos. Ao mesmo tempo, era necessário cortar assim todo o pretexto de curiosidade de muitos – conforme veremos depois ele fazendo isto em maiores detalhes. **Quando, porém, diz nós, os que ficarmos vivos, ele faz uso do tempo presente ao invés do futuro, em harmonia com o idiomatismo hebraico**”.⁷¹

- O grifo é meu.

Há ainda outra possibilidade linguística, comum não apenas no hebraico, mas também no português. Certa vez, ouvi um cientista dizer, por exemplo:

“Daqui a duzentos anos, olharemos para o passado e veremos que o mundo de hoje era primitivo”.

Evidentemente, ele não está afirmando que estaremos vivos daqui a dois séculos. Trata-se apenas de uma forma natural de expressão, pela qual o falante se inclui retoricamente entre as pessoas que viverão naquele tempo futuro. O uso da primeira pessoa do plural, nesse caso, não comunica uma previsão sobre sua própria longevidade, mas cria uma identificação com a perspectiva das gerações futuras.

O Dia do Senhor e a Vigilância dos Fieis

“Irmãos, quanto aos tempos e às épocas, não precisamos escrever, pois vocês mesmos sabem perfeitamente que o dia do Senhor virá como um ladrão à noite.

Quando disserem: “Paz e segurança”, a destruição virá de repente sobre eles, como as dores de parto à mulher grávida; de modo nenhum escaparão.

Vocês, porém, irmãos, não estão nas trevas para que esse dia os surpreenda como um ladrão.

⁷¹ Comentários de Calvino sobre a Ressurreição e o Arrebatamento. João Calvino.
Fonte: www.monergismo.com Data: 14/09/2012

Vocês todos são filhos da luz e filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas.

Portanto, não durmamos como os demais, mas estejamos alerta e sejamos sóbrios.

Pois os que dormem, de noite dormem; os que se embriagam, de noite se embriagam.

Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo a couraça da fé e do amor e o capacete da esperança da salvação.

Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio do nosso Senhor Jesus Cristo.

Ele morreu por nós para que, quer despertos, quer dormindo, vivamos unidos a ele”.

- 1ª Tessalonicenses 5:1-10

Russell comenta:

“É manifesto que não haveria sentido nesses apelos urgentes à vigilância, a menos que o apóstolo acreditasse na proximidade da crise vindoura. Foi para os tessalonicenses, ou para alguma geração não nascida em um futuro distante, que São Paulo estava escrevendo essas linhas? Por que instar os homens em 52 d.C., a assistir e estar alerta, a uma catástrofe que não ocorreria por centenas e milhares de anos? Toda palavra dessa exortação supõe que a crise seja próxima e iminente”.⁷²

Russell incorre no mesmo equívoco dos futuristas. Em geral, eles pressupõem uma continuidade temática entre os capítulos 4 e 5 de 1ª Tessalonicenses. No entanto, uma mudança de assunto torna-se evidente em 1ª Tessalonicenses 5:1.

O capítulo 4 é concluído com uma clara nota de encerramento: “Portanto, consolem-se uns aos outros com estas palavras” (1ª Tessalonicenses 4:18). Essa exortação funciona como a conclusão natural do tema desenvolvido até ali. Em seguida, Paulo introduz um

⁷² Idem nº 14, pg. 167.

novo assunto ao dizer: “Quanto aos tempos e às épocas...” (1ª Tessalonicenses 5:1), uma expressão que frequentemente marca o início de uma nova seção em suas cartas.

Em síntese, 1ª Tessalonicenses 4 trata da Segunda Vinda de Cristo, acompanhada da ressurreição dos mortos e do arrebatamento dos vivos. Já 1ª Tessalonicenses 5 volta-se para o tema do Dia do Senhor, entendido aqui como o juízo que culminou na destruição de Jerusalém dentro daquela geração. Vimos anteriormente que a expressão “dia do Senhor”, embora frequentemente associada à Segunda Vinda de Cristo, também é uma referência genérica do Antigo Testamento a qualquer ocasião em que o Senhor “vem” em julgamento contra uma nação ou cultura. Assim como houve muitos “dias do Senhor” no passado, também haverá outros no futuro e, por fim, o do último Dia do mundo.

O texto que realmente demonstra que o dia do Senhor descrito em 1ª Tessalonicenses 5:1-10 está em foco é 2ª Tessalonicenses 2.

Observe:

“Irmãos, quanto à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por espírito, Ou por profecia, quer por palavra, quer por carta, supostamente enviada por nós, afirmando que o dia do Senhor já chegou”.

— 2ª Tessalonicenses 2:1,2

Se a preocupação dos tessalonicenses fosse acerca da ressurreição e do arrebatamento na Segunda Vinda de Cristo como que tivessem chegado, bastaria olharem ao redor e constatarem que os mortos não haviam ressuscitado nem os cristãos haviam sido arrebatados, pois o ensino de 1ª Tessalonicenses 4 sobre esses eventos é muito claro. Fica evidente, portanto, que a dúvida não dizia respeito ao capítulo 4 da primeira carta, mas ao capítulo 5.

Se o “dia do Senhor” de 1ª Tessalonicenses capítulo 5 fosse exatamente o mesmo evento de 1ª Tessalonicenses capítulo 4 (a ressurreição e o arrebatamento), seria difícil entender por que alguns tessalonicenses acreditaram que esse dia já havia chegado. Para eles, Paulo poderia ter respondido dizendo: “Vocês não veem que ninguém ressuscitou ou desapareceu?”. Ele, na verdade, responde mostrando que certos acontecimentos ainda precisavam ocorrer antes do dia do Senhor, como a apostasia e a manifestação do homem da iniquidade (2ª Tessalonicenses 2:3–4). Isso sugere que a preocupação deles era com um dia de juízo que julgavam estar em andamento ou iminente, e não necessariamente com a ressurreição descrita em 1ª Tessalonicenses capítulo 4. Observe que Paulo usa duas vezes a palavra “agora” e também uma vez a palavra “já”, indicando temporalmente que esse dia do Senhor era o julgamento daqueles dias e que o homem da iniquidade era contemporâneo dos tessalonicenses, isto é, Nero César como futuro imperador romano. Isso prova que o arrebatamento e a ressurreição não estavam em vista para os crentes de Tessalônica, pois esse evento seria repentino, e eles não teriam tempo para temer que a Segunda Vinda já tivesse chegado — a menos que alguém tivesse ficado para trás.

É por isso que alguns intérpretes, especialmente entre os preteristas parciais, entendem que:

1. 1ª Tessalonicenses 4:13–18 trata da Segunda Vinda futura de Cristo, acompanhada da ressurreição e da transformação dos santos.
2. 1ª Tessalonicenses 5:1–11, desenvolvido depois em 2 Ts 2, trata do Dia do Senhor relacionado ao juízo sobre a ordem judaica do primeiro século.

O próprio capítulo que fala do dia do Senhor mostra a proximidade desse evento:

“Que o próprio Deus da paz os santifique por completo. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda do nosso Senhor Jesus Cristo”.

- 1ª Tessalonicenses 5:23

Russell adequadamente comenta que “a morte é a dissolução da união entre corpo, alma e espírito, e a oração do apóstolo é que espírito, alma e corpo possam “todos juntos” [ὅλοικληρον] serem preservados em santidade até a vinda do Senhor. Isso implica a continuidade de sua vida corporal até esse evento”.⁷³

Mas como o Dia do Senhor
afetaria os crentes de Tessalônica para que
houvesse preocupação com sua chegada?

Podemos também perguntar:

Mas como a Grande Tribulação, concentrada em Jerusalém, poderia afetar cristãos que viviam longe de Israel? Por que o dia do Senhor sendo uma vinda em juízo contra Jerusalém despertaria preocupação entre os tessalonicenses?

Para quem desconhece a perspectiva preterista, isso pode parecer improvável. No entanto, embora a Grande Tribulação tivesse seu epicentro em Jerusalém, seus efeitos alcançaram todo o mundo romano.

Antes mesmo do ano 70 d.C., essa aflição já começava a ser sentida quando as cartas apostólicas e o Apocalipse foram escritos:

“Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está.

⁷³ Idem nº 14, pg. 168.

Isto, porém, vos digo, irmãos: **o tempo se abrevia**; [...] porque a aparência deste mundo passa”.

— 1ª Coríntios 7:26, 29-31 (o grifo é meu)

“Filhinhos, **já é a última hora**; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, **agora**, muitos anticristos têm surgido...”.

— 1ª João 2:18 (o grifo é meu)

“...o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, **presentemente, já está no mundo**”.

— 1ª João 4:3 (o grifo é meu)

“Eu, João, [...] sou vosso companheiro **na aflição**...”.

— Apocalipse 1:9 (o grifo é meu)

Outro texto que corrobora mostrando os efeitos da tribulação daqueles dias é Atos 17:31, onde Paulo afirma que Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça”. A palavra grega para “mundo” é *oikoumene*, termo que frequentemente designa o Império Romano. Os críticos alegam que os gentios de Tessalônica e de outras cidades não sabiam da futura destruição de Jerusalém e, portanto, não tinham motivo para vigiar.

Esse argumento, porém, não refuta o preterismo. O desconhecimento de um acontecimento não elimina seu alcance. Pelo mesmo raciocínio, a morte e a ressurreição de Cristo também poderiam ser consideradas irrelevantes, pois ocorreram localmente e eram conhecidas por poucos no início da Igreja. No entanto, seus efeitos alcançaram o mundo inteiro. Da mesma forma, o juízo sobre Jerusalém, embora localizado, produziu consequências para todo o Império Romano.

O dia do Senhor nos anos 66-70 d.C. Teve Implicações Cósmicas e Eternas

Para os judeus, o dia do Senhor na destruição de Jerusalém não era apenas um evento local, mas possuía profundo significado espiritual. Jerusalém e o Templo eram vistos como o centro do mundo, e sua queda representava uma ruptura na relação de Israel com Deus, como retratado no livro de Lamentações.

Jesus também demonstra que a Grande Tribulação em Jerusalém teria consequências além de Israel. Antes da queda do Templo, o Evangelho seria pregado “por todo o mundo” (*oikoumene*) “para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mateus 24:14). A mesma palavra usada em Atos 17:31, referindo-se ao mundo romano, indica que esse juízo teria alcance mais amplo do que uma simples ocorrência regional.

Lucas 21 reforça essa ideia ao afirmar que, na queda de Jerusalém, haveria “angústia entre as nações” e temor pelas coisas que sobreviriam ao mundo (Lucas 21:25-26). Da mesma forma, Apocalipse 3:10 fala da “hora da provação” que viria sobre o “mundo inteiro” (*oikoumene*), mostrando que, embora o juízo tivesse seu centro em Jerusalém, seus efeitos alcançariam todo o Império Romano.

Um Iminente Julgamento em Todo o Mundo Romano

Afirmar que a queda de Jerusalém não teve impacto além de Israel, ou que cristãos de outras regiões não precisavam estar atentos por causa da distância, ignora as profecias do Novo Testamento que situam esse julgamento na geração do primeiro século.

Jesus prometeu uma Vinda em glória com seus anjos para recompensar cada um segundo suas obras, afirmando que alguns de seus ouvintes ainda estariam vivos quando isso acontecesse (Mateus 16:27-28). Essa mesma expectativa de proximidade aparece em Apocalipse 22:12.

O Novo Testamento apresenta diversos indicadores de tempo que apontam para o cumprimento dessas profecias naquela geração, especialmente Mateus 24:34. O Apocalipse também reforça essa ideia ao declarar que os eventos aconteceriam “em breve” e que o tempo estava “próximo” (Apocalipse 1:1-3; 22:6-7,10,12,20).

Portanto, embora não se trate da Segunda Vinda de Cristo, o dia do Senhor naquele período poderia facilmente abalar e alarmar os cristãos, seja por espírito, profecia, palavra ou carta, conforme 2ª Tessalonicenses 2:2, pois todo o mundo romano sofreria as consequências do julgamento sobre Jerusalém.

Capítulo 4

A Parousia na Epístola de 2ª aos Tessalonicenses

Sobre a Epístola de 2ª aos Tessalonicenses, Russell escreve:

“A Segunda Epístola aos Tessalonicenses parece ter sido escrita logo após a Primeira, para corrigir a má compreensão em que alguns haviam caído a respeito do tempo da Parousia, seja por meio de uma interpretação errônea da antiga carta do apóstolo, ou em consequência de alguma comunicação pretensa que circulou entre eles pretendendo ser dele. Aprendemos com esta epístola a natureza exata do erro que alguns dos tessalonicenses haviam cometido. Foi achar que realmente chegou a hora da Parousia. Em consequência dessa opinião, alguns começaram a negligenciar seus empregos seculares e a subsistir da caridade de outros. Para verificar os males que podem surgir, ou que surgiram, de tais impressões errôneas, São Paulo escreveu essa segunda epístola, lembrando-lhes que certos eventos, que ainda não haviam ocorrido, devem preceder o “dia do Senhor”. No entanto, não há nada na epístola que indique que a Parousia era um evento distante, o que encontramos é exatamente o oposto”.⁷⁴

O que Russell afirma no trecho acima reflete a interpretação amplamente divulgada por muitos comentaristas de que “alguns

⁷⁴ Idem nº 14, pg. 169.

começaram a negligenciar seus empregos seculares e a viver da caridade de outros”. No entanto, essa é uma interpretação que abandonei há algum tempo. Embora seja bastante difundida, ela não corresponde a uma afirmação explícita do texto bíblico.

A associação é feita porque, tanto na Primeira quanto na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, Paulo trata repetidamente da expectativa da Vinda de Cristo. Por essa razão, muitos intérpretes concluem que a ociosidade de alguns membros da igreja de Tessalônica estava relacionada à crença na iminência da Segunda Vinda. Contudo, o texto nunca estabelece essa ligação de forma explícita. Trata-se, portanto, de uma inferência exegética, isto é, de uma conclusão extraída da relação entre diferentes passagens, e não de uma declaração direta do apóstolo.

O que o texto afirma explicitamente é que alguns “não querem trabalhar” e vivem de maneira desordenada (2ª Tessalonicenses 3:10-12). Também afirma que havia confusão na igreja quanto ao Dia do Senhor (2ª Tessalonicenses 2:1-3). A conclusão de que a ociosidade foi motivada pela expectativa escatológica é uma inferência, não uma afirmação do texto.

Pessoalmente, não creio que os tessalonicenses tenham abandonado seus empregos por causa da expectativa da Segunda Vinda de Cristo, nem em razão da crença de que o Dia do Senhor ocorreria no ano 70 d.C. Ainda assim, reconheço que essa hipótese é plausível, justamente porque movimentos marcados por forte expectativa escatológica frequentemente produzem esse tipo de comportamento. A história registra diversos exemplos de grupos e indivíduos que venderam todos os seus bens ou abandonaram suas atividades por acreditarem que o fim era iminente.

Todavia, mesmo admitindo a possibilidade de que alguns tessalonicenses tenham deixado de trabalhar por causa de expectativas escatológicas — hipótese que o texto não confirma nem

nega —, a interpretação de Russell continua equivocada. Seu erro consiste em apresentar como fato aquilo que o texto bíblico não afirma. A Escritura condena a ociosidade e menciona a confusão quanto ao Dia do Senhor, mas não estabelece uma relação causal entre essas duas situações. Transformar uma inferência exegética em uma afirmação textual ultrapassa os limites daquilo que o próprio texto permite concluir.

A Parousia é o Tempo de Julgamento para os Inimigos de Cristo e de Libertação para Seu Povo

“É justo da parte de Deus retribuir com tribulação àqueles que os oprimem e dar alívio a vocês, que estão sendo oprimidos, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus com os seus anjos poderosos, em meio a chamadas de fogo.

Ele punirá os que não conhecem a Deus, aqueles que não se submetem ao evangelho do nosso Senhor Jesus.

Eles sofrerão a pena da destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da sua poderosa glória.

Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado por seus santos e admirado por todos os que creram, entre os quais vocês estão, porque creram no nosso testemunho”.

- 2ª Tessalonicenses 1:6-10

Sobre este texto, Russell escreve:

“É óbvio pelas alusões no início dessa epístola que os tessalonicenses **estavam sofrendo severamente com a malícia de seus perseguidores judeus e com aqueles “companheiros lascivos do tipo mais baixo”, que estavam ligados a eles.** (Atos 17:5) O apóstolo conforta-os com a perspectiva de libertação na aparição do Senhor Jesus, **que traria repouso a eles e vingança a seus inimigos.** Isso está em perfeita concordância com as

representações constantemente feitas com relação à Parousia- que seria o tempo de julgamento para os iníquos e a recompensa para os justos. O apóstolo parece não antecipar o “repouso” de que fala até a Parousia, “quando o Senhor Jesus for revelado do céu” etc. Segue-se que o restante foi concebido por São Paulo como **muito próximo; pois, se a revelação do Senhor Jesus ainda é um evento futuro, devemos concluir que nem o apóstolo nem os cristãos sofredores ainda entraram nesse repouso.** Observa-se que não se diz que **a morte traria o repouso, mas o apocalipse do Senhor Jesus do céu; uma prova clara de que o apóstolo não considerou esse apocalipse como um evento distante**”.⁷⁵

- O grifo é meu.

Essa passagem, que descreve a Vinda do Senhor trazendo alívio aos tessalonicenses ainda durante suas vidas, embora possa ser aplicada também à Segunda Vinda de Cristo em um futuro distante — visto que, pouco antes do Juízo Final, haverá a última rebelião de Satanás contra o povo de Deus, a qual será imediatamente interrompida pelo fogo que descerá do céu (Apocalipse 20:7-10) —, deve igualmente ser entendida como uma referência à Vinda de Cristo em juízo sobre Jerusalém no ano 70 d.C.

Essa aplicação se harmoniza com o contexto imediato da epístola, pois Paulo promete alívio aos cristãos que então sofriam perseguição, indicando um evento que teria relevância para seus primeiros destinatários, sem excluir seu cumprimento pleno e definitivo na consumação de todas as coisas. Não me refiro a um duplo cumprimento da profecia, mas ao princípio de que, em todas as épocas, o povo de Deus frequentemente sofre a opressão de seus inimigos. Da mesma forma, é de se esperar que Deus conceda algum tipo de alívio aos seus servos, seja por meio da morte física, que põe fim aos sofrimentos desta vida, seja por intervenções providenciais na história, como mudanças nas circunstâncias políticas ou

⁷⁵ Idem nº, pg. 169.

governamentais, e, em última instância, por ocasião da Segunda Vinda de Cristo, quando toda aflição será definitivamente removida.

Portanto, entende-se que o cumprimento dos versículos 6–10, nos quais Paulo diz que Deus “retribuirá com tribulação aos que os oprimem e dará alívio a vocês, que estão sendo oprimidos”, ocorreu com a queda de Jerusalém e a destruição do Templo no ano 70 d.C. Esse acontecimento pôs fim à perseguição que muitos judeus promoviam contra a Igreja primitiva.

Os judeus do primeiro século perseguiram os cristãos, em grande parte, por causa do seu zelo pela Lei de Moisés. A mensagem dos apóstolos anunciava que Cristo havia cumprido a Lei e que a antiga aliança estava chegando ao fim. Além disso, eles pregavam nas sinagogas que Jesus era o Messias prometido, o que frequentemente provocava forte oposição das lideranças judaicas. Assim, a destruição de Jerusalém representou o juízo de Deus sobre a nação que rejeitou o Messias e, ao mesmo tempo, trouxe alívio aos cristãos ao pôr fim ao principal foco de perseguição que enfrentavam naquela época.

A Grande “reunião” dos Eleitos: Seria o Arrebatamento no ano 70 d.C.?

“Irmãos, quanto à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por espírito, Ou por profecia quer por palavra, quer por carta, supostamente enviada por nós, afirmando que o dia do Senhor já chegou”.

- 2ª Tessalonicenses 2:1-2

Russell diz que “a Vinda de Cristo” e a “nossa reunião com ele” “são evidentemente considerados pelo apóstolo como simultâneos

ou, em todo o caso, intimamente relacionados”.⁷⁶ E, de fato são, porque nessa “reunião” com o Senhor em Sua Vinda em juízo contra Jerusalém, os eleitos são reunidos:

“E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus”.

- Mateus 24:31

Russell associa esse evento com 1ª Tessalonicenses 4:16-17:

“Pois o próprio Senhor descenderá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus, etc. Isso não pode ser outra coisa senão a convocação dos vivos e dos mortos para os tribunal de Cristo”.

Russell diz que o texto acima refere-se “aquela grande e solene “reunião” que os tessalonicenses haviam sido ensinados a “esperar”; mas parece que eles estavam envolvidos em uma má compreensão a respeito da hora de sua chegada”.⁷⁷ Convém recordar o que foi demonstrado anteriormente. Se a “vinda” e a “reunião” mencionadas em 2ª Tessalonicenses 2:1-2 fossem uma referência ao arrebatamento e à ressurreição ensinados por Paulo em 1ª Tessalonicenses 4, bastaria que os tessalonicenses observassem a realidade ao seu redor para perceber que tal evento ainda não havia ocorrido. Afinal, os mortos não haviam ressuscitado e os cristãos não haviam sido arrebatados. Essa constatação seria suficiente para desfazer qualquer engano. Além disso, o próprio contexto das cartas mostra que o ensino de 1ª Tessalonicenses 4 trata de um assunto distinto daquele desenvolvido em 1ª Tessalonicenses 5 acerca do dia do Senhor. Em 2ª Tessalonicenses 2:1-2, Paulo trata justamente do “dia do Senhor”, não da Vinda trazendo ressurreição e arrebatamento.

⁷⁶ Idem nº 14, pg. 172.

⁷⁷ Idem nº 14, pg. 172.

A Reunião dos Escolhidos

A reunião dos escolhidos mencionada por Jesus, após a destruição de Jerusalém, é frequentemente interpretada como uma referência ao arrebatamento. Entretanto, uma análise cuidadosa do contexto indica outra direção. O próprio relato paralelo de Lucas esclarece o significado desse acontecimento:

“Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça, porque a vossa redenção se aproxima”.

- Lucas 21:28

Enquanto Mateus destaca o ajuntamento dos eleitos, Lucas enfatiza a aproximação da “redenção”. Essa redenção, porém, não deve ser entendida como a salvação eterna, pois os discípulos já eram seguidores de Cristo. Já vimos anteriormente sobre o significado de “redenção em Lucas 21:28. O contexto aponta para um livramento histórico que ocorreria durante aqueles dias de intensa tribulação.

Pouco antes, Jesus advertira que, se aquele período não fosse abreviado, ninguém escaparia com vida (Mateus 24:22). Assim, a redenção anunciada refere-se ao fim do sofrimento provocado pelo cerco de Jerusalém e pelo colapso do sistema judaico que perseguia a Igreja nascente. Com a queda da cidade e do Templo, encerrava-se uma era marcada pela oposição oficial ao Evangelho, inaugurando uma nova fase para a expansão da Fé Cristã.

Outro aspecto importante é a identidade dos “anjos” enviados para reunir os escolhidos. A palavra grega *angelos* significa simplesmente “mensageiro”. Dependendo do contexto, pode designar tanto seres celestiais quanto mensageiros humanos. Em Tiago 2:25, por exemplo, o termo é aplicado aos espias enviados por Josué. Em outras

passagens, refere-se aos mensageiros que anunciam a Palavra de Deus (Mateus 11:10; Lucas 7:24; 9:52; Apocalipse 1–3).

Por essa razão, muitos intérpretes preteristas entendem que, em Mateus 24, Jesus está descrevendo o envio de seus mensageiros para proclamar o Evangelho às nações, reunindo os eleitos por meio da pregação. Após o julgamento de Jerusalém, a missão da Igreja se tornaria ainda mais evidente, alcançando povos de todas as partes da terra.

O verbo traduzido por “ajuntar” possui uma riqueza de significado frequentemente ignorada. A palavra empregada por Jesus está relacionada ao conceito de congregar ou reunir em assembleia, evocando a promessa feita por Moisés:

“Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o SENHOR, teu Deus, e te tomará de lá”.
- Deuteronômio 30:4, Septuaginta.

A promessa não dizia respeito a um arrebatamento para o Céu, mas ao recolhimento do povo de Deus para restaurar sua comunidade da Aliança. Jesus retoma essa linguagem para anunciar que, com o desaparecimento do antigo sistema religioso, Deus reuniria seu povo em uma nova comunidade centrada no Messias.

Essa interpretação harmoniza-se perfeitamente com as palavras pronunciadas pouco antes da profecia do Monte das Oliveiras:

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta”.
- Mateus 23:37–38

Jerusalém recusou o chamado de Cristo e, por isso, sua casa seria deixada deserta. O Templo, símbolo da antiga economia da Aliança, seria destruído. Em seu lugar, Deus edificaria uma comunidade espiritual composta por todos os que cressem em Cristo, independentemente de sua origem étnica.

Embora a Igreja tenha sido inaugurada no Pentecostes pela descida do Espírito Santo, sua posição como o verdadeiro povo da Aliança tornou-se plenamente evidente quando o antigo Templo deixou de existir. A destruição de Jerusalém marcou publicamente o encerramento definitivo da Antiga Aliança e confirmou a transição para a Nova Aliança anunciada pelos profetas e estabelecida por Cristo.

Não por acaso, os cristãos primitivos chamavam suas assembleias de congregações, enquanto o autor de Hebreus exortava os irmãos a permanecerem reunidos, especialmente porque “o Dia se aproxima” (Hebreus 10:25). Esse “Dia” era aguardado como o momento em que Deus executaria Seu juízo contra Jerusalém, confirmando diante de todos que o antigo sistema havia chegado ao fim.

Por fim, a expressão “dos quatro ventos” reforça o caráter universal dessa reunião. Trata-se de uma figura de linguagem amplamente utilizada nas Escrituras para indicar todas as direções da terra. Assim, Jesus anuncia que, após o julgamento de Jerusalém, Seus escolhidos seriam reunidos de todas as nações. O evangelho ultrapassaria definitivamente as fronteiras de Israel, formando um único povo composto por judeus e gentios unidos em Cristo.

Dentro desse contexto, a reunião dos eleitos não descreve um evento secreto de retirada da Igreja do mundo, mas o grande ajuntamento do povo de Deus por meio da proclamação do Evangelho. É a concretização das promessas do Antigo Testamento, agora cumpridas na comunidade da Nova Aliança, que substitui o

antigo sistema e se torna a manifestação visível do Reino de Deus na terra.

Por não saberem ou negarem essas questões que tanto Russell quanto os dispensacionalistas e demais futuristas erram.

Capítulo 5

A Parousia na Epístola de 1ª Coríntios

Russell escreveu que o conteúdo das cartas aos coríntios “é mais variado do que o das epístolas aos tessalonicenses, mas encontramos muitas alusões à vinda antecipada do Senhor. Essa foi a consumação para a qual, na visão de São Paulo, todas as coisas estavam apressando-se e aquilo que todos os cristãos estavam olhando ansiosamente. É representado como o dia decisivo em que todas as dúvidas e dificuldades do presente seriam resolvidas e todos os seus erros corrigidos. Que este grande evento foi considerado pelo apóstolo como estando à mão está implícito em toda alusão ao assunto, enquanto em várias passagens é expressamente afirmado em tantas palavras”.⁷⁸

1ª Carta aos Coríntios: Atitude dos Coríntios em Relação à Parousia

“Desse modo, não falta a vocês nenhum dom espiritual enquanto esperam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado.

⁷⁸ Idem nº 14, pg. 186.

Ele os manterá firmes até o fim para que vocês sejam irrepreensíveis no dia do nosso Senhor Jesus Cristo”.

- 1ª Coríntios 1:7-8

Sobre este texto, Russell escreve:

“A atitude de expectativa em que os coríntios se encontravam é aqui claramente indicada, embora seja fracamente expressa pela expressão “esperar”. A frase usada pelo apóstolo é a mesma de Romanos 8:19, onde toda a criação é representada como “gemendo e sofrendo, aguardando a revelação dos filhos de Deus” [ἀπαιδεχόμενοι τὴν ἀποκάλυψιν]. Conybeare e Howson traduzem: “olhando ansiosamente para o tempo em que nosso Senhor Jesus Cristo for revelado à vista”. Essa atitude implica claramente que o objeto esperado foi entendido como próximo; pois é óbvio que, se fosse um grande engano, a esperança e o desejo sinceros terminariam apenas em amarga decepção. Pode-se dizer: Não esperaram também os santos do Antigo Testamento pelo dia de Cristo? Não se alegrou Abraão em ver o seu dia? e não era isso uma perspectiva distante? É verdade; mas os santos do Antigo Testamento nunca foram levados a entender que a primeira vinda de Cristo aconteceria em seus próprios dias, ou dentro dos limites de sua geração; nem foram exortados a estar continuamente vigilantes, esperando e olhando por Sua vinda. Não temos qualquer razão para supor que suas mentes estivessem constantemente tensas, ou que seus olhos se esforçassem ansiosamente em expectativa do advento, como acontecia com os cristãos da era apostólica”.⁷⁹

Russell confunde expectativa com iminência cronológica. O fato de Paulo exortar os coríntios a aguardarem ansiosamente a revelação de Cristo não prova que ela ocorreria em sua geração. A expectativa cristã é uma atitude permanente de vigilância, não uma garantia da proximidade cronológica do evento. Se o simples fato de “esperar” significasse que a Parousia deveria acontecer na vida dos

⁷⁹ Idem nº 14, pg. 186.

destinatários, então todas as gerações de cristãos que receberam a mesma exortação teriam sido inevitavelmente enganadas. O verbo grego ἀπειδέχομαι descreve a postura do crente diante da promessa de Cristo, não estabelece quando ela se cumprirá.

Sempre devemos ter em mente, conforme vimos anteriormente, que o número dos eleitos não se completou no ano 70 d.C. Enquanto Deus continuar chamando e regenerando os seus eleitos ao longo da história, continuará existindo um “último dia” em que eles serão ressuscitados (João 6.39-40, 44, 54). Portanto, a Segunda Vinda de Cristo não pode ter ocorrido no ano 70 d.C., como defende Russell, pois, se isso tivesse acontecido, a ressurreição final de todos os eleitos já teria ocorrido, e nenhum outro eleito poderia nascer ou ser salvo depois desse evento.

O Caráter Judicial do Dia do Senhor

“...a sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz. Ela será revelada pelo fogo, e o fogo provará a qualidade da obra de cada um”.

- 1ª Coríntios 3:13

Russell escreve:

“Nesta passagem, novamente, há uma alusão distinta ao “dia do Senhor” como um dia de discriminação entre o bem e o mal, entre o precioso e o vil. O apóstolo compara a si e a seus colegas de trabalho no serviço de Deus aos trabalhadores empregados na construção de um grande edifício. Aquele edifício é a igreja de Deus, cujo único fundamento é Jesus Cristo, o fundamento que ele (o apóstolo) havia estabelecido em Corinto. Ele então adverte todos os obreiros a olharem bem para que tipo de material ele construiu sobre esse único fundamento: ou seja, que tipo de personagem ele

introduziu na comunhão da igreja de Deus. Estava chegando um dia que testaria a qualidade da obra de todo homem deveria passar por uma provação ardente; e nesse escrutínio abrasador os frágeis e inúteis devem perecer, enquanto os bons e verdadeiros permaneceram ilesos”.⁸⁰

Russell prossegue indicando o tempo desse julgamento:

“Visto que, então, a Parousia coincide no tempo com a destruição de Jerusalém, segue-se que o período de peneiração e julgamento aqui aludido - o dia que será revelado no fogo - também é contemporâneo desse evento. Caso contrário, na hipótese de que este dia ainda não chegou, somos levados à conclusão de que “a prova da obra de cada homem” ainda não ocorreu: que nenhum julgamento foi pronunciado sobre a obra de Apolo ou Cefas, ou Paulo, ou seus companheiros de trabalho; ainda deve ser verificado com que tipo de material cada homem construiu o templo de Deus; que os trabalhadores ainda não receberam sua recompensa. Pois o grande dia da prova ainda não chegou, e o fogo não provou qual seja a obra de cada homem. Mas isso é um *reductio ad absurdum*, e mostra que tal hipótese é insustentável”.⁸¹

Mais uma vez, Russell identifica o “Dia” de 1ª Coríntios 3:13 com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. e conclui que, se esse julgamento não ocorreu naquela ocasião, então a obra de Paulo, Apolo e Cefas ainda não teria sido avaliada. Entretanto, essa conclusão vai além do que o texto realmente afirma.

Em nenhum momento Paulo diz que está falando da destruição de Jerusalém. O contexto trata da responsabilidade dos ministros da Igreja e da qualidade de sua obra, não do juízo contra a nação judaica. Russell parte daquilo que deveria provar: que o “Dia” mencionado por Paulo é, necessariamente, o ano 70 d.C.

⁸⁰ Idem nº 14, pg. 188.

⁸¹ Idem nº 14, pg. 190.

Além disso, ele cria um falso dilema: ou todo o julgamento das obras aconteceu no ano 70 d.C., ou ele ainda não começou. As Escrituras, porém, mostram que Deus julga seu povo e seus servos em diferentes momentos da história, sem excluir o Julgamento Final. Nada obriga o leitor a limitar 1ª Coríntios 3:13 a um único evento histórico.

Outro detalhe importante é que o “fogo” não destrói as pessoas, mas prova a qualidade da obra de cada obreiro. Alguns recebem recompensa; outros sofrem perda, embora sejam salvos (1ª Coríntios 3:15). O foco está na avaliação do ministério cristão, e não na destruição física ocorrida em Jerusalém.

Reconheço que a queda de Jerusalém foi um grande ato do juízo de Deus, mas isso não significa que 1ª Coríntios 3:13 tenha seu cumprimento exclusivo naquele evento. A interpretação de Russell depende mais de seu sistema teológico do que da própria passagem bíblica.

Russell Continua no Mesmo Raciocínio

“Portanto, não julguem nada antes do tempo; esperem até que o Senhor venha. Ele trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções de cada coração. Então, cada um receberá de Deus a sua recompensa”.

- 1ª Coríntios 4:5

“...entreguem esse homem a Satanás para que o corpo seja destruído, a fim de que o espírito dele seja salvo no dia do Senhor”.

- 1ª Coríntios 5:5

“Em ambas as passagens, a Parousia é representada como um tempo de investigação e decisão judicial. É o momento em que

caráter e motivos devem ser revelados, e todo homem recebe seu mérito apropriado de louvor ou censura. O apóstolo desaprova julgamentos precipitados e mal informados, aparentemente não sem razão pessoal, e exorta-os a esperar “até a vinda do Senhor” etc. Isso não implica manifestamente que ele pensava que não teriam muito tempo para esperar? Onde estaria a razoabilidade de sua exortação se não houvesse perspectiva de vingança ou retribuição próxima? É a própria consideração de que o dia está próximo que constitui a razão da paciência e tolerância agora.

Do mesmo modo, o caso do membro ofensor da igreja de Corinto aponta para um tempo de retribuição que se aproxima rapidamente. São Paulo argumenta que o efeito da disciplina atual exercida pela igreja pode provar a salvação do ofensor “no dia do Senhor Jesus”. Nesse dia, portanto, é o período em que a condenação ou salvação dos homens é decidida. Mas, supondo que o dia do Senhor Jesus ainda não chegou, segue-se que o dia da salvação não chegou nem para o próprio apóstolo nem para os cristãos de Corinto, nem para o ofensor a quem ele chama a igreja a censurar-lo. Tudo isso mostra claramente que o apóstolo creu e ensinou a rápida vinda do dia do Senhor”.⁸²

Russell volta a confundir uma expectativa de julgamento próximo com a prova de que todas as referências à Vinda do Senhor se cumpriram no ano 70 d.C. Contudo, os textos citados não exigem essa conclusão.

Em 1ª Coríntios 4:5, Paulo simplesmente adverte os coríntios a não julgarem precipitadamente, pois somente o Senhor conhece perfeitamente os motivos do coração. O foco da passagem não é estabelecer a data da Parousia, mas afirmar que o julgamento definitivo pertence a Cristo. O fato de Paulo incentivar a paciência não significa que ele estivesse identificando esse julgamento exclusivamente com a destruição de Jerusalém.

⁸² Idem nº 14, pg. 190.

O mesmo ocorre em 1ª Coríntios 5:5. Paulo espera que a disciplina aplicada ao ofensor resulte em seu arrependimento, para que ele seja salvo “no dia do Senhor Jesus”. Russell conclui que, se esse dia ainda não chegou, então nem Paulo nem aquele homem poderiam ter sido salvos. Mas essa conclusão não decorre do texto. Paulo está falando da consumação da salvação, não negando que o crente já possua a salvação em Cristo. O Novo Testamento ensina repetidamente que o cristão já foi salvo, está sendo salvo e ainda será salvo na consumação final.

Além disso, Russell novamente cria um falso dilema. Ele pressupõe que todas as referências ao “dia do Senhor” apontam para um único acontecimento histórico. Entretanto, Deus manifesta seus juízos em diferentes momentos da história, sem eliminar o Julgamento Final. Assim, reconhecer que havia uma expectativa de juízo sobre aquela geração não obriga o leitor a concluir que todas as passagens sobre a Vinda do Senhor tenham se cumprido no ano 70 d.C.

Portanto, o argumento de Russell prova apenas que Paulo vivia na expectativa da intervenção de Cristo. O que ele não prova é que todas as declarações sobre o “dia do Senhor Jesus” tenham seu cumprimento exclusivo na queda de Jerusalém.

A Suposta Proximidade da Consumação

“O que quero dizer, irmãos, é que nos resta pouco tempo. De agora em diante, aqueles que têm esposa vivam como se não tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; os que estão felizes, como se não estivessem; os que compram algo, como se nada possuíssem; ³¹ os que usam as coisas do mundo, como se não as usassem. Porque a forma presente deste mundo passará”.

- 1ª Coríntios 7:29-31

Russell declara:

“Nenhuma palavra poderia mostrar mais claramente a profunda impressão na mente do apóstolo de que uma grande crise estava próxima, o que afetaria poderosamente todas as relações da vida e todas as posses deste mundo. Há um significado nessa linguagem, como é falado naquele momento, muito diferente do que ela tem atualmente. Essas não são as banalidades comuns sobre a brevidade do tempo e a vaidade do mundo, os lugares comuns de ações dos moralistas dos teólogos. O tempo é sempre curto e o mundo sempre é vaidoso; mas há uma ênfase e uma urgência na declaração do apóstolo que implicam uma especialidade no tempo então presente: ele sabia que eles estavam à beira de uma grande catástrofe, e que todos os interesses e posses terrestres eram mantidos incerta e temporariamente (ver com. Atos 4:34). Não é necessário perguntar o que era essa catástrofe esperada.⁸³ Era a vinda do dia do Senhor já aludida, e a aproximação da consumação está implícita em todas as suas exortações”.

Concordo que Paulo tinha em vista uma grande crise iminente, e tudo indica que essa crise era o juízo de Deus sobre Jerusalém, culminando no ano 70 d.C. O erro de Russell não está em reconhecer essa expectativa, mas em identificá-la automaticamente com a Segunda Vinda de Cristo. O Novo Testamento fala de diversas “vindas” de Cristo em juízo ao longo da história, sem que todas se refiram à Sua Vinda Final, corporal e visível. Assim, a iminência da catástrofe sobre Jerusalém não prova que a Segunda Vinda tenha ocorrido naquele evento, mas apenas que um grande ato do juízo de Deus estava prestes a acontecer.

⁸³ Idem nº 14, pg. 191.

A Ressurreição dos Mortos; a Mudança dos Vivos; a Entrega do Reino

“Da mesma forma que em Adão todos morrem, em Cristo todos voltarão a viver.

Mas cada um por sua vez: Cristo, as primícias; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem.

Então, virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, toda autoridade e todo poder.

Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo dos seus pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte.

Porque ele “sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés”. Ora, quando se diz que “todas as coisas” lhe foram sujeitas, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que submeteu a Cristo todas as coisas.

Quando, porém, tudo estiver sujeito a ele, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos”.

- 1ª Coríntios 15:22-28

Sobre o texto acima, Russell comenta:

“Isso mostra que houve dúvidas sobre a ressurreição dos mortos na igreja de Tessalônia e Corinto; e é altamente provável que eles tenham a mesma natureza em ambas. O desejo ansioso de todos os cristãos era estar vivo na vinda do Senhor. A morte, portanto, era considerada uma calamidade. Mas não teria sido uma calamidade se eles tivessem consciência de que haveria uma ressurreição dos mortos. Essa era a verdade que eles não sabiam ou não acreditavam. São Paulo trata a dúvida em Tessalônica como ignorância, em Corinto como erro; e é altamente provável que,

entre um povo tão vaidoso e pragmático como os coríntios, a opinião assumia uma forma mais decidida e perigosa.

Pode-se observar, também, que o apóstolo trata o caso dos tessalonicenses com o mesmo raciocínio que o dos coríntios, isto é, por um apelo ao fato da ressurreição de Cristo: “Se crermos que Jesus morreu e ressuscitou”, etc. (1 Tessalonicenses 4:14) Os dois casos são, portanto, muito semelhantes, se não precisamente paralelos. Podemos facilmente imaginar que, para os primeiros cristãos, muitas vezes sofrendo uma amarga perseguição, e aguardando ansiosamente a aguardada vinda do Senhor, deve ter sido uma decepção grave ser levado pela morte antes do cumprimento de suas esperanças”.⁸⁴

Na sequência, Russell usa um argumento do Futurismo:

“Na passagem diante de nós, o apóstolo não entra nesses detalhes; ele está argumentando a favor da ressurreição, e ele para brevemente para o presente naquele ponto, acrescentando apenas as palavras significativas: “Então o fim” [εἰτὰ τὸ τέλος], tanto quanto dizer: “Esse é o fim”; “Agora está feito”; “O mistério de Deus está consumado”. Mas podemos nos aventurar a perguntar: o que é esse “fim” o τέλος; Não é um termo novo, mas uma frase familiar que já conhecemos antes e que muitas vezes nos encontraremos novamente. Se nos voltarmos para o discurso profético de nosso Senhor, encontramos quase as mesmas palavras significativas: “Então virá o fim” [τέλος ἔξει τὸ τέλος] (Mateus 24:14) e eles nos fornecem a chave do significado deles aqui.

Respondendo à pergunta dos discípulos: “Diga-nos, quando serão essas coisas; e qual será o sinal da tua vinda e do fim da era?” Nosso Senhor especifica certos sinais, como a perseguição e o martírio de alguns dos próprios discípulos; a deserção e apostasia de muitos; o aparecimento de falsos profetas e enganadores; e, finalmente, a proclamação geral do Evangelho em todas as nações do Império

⁸⁴ Idem nº 14, pg. 196.

Romano; e “então”, ele declara, “virá o fim”. Pode haver a menor dúvida de que o τὸ τέλος da profecia é o τὸ τέλος da epístola? Ou pode haver alguma dúvida de que ambos são idênticos ao συντελεῖα τοῦ αἰῶνος dos discípulos? (Mateus 24:3) Mas vimos que a última frase se refere não ao “fim do mundo” ou à destruição da terra material, mas ao fim da era, ou dispensação, prestes a expirar.

Concluimos, portanto, que “o fim” de que fala São Paulo em 1 Coríntios 15:24 é a mesma grande época tão contínua e proeminentemente mantida em vista tanto nos evangelhos quanto nas epístolas, quando toda a política civil e eclesiástica de Israel, com sua cidade, seu templo, sua nacionalidade e sua lei, foram varridos da existência por uma tremenda onda de julgamento”.⁸⁵

Ao perguntar se “pode haver a menor dúvida de que o τὸ τέλος da profecia é o τὸ τέλος da epístola?”, Russell pressupõe que o tema de Mateus 24 é o mesmo de 1ª Coríntios 15. No entanto, essa identificação não se sustenta diante de uma análise mais cuidadosa dos textos. Em Mateus 24 há um marco temporal explícito para o cumprimento da profecia: “não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mateus 24:34). Já em 1ª Coríntios 15 não há qualquer referência cronológica semelhante. Além disso, o capítulo não menciona a destruição de Jerusalém, o cerco romano, a fuga dos discípulos para os montes ou qualquer outro elemento característico do Discurso do Monte das Oliveiras.

Por outro lado, é igualmente significativo que Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 não façam qualquer menção explícita à ressurreição dos mortos. Se a ressurreição e o arrebatamento estivessem em vista naquele discurso, seria estranho que Jesus instrísse Seus discípulos a fugirem para os montes e a não retornarem às suas casas durante o cerco (Mateus 24:16-18). Afinal, tais advertências pressupõem uma fuga física para escapar de um julgamento histórico, algo incompatível com um arrebatamento simultâneo dos santos. As

⁸⁵ Idem nº 14, pg. 198.

diferenças entre o desfecho de Mateus 24 e o ensino de 1ª Coríntios 15 são profundas. Enquanto o primeiro trata de um juízo histórico sobre Jerusalém, acompanhado de sinais, perseguições e instruções de fuga, o segundo desenvolve a doutrina da ressurreição corporal e da vitória final sobre a morte. Portanto, não há base suficiente para concluir que ambos os textos tratem do mesmo evento escatológico.

“Então, virá o fim, quando ele entregar o
reino a Deus, o Pai...”

Russell continua:

“Essa visão de “o fim”, como se referindo ao fechamento da economia ou era judaica, parece fornecer uma solução satisfatória para um problema que tem deixado os comentaristas muito perplexos, a saber: a entrega do reino por Cristo. É declarado duas vezes pelo apóstolo, como um dos grandes eventos que acompanham a Parousia, que o Filho, tendo então derrubado todo domínio e toda autoridade e poder, “entregará o reino a Deus, o Pai”. (1 Coríntios 15:24, 28) Que reino? Sem dúvida, o reino que o Cristo, o Ungido Rei comprometeu-se a administrar como representante e vice-líder de Seu Pai: ou seja, o reino teocrático, com a soberania da qual ele foi investido solenemente, de acordo com a afirmação no segundo Salmo: “Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”. (Salmos 2:6, 7) Esta soberania messiânica, ou Teocracia, necessariamente chegou ao seu fim quando as pessoas que eram seus súditos deixaram de ser a nação da aliança; quando a aliança foi de fato dissolvida, e toda a estrutura e aparato da administração teocrática foram abolidos. O que é mais razoável do que o Filho então “entregar o reino”, os propósitos de sua instituição tendo sido atendidos, e seu caráter limitado, local e nacional sendo substituído por um sistema maior e

universal, o “αἰὼν ὁ μέλλων” ou nova ordem de uma “melhor aliança”.⁸⁶

Russell afirma que o Reino entregue por Cristo ao Pai em 1ª Coríntios 15:24-28 é a teocracia de Israel. Segundo ele, esse Reino terminou com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. e o encerramento definitivo da Antiga Aliança. Embora essa interpretação pareça coerente, ela não corresponde ao que Paulo diz.

O primeiro problema é que Paulo nunca identifica esse Reino como a teocracia judaica. Essa ideia é acrescentada por Russell. Em todo o capítulo não há qualquer referência a Jerusalém, ao templo ou ao fim da Antiga Aliança. O assunto é a ressurreição dos mortos.

Paulo apresenta uma sequência clara: Cristo ressuscitou; depois ressuscitarão os que lhe pertencem; então virá o fim, quando Ele entregará o reino ao Pai, após destruir todo principado, autoridade e poder. Em seguida, afirma que Cristo deve reinar até colocar todos os inimigos debaixo dos seus pés e conclui: “o último inimigo a ser destruído é a morte” (1ª Coríntios 15:26).

Esse detalhe enfraquece a interpretação de Russell. Se a entrega do reino ocorreu no ano 70 d.C., então a morte também deveria ter sido destruída naquela ocasião, pois ela é o último inimigo mencionado antes da entrega do reino. Mas a morte continua existindo, mostrando que Paulo está falando de uma consumação muito maior.

Russell também recorre ao Salmo 2, mas esse texto afirma que o Messias receberia “as nações por herança e as extremidades da terra por possessão”. Portanto, o Reino de Cristo nunca se limitou à antiga teocracia de Israel, mas sempre teve alcance universal.

⁸⁶ Idem nº 14, pg. 198.

É verdade que a destruição de Jerusalém marcou o fim da economia judaica. Porém, esse não é o tema de 1ª Coríntios 15. O foco de Paulo é a vitória final de Cristo sobre todos os seus inimigos, especialmente a morte. Reduzir esse capítulo ao fim da teocracia judaica é atribuir ao texto um assunto que o apóstolo jamais menciona.

Além disso, se “é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo dos seus pés” (1ª Coríntios 15:25), é evidente que esse reinado não pode ter chegado ao fim no ano 70 d.C. Após a destruição de Jerusalém, Cristo continuou tendo inimigos, e eles permanecem até os nossos dias. O próprio mundo continua marcado pela rebelião contra Deus, pelo pecado e pela morte. Esse fato, por si só, enfraquece ainda mais a engenhosa interpretação de Russell, pois o reinado mediador de Cristo só se encerra quando todos os seus inimigos, sem exceção, forem definitivamente submetidos.

“O último inimigo a ser destruído é a morte”

Russell escreve:

“Mas o que diremos da destruição do “último inimigo, a morte”? Não é fatal para esta interpretação que nos obrigue a colocar a abolição do domínio da morte, e a ressurreição, no passado, e não no futuro? Isso não contradiz o fato e o senso comum e, conseqüentemente, expõe a falácia de toda a explicação? Claro, se a linguagem do apóstolo só pode significar que na Parousia o domínio da morte sobre todos os homens estava em toda parte e para sempre terminado, segue-se que ele estava errado ao fazer tal afirmação, ou que a interpretação que o faz dizer isso é errônea. Que ele afirma que na Parousia (cuja época é indiscutivelmente defendida no Novo Testamento como contemporânea da destruição de Jerusalém) a morte será destruída é o que ninguém

pode negar com justiça; mas não se segue que devamos entender essa expressão em um sentido absolutamente ilimitado e universal.

[...]

Enquanto isso, pode-se observar que muitas expressões como a “destruição” ou “abolição” da morte nem sempre implicam o término total e final de seu poder. Lemos que “Jesus Cristo aboliu a morte”. (2 Timóteo 1:10) O próprio Cristo declarou: “Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte”; (João 8:51) “Todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá”. (João 11:26) Devemos interpretar as Escrituras de acordo com a analogia das Escrituras. Toda justificativa que temos em afirmar a respeito da “destruição da morte” na passagem diante de nós é que ela é co-extensiva com todos aqueles que na Parousia foram ressuscitados dentre os mortos. Isso parece ser referido na resposta de nosso Senhor aos saduceus: “Os que serão considerados dignos de alcançar era vindoura [τοῦ αἰῶνος ἐκείνου τυχεῖν], e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem são dados em casamento; pois também não podem mais morrer: pois são iguais aos anjos” etc. (Lucas 20:35, 36) Para eles a morte é destruída; para eles a morte é tragada pela vitória. Então, o argumento do apóstolo em 1 Coríntios 15:26, 54, e os versículos seguintes realmente não afirmam mais do que isso: - Para aqueles que ressuscitam dentre os mortos, não há mais risco de morte; sua libertação de sua escravidão é completa; seu ferrão é tirado; seu poder está no fim; eles podem gritar, ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória? Assim como “Cristo, tendo ressuscitado dos mortos, não morre mais, a morte não tem mais domínio sobre ele”, assim, na Parousia, Seu povo foi emancipado para sempre da prisão da sepultura: “o último inimigo, a morte, para eles foi destruída”.⁸⁷

Na tentativa de contornar essa dificuldade, Russell argumenta que a destruição da morte não precisa significar sua eliminação definitiva.

⁸⁷ Idem nº 14, pg. 199.

Para sustentar essa ideia, cita textos que afirmam que Cristo “aboluiu a morte” (2ª Timóteo 1:10) e que os que creem nEle “nunca morrerão” (João 8:51; 11:26). Com isso, conclui que a morte foi destruída apenas para aqueles que ressuscitaram na Parousia.

O problema dessa interpretação é que ela modifica o próprio argumento de Paulo. O apóstolo não diz que a morte foi destruída apenas para determinados indivíduos, mas que “o último inimigo a ser destruído é a morte” (1ª Coríntios 15:26). O sujeito da destruição não é um grupo de pessoas, mas a própria morte. Russell desloca o foco da derrota objetiva do último inimigo para a experiência subjetiva dos ressuscitados, algo que o texto jamais afirma.

As passagens citadas por ele também não resolvem a questão. Quando Paulo diz que Cristo “aboluiu a morte”, refere-se à Obra Redentora inaugurada na cruz, que retirou da morte seu poder condenatório sobre os que estão em Cristo. E quando Jesus declara que quem crê nEle nunca morrerá, fala da vida eterna e da impossibilidade de a morte separar o crente de Deus. Nenhum desses textos ensina que a morte deixou de existir ou que já foi definitivamente destruída.

Em 1ª Coríntios 15, porém, Paulo fala da derrota final da própria morte física como o último inimigo do Reino de Cristo. Enquanto a morte continuar atuando na história, ela continua sendo um inimigo ainda não plenamente destruído. Portanto, a tentativa de Russell de restringir essa vitória apenas aos supostos ressuscitados da Parousia não faz justiça ao alcance da declaração do apóstolo.

Os Santos Vivos São Transformados na Parousia

“Eis que eu digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, em um momento, em um abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

- 1ª Coríntios 15:51-52

Russell declara:

“Esta declaração fornece o que faltava na declaração feita no verso 24, e coloca o todo em conformidade com 1 Tessalonicenses 4:17. A linguagem de São Paulo implica que ele estava comunicando uma revelação nova e, presumivelmente, feita para si mesmo. Não se pode dizer que é derivado de qualquer enunciado registrado do Salvador, nem encontramos nenhuma declaração correspondente em nenhum outro texto apostólico. Mas a pergunta para nós é: a quem o apóstolo se refere quando diz: “Nem todos nós” etc.? É para algumas pessoas hipotéticas que vivem em uma época distante, ou é para ele e os coríntios que ele está pensando? Por que ele deveria pensar no futuro distante, quando é certo que considerava a Parousia iminente? Por que ele não deveria se referir a si mesmo e aos coríntios quando a esperança e expectativa comum era que eles vivessem para testemunhar a Parousia? Não há razão concebível, então, por que devemos nos afastar da força gramatical apropriada da linguagem. Quando o apóstolo diz “nós”, ele sem dúvida significa os cristãos de Corinto e ele próprio. Esta conclusão Alford endossa totalmente: “Nós, os que ficamos vivos até a vinda do Senhor,- em cujo número o apóstolo acreditava firmemente que ele mesmo deveria estar”.⁸⁸

Se for verdade que o apóstolo Paulo deveria estar entre aqueles que presenciariam a Parousia e que “acreditava firmemente que ele

⁸⁸ Idem nº 14, pg. 202.

mesmo deveria estar”, então Russell, inadvertidamente, acaba propondo uma contradição dentro da própria Bíblia. Como já vimos, dois textos mostram que o próprio apóstolo tinha plena consciência de que seu destino seria a morte (Atos 20:25; 2ª Timóteo 4:6-7).

Por outro lado, um arrebatamento dos vivos naqueles dias da Igreja primitiva contradiz frontalmente o ensino de Jesus que diz:

“Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno”.

— João 17:15

Os seguidores de Russell, a quem daqui em diante chamarei de “russelitas”, afirmam que, após um suposto Arrebatamento da Igreja por volta do ano 70 d.C., houve um período de aproximadamente 150 anos de silêncio. Segundo essa interpretação, a Igreja teria praticamente desaparecido da história, deixando de produzir escritos e de exercer influência até o século II. Contudo, essa alegação é desmentida pelas evidências históricas.

Longe de existir qualquer “silêncio”, o período posterior ao ano 70 d.C. foi marcado por intensa atividade literária cristã. Ainda no final do século I foi escrita a *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios* (c. 95–96 d.C.). Poucos anos depois surgiram a *Didaquê* (final do século I ou início do II), as sete cartas de *Inácio de Antioquia* (c. 107–110 d.C.), a *Carta de Policarpo aos Filipenses*, a *Epístola de Barnabé* e *O Pastor de Hermas* (primeira metade do século II). Esses documentos revelam comunidades cristãs organizadas, preocupadas com doutrina, disciplina, culto e sucessão ministerial, demonstrando que a Igreja permaneceu viva e atuante exatamente durante o período em que os russelitas afirmam ter havido um suposto silêncio.

Imagine o impacto que um arrebatamento dessa magnitude teria causado na Igreja. O desaparecimento repentino de incontáveis cristãos fiéis produziria uma crise sem precedentes: confusão

doutrinária, desorganização das comunidades, interrupção da sucessão de líderes, abundante literatura tentando explicar o acontecimento e inúmeros registros históricos sobre o evento. No entanto, nada disso é encontrado. Em vez de um cenário de colapso, a história revela a continuidade da vida da Igreja, de sua liderança e de sua produção literária.

Apocalipse 3:10 Desmente um Arrebatamento no Tempo da Igreja Primitiva

Outro argumento avassalador que ajuda a enterrar de vez a tese de Russell sobre um arrebatamento e uma ressurreição no tempo da Igreja primitiva é o texto de Apocalipse 3:10:

“Visto que você guardou a palavra da minha perseverança, eu também o guardarei da hora da provação que está por vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra”.

— Apocalipse 3:10

O Futurismo usa esse versículo para defender que a Igreja será livre da Grande Tribulação no futuro.

Russell afirma que a “hora da provação” de Apocalipse 3:10 foi a perseguição de Nero, iniciada por volta de 64 d.C. Segundo ele, essa perseguição estava “prestes a vir” sobre a *oikoumene*, isto é, o Império Romano. Até aqui, tudo bem. O problema aparece quando perguntamos: a Igreja foi retirada da Terra antes dessa perseguição? A resposta é um sonoro “não”.

Os cristãos não desapareceram do Império Romano. Não foram levados para o Céu. Não escaparam nem mesmo da perseguição. Eles continuaram vivendo onde estavam e muitos sofreram prisões, torturas e morte.

Então, o que significa a promessa de Jesus:

“Eu te guardarei da hora da provação...”.

- Apocalipse 3:10

Certamente não significa retirar a Igreja da Terra. O próprio Jesus já havia explicado o sentido dessa promessa muito antes: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal”. Perceba a lógica de Jesus. Ele apresenta duas possibilidades:

1. Tirar os discípulos do mundo.
2. Guardá-los enquanto permanecem no mundo.

E Ele rejeita a primeira. Jesus não pediu que os discípulos fossem retirados do mundo. Pediu que fossem guardados “dentro” dele. Essa é exatamente a mesma ideia de Apocalipse 3:10.

Guardar não significa remover.

Guardar significa preservar.

A própria história confirma isso.

Se Russell estiver certo ao identificar a provação com a perseguição de Nero, então a promessa de Apocalipse 3:10 não pode significar um arrebatamento ou qualquer retirada física da Igreja como muitos pensam. Afinal, a Igreja continuou na Terra e atravessou aquele período.

Na verdade, a interpretação de Russell acaba destruindo a ideia que muitos tentam extrair desse versículo. Se o cumprimento aconteceu no primeiro século, então ficou demonstrado que “guardar da hora da provação” nunca significou tirar os cristãos do planeta – conforme defendido também por futuristas.

Cristo guardou sua Igreja “na” perseguição, e não “da existência” da perseguição.

Há outro detalhe que torna a posição de Russell ainda mais difícil.

A promessa foi feita à Igreja de Filadélfia, localizada na Ásia Menor, muito distante de Jerusalém. Se a “Grande Tribulação” fosse apenas o juízo contra Jerusalém, a promessa teria pouca utilidade para aquela Igreja. Mas Russell amplia o alcance da profecia e diz que a provação atingiria toda a *oikoumene*, isto é, todo o Império Romano.

Ora, Filadélfia fazia parte do Império Romano.

Logo, ela estava dentro da área atingida pela provação.

Se estava dentro da área da provação e continuou existindo na Terra, então “guardar” não significou escapar geograficamente do evento. Significou ser sustentada por Cristo durante aquele tempo. Esse é exatamente o padrão encontrado em toda a Bíblia.

No Egito, Deus não retirou Israel antes das pragas; preservou seu povo enquanto as pragas caíam. Na Babilônia, Deus não retirou Daniel da cova dos leões; guardou Daniel dentro dela. Deus não impediu que os três hebreus fossem lançados na fornalha; esteve com eles dentro do fogo.

Da mesma forma, Jesus não prometeu retirar sua Igreja antes ou depois da provação, mas preservá-la durante ela. É por isso que João 17:15 é a chave para entender Apocalipse 3:10.

O próprio Cristo explicou o significado de “guardar”: *não é tirar do mundo; é proteger enquanto permanecem nele.*

Assim, a interpretação de Russell acaba confirmando exatamente isso. Se Apocalipse 3:10 se cumpriu na perseguição de Nero, então

ficou provado historicamente que a Igreja não foi retirada da Terra. Ela permaneceu no mundo, enfrentou a provação e foi sustentada pela fidelidade de Cristo.

Mas Russell insiste dizendo que “a revelação, então, que o apóstolo aqui comunica [1ª Coríntios 15:51-52], o segredo a respeito de seu destino futuro, é o seguinte: que nem todos teriam que passar pela provação da morte, mas que aqueles que teriam o privilégio de viver até que a Parousia sofreriam uma mudança pela qual eles seriam qualificados para entrar no reino de Deus, sem experimentar as dores da dissolução”.⁸⁹

Russell completa:

“A soma de tudo é que, evidentemente, o apóstolo contempla o evento de que está falando como próximo: deve acontecer em seu próprio dia, antes que o prazo natural da vida expire. E não é exatamente isso que encontramos em todas as referências do Novo Testamento à época da Parousia? Esse evento nunca é mencionado como distante, mas sempre como iminente. É procurado, vigiado, esperado. Alguns chegaram à conclusão de que “chegou”, mas sua precipitação é verificada pelo apóstolo, que mostra que certos antecedentes devem ocorrer primeiro”.⁹⁰

É justamente aqui que o leitor menos atento, ou aquele que desconhece o Preterismo Parcial, pode se tornar uma presa fácil da interpretação de Russell.

O Preterismo Parcial ensina que as referências do Novo Testamento à Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém no primeiro século eram descritas como algo “iminente, próximo, às portas e prestes a acontecer”. Por essa razão, os cristãos daquele período

⁸⁹ Idem nº 14, pg. 202.

⁹⁰ Idem nº 14, pg. 203.

deveriam permanecer vigilantes, pois aquele juízo alcançaria Jerusalém e teria consequências dentro de todo o Império Romano.

Essa vigilância não estava relacionada apenas à perseguição externa, mas também ao perigo da apostasia. O próprio livro de Hebreus mostra que muitos cristãos judeus estavam sendo pressionados a retornar aos ritos da Lei mosaica, colocando em risco sua própria perseverança na fé. Permanecer em Cristo era uma questão de vida ou morte, pois aqueles que rejeitassem a advertência de Cristo poderiam sofrer juntamente com Jerusalém no terrível juízo que se aproximava.

A gravidade desse julgamento é confirmada pelo historiador Flávio Josefo, que descreve a destruição de Jerusalém pelos romanos:

“O número de todos os que foram mortos durante todo o cerco foi de 1.100.000, a maior parte dos quais eram judeus (...). O número dos que foram capturados e levados como escravos durante toda a guerra foi de 97.000”.⁹¹

Diante desse cenário, entende-se a urgência das advertências de Jesus. A Igreja precisava estar preparada para aquele juízo histórico. O próprio Senhor havia instruído seus discípulos sobre o que deveriam fazer quando Jerusalém fosse cercada pelos exércitos:

“Quando, pois, virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que está próxima a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes...”.

- Lucas 21:20-21

A obediência a essa advertência preservaria os cristãos daquele julgamento. Eusébio de Cesareia registra que os cristãos de Jerusalém

⁹¹ Josefo, *Guerra dos Judeus*, Livro VI, capítulo 9, seção 3 (VI.9.3).

receberam uma revelação de Deus para abandonar a cidade antes da destruição, refugiando-se em Pela, na região da Pereia.

Eusébio escreve:

“O povo da igreja de Jerusalém foi ordenado, por uma revelação divina dada aos homens aprovados ali, antes da guerra, a deixar a cidade e habitar numa cidade da Pereia chamada Pela”.⁹²

Portanto, o perigo da Parousia iminente no primeiro século era justamente cair naquele juízo histórico que veio sobre Jerusalém. Os cristãos que deram ouvidos às palavras de Cristo fugiram e foram preservados.

Entretanto, é fundamental distinguir essa Vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém da Segunda Vinda final.

Na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., Cristo veio em juízo de forma providencial, usando o Império Romano como instrumento de julgamento contra a cidade rebelde. Não houve uma descida corporal e visível de Cristo do céu, nem uma transformação da criação.

Já na Segunda Vinda, Cristo retornará pessoalmente, de forma gloriosa e universal. Ele descerá do céu, ressuscitará os mortos, transformará os santos e trará o juízo final sobre toda a humanidade (1ª Tessalonicenses 4:16).

Essa é a diferença fundamental: a Vinda em juízo contra Jerusalém ocorreu dentro da história e atingiu uma geração específica; a Segunda Vinda será um evento cósmico, universal e definitivo, que surpreenderá todos aqueles que não estiverem preparados.

⁹² Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, Livro III, capítulo 5, seção 3 (III.5.3).

A “última trombeta” não Prova uma Ressurreição na Parousia do Ano 70 d.C.

Russell tenta estabelecer uma ligação entre a expressão “última trombeta” usada por Paulo em 1ª Coríntios 15:52 e a sétima trombeta do Apocalipse.⁹³ Segundo ele, se existe uma “última trombeta”, então ela deve corresponder à última das sete trombetas do Apocalipse, especialmente porque Apocalipse 11:18 relaciona a sétima trombeta ao julgamento dos mortos.

Esse argumento, porém, depende de uma suposição que o texto bíblico não exige.

O apóstolo Paulo nunca diz que a “última trombeta” é a sétima trombeta do Apocalipse. Essa conexão é construída posteriormente. O apóstolo simplesmente utiliza uma linguagem conhecida do ambiente judaico e militar: a trombeta final como sinal de encerramento, convocação e conclusão de um evento.

O problema de Russell é transformar uma expressão simbólica em uma identificação obrigatória.

Se seguirmos sua própria lógica, teremos uma dificuldade ainda maior: se a “última trombeta” de 1ª Coríntios 15 necessariamente corresponde à sétima trombeta de Apocalipse 11, então precisamos aceitar também todos os elementos associados a essa trombeta. O texto de Apocalipse diz:

“Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos...”.

- Apocalipse 11:18

⁹³ Idem nº 14, pg. 204.

Mas o julgamento dos mortos em Apocalipse 11 não é descrito como uma ressurreição corporal acontecendo naquele momento. O texto fala de um anúncio profético do domínio de Deus e do estabelecimento do seu Reino.

Além disso, o próprio Apocalipse mostra que as trombetas possuem um contexto específico relacionado aos juízos de Deus sobre o sistema rebelde da época. As sete trombetas estão inseridas na sequência de julgamentos que culminam na queda da Babilônia simbólica e na vitória do Cordeiro sobre seus inimigos.

O Preterismo Parcial entende que muitos desses símbolos tiveram cumprimento no primeiro século, especialmente relacionados ao juízo sobre Jerusalém e ao sistema da Antiga Aliança.

Portanto, a pergunta que deve ser feita a Russell é: se a “última trombeta” obrigatoriamente é a sétima trombeta do Apocalipse, como ele explica que os eventos associados a essa trombeta não produziram uma ressurreição geral visível dos mortos no ano 70 d.C.?

A resposta é que essa identificação não funciona.

Paulo em 1ª Coríntios 15 está tratando da esperança final da Igreja: a transformação dos santos e a vitória definitiva sobre a morte. Ele usa a imagem da trombeta como o sinal de conclusão da história redentiva, não como uma referência direta à sétima trombeta do Apocalipse.

A mesma coisa ocorre em 1 Tessalonicenses 4:16:

“Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus...”.

Aqui também Paulo utiliza uma linguagem apocalíptica tradicional para descrever a manifestação gloriosa de Cristo no fim dos tempos.

Não há nenhuma necessidade de identificar essa trombeta com as trombetas simbólicas de Apocalipse.

Na verdade, essa distinção resolve um problema que Russell não consegue resolver.

A Parousia em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. possui elementos de linguagem profética de julgamento, como a Vinda de Deus no Antigo Testamento, quando Deus “vinha” contra nações usando instrumentos históricos. Porém, ela não envolveu a ressurreição corporal dos mortos, a transformação dos santos ou a derrota final da morte.

A Segunda Vinda de Cristo é diferente. Ela envolve aquilo que Paulo descreve claramente:

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”.

- 1ª Coríntios 15:52

Essa promessa ainda aguarda seu cumprimento pleno.

Portanto, a tentativa de Russell de usar a “última trombeta” para colocar a ressurreição e a transformação dos santos dentro da Parousia do ano 70 d.C. depende de uma associação que Paulo nunca fez.

A trombeta de 1ª Coríntios 15 não é uma referência à sétima trombeta do Apocalipse, mas o anúncio final da vitória de Cristo sobre a morte.

Assim, o próprio argumento de Russell se volta contra ele: a destruição de Jerusalém foi uma Vinda de Cristo em juízo dentro da história, mas a trombeta final pertence ao evento escatológico

definitivo, quando Cristo realmente descerá do céu, ressuscitará os mortos e transformará toda a criação.

Capítulo 6

A Parousia na Epístola de 2ª Coríntios

Chegamos até aqui tendo demonstrado a inconsistência dos falsos ensinos de Russell e de suas sutilezas interpretativas. Após uma sólida introdução, passando pelos diferentes tipos de Vindas de Cristo, pelos diferentes “Dias do Senhor” e pelos diversos textos do Novo Testamento que comprovam claramente a Segunda Vinda de Cristo, podemos concluir que os ensinos de Russell se desfazem diante da verdade revelada por nosso Senhor Jesus Cristo.

A partir deste ponto, não será mais necessário dedicar tanta atenção à questão da Vinda do Senhor, pois concordo com Russell em boa parte de sua interpretação do Novo Testamento quanto à Vinda em juízo ocorrida no ano 70 d.C. Entretanto, ainda examinarei algumas passagens das cartas de Paulo, especialmente Romanos 8, que trata da ressurreição e da restauração de toda a criação.

Por fim, analisarei o Apocalipse em sua seção milenar, culminando em seu desfecho no Juízo Final, o qual, conforme será demonstrado, está além do horizonte temporal das “coisas que em breve devem acontecer”.

A Expectativa da Futura Bem-Aventurança na Parousia

“Sabemos que, se a temporária habitação terrena em que vivemos for destruída, temos da parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas.

Enquanto isso, gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação celestial, já que, quando estivermos vestidos, não seremos encontrados nus.

Pois, enquanto estamos nesta habitação temporária, gememos e nos angustiamos, porque não queremos ser despidos, mas vestidos da nossa habitação celestial, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida.

Foi Deus quem nos preparou para esse propósito, dando-nos o Espírito como garantia do que está por vir.

Portanto, temos sempre confiança e sabemos que, enquanto vivemos neste corpo, estamos longe do Senhor, pois vivemos por fé, não pelo que vemos.

Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e viver com o Senhor.

Por isso, temos o propósito de lhe agradar, quer estejamos no corpo, quer o deixemos.

Pois todos nós devemos comparecer diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer boas, quer más”.

- 2ª Coríntios 5:1-10

Russell declara sobre esses versículos:

“Este é o relato mais completo que possuímos da misteriosa transição que o espírito humano experimenta quando deixa o seu estado terrestre e entra no novo organismo preparado para sua recepção no mundo eterno. Chega-nos atestado pela mais alta autoridade, é a profissão de fé feita por um apóstolo inspirado, alguém que poderia dizer “eu sei”. É a declaração dessa esperança que sustentou São Paulo, e sem dúvida também a fé comum de

toda a igreja cristã. No entanto, a passagem deve ser estudada do ponto de vista do apóstolo, como sua expectativa e esperança pessoal”.⁹⁴

Concordo com esta declaração de Russell. Mas a distorção vem na sequência:

“Observe a forma da afirmação - é mais hipotética do que afirmativa: “Se meu tabernáculo terrestre for dissolvido” etc. Não é assim que um cristão agora fala a respeito da perspectiva de morrer; não há um “se” em sua expressão, pois o que é mais certo que a morte? Ele diria: “Quando este tabernáculo terrestre for derrubado”; não, “se assim for” etc. Mas não assim o apóstolo; para ele, a morte era um evento problemático; ele acreditava que muitos, talvez a maioria, dos fiéis de sua época jamais sofreriam a mudança da dissolução; não seriam despidos, isto é, despojados do corpo, mas “estarão vivos e permanecerão até a vinda do Senhor”.⁹⁵

O argumento de Russell pode ser resumido assim:

1. Paulo diz em 2ª Coríntios 5:1: “Se o nosso tabernáculo terrestre for destruído...”.
2. Se Paulo tivesse certeza de que morreria, teria dito “quando”.
3. Logo, Paulo considerava possível que ele e muitos cristãos não morressem, mas estivessem vivos na Parousia.
4. Isso confirmaria a expectativa de uma parousia muito próxima.

Esse argumento tem alguma força, mas a inferência a partir do “se” é mais fraca do que Russell supõe.

⁹⁴ Idem nº 14, pg. 209.

⁹⁵ Idem nº 14, pg. 209.

A presença da palavra “se” em 2ª Coríntios 5:1 não implica, por si só, que Paulo tivesse dúvida sobre sua própria morte ou a de seus leitores. No texto grego, Paulo emprega a expressão ἐάν (ean), uma partícula condicional normalmente acompanhada do subjuntivo para introduzir uma condição ou eventualidade futura, sem indicar o grau de probabilidade do evento. Trata-se de uma construção gramatical comum para expressar uma hipótese, e não uma declaração de incerteza pessoal. Assim, o uso de ἐάν (ean) não autoriza concluir que Paulo acreditava que escaparia da morte; apenas introduz uma condição para desenvolver seu ensino sobre a esperança cristã diante da morte e da futura habitação celestial.

Capítulo 7

A Parousia na Epístola aos Romanos

As referências à Vinda do Senhor na Epístola aos Romanos não são numerosas, mas são suficientemente instrutivas quanto ao Dia da Ira que Paulo entendia como iminente. No que diz respeito a essa expectativa, não há o que ser refutado, pois o Preterismo Parcial está alinhado com Russell nesse ponto. A exceção é a interpretação de Romanos 8, especialmente a respeito da ressurreição e da redenção de toda a criação.

A Ressurreição e Libertação de Toda a Criação

“Considero, pois, que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que em nós^{8.18} Ou para nós. será revelada.

A criação aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados.

Pois a criação foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será liberta da escravidão que

conduz à decadência, para receber a mesma gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Pois sabemos que toda a criação geme em conjunto como se sofresse dores de parto até agora.

Agora, não somente isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente a adoção como filhos, a redenção do nosso corpo”.

- Romanos 8:18-23

A interpretação tradicional de Romanos 8:18–23 entende que Paulo está descrevendo a consumação escatológica de toda a criação. Segundo essa leitura, a criação, afetada pela Queda de Adão, permanece sujeita à corrupção e à morte, aguardando o momento em que os filhos de Deus serão plenamente glorificados. Esse evento ocorrerá no último dia, quando os santos forem ressuscitados e seus corpos forem redimidos. Essa compreensão é fundamentada, entre outras passagens, nas declarações de Jesus em João 6 (vv. 39, 40, 44 e 54), onde Ele afirma que ressuscitará os seus “no último dia”. Entende-se ainda que esse momento coincidirá com o cumprimento do número completo dos eleitos. A partir da glorificação dos filhos de Deus, toda a criação também será libertada da corrupção e participará da renovação cósmica, entrando na liberdade da glória dos filhos de Deus.

Russell faz uma introdução de Romanos 8:

“Há algumas coisas nesta passagem que são, e provavelmente devem permanecer, obscuras pela natureza do caso; mas também há muita coisa clara e objetiva. Não podemos confundir a antecipação exultante expressa por São Paulo de um dia próximo de libertação dos sofrimentos e misérias do presente; uma libertação que estava à mão e não muito longe. Chegaria o dia da redenção que traria liberdade e glória aos filhos de Deus, de cujos benefícios toda a criação participaria. A chegada daquela esperada consumação era ansiosamente esperada e desejada, não apenas por aqueles que, como o próprio apóstolo, tinham a perspectiva de uma herança

infinita e gloriosa no alto, mas pela criação em geral sobrecarregada e gemendo, pela qual estavam cercados”.⁹⁶

Aqui também Russel entende a proximidade do dia da ressurreição. Ele comenta que “nada possa ser gramaticalmente mais enfático do que a indicação da *proximidade* da revelação esperada”.⁹⁷ Russel cita Conybeare e Howson que, segundo ele, “dão o verdadeiro sentido da expressão, “a glória que está prestes a ser revelada, que em breve será revelada. [τὴν μέλλουσιν ⁹⁸ δόξαν ἀποκαλυφθῆναι]”. ⁹⁹ Ele complementa “assim, será percebido que não é para a morte que o apóstolo olha como o período de libertação dos males presentes; ainda menos para uma época distante no futuro”.¹⁰⁰

E para provar seu ponto, Russel se concentra na palavra grega κτίσεως (criatura). A κτίσεως (criatura) está aguardando com intenso anseio a glória está prestes a ser revelada.

Russel assim define κτίσεως:

“Mas o que se entende por criatura ou criação [κτίσις]? Alguns comentaristas a consideram como abrangendo todo o universo, ou a criação material, animada e inanimada, racional e irracional - toda a estrutura da natureza. Eles falam do terremoto, da tempestade e do vulcão como sintomas da doença dolorida do mundo natural. Mas isso parece muito vago e geral para o argumento do apóstolo. É evidente que o κτίσις só pode se referir a seres conscientes, voluntários, racionais e morais. Tem “anseios intensos”; tem “vontade própria”; tem “esperança”; é capaz de ser “sujeito à vaidade”; de ser “libertado da corrupção”; de participar da “glória dos filhos de Deus”. Essas características excluem a criação

⁹⁶ Idem nº 14, pg. 214.

⁹⁷ Idem nº 14, pg. 214.

⁹⁸ Μέλλουσιν ver no Apêndice final sobre a palavra grega *mello* que significa “estar prestes a”.

⁹⁹ Idem nº 14, pg. 214.

¹⁰⁰ Idem nº 14, pg. 214.

inanimada e irracional, e incluem a raça humana em sua totalidade. Além disso, a antítese no versículo 23 entre o *κτίσις* como um todo e “nós mesmos que temos as primícias do Espírito” seria muito antinatural e imperfeita se não diferenciasse os cristãos, não de animais e plantas, mas de outros homens. O verdadeiro contraste está entre aqueles que têm as primícias do Espírito e aqueles que não têm as primícias do Espírito; e seria manifestamente incongruente falar da criação irracional e inanimada como “não tendo o Espírito”. Fazer o apóstolo se referir aqui à natureza universal pode ser admissível talvez como poesia, mas seria bastante deslocado em um argumento sóbrio e sério. Entendemos, então, por - *κτίσις* a raça humana, a humanidade em geral; o significado que a palavra tem em passagens como Marcos 14:15, “Pregue o evangelho a toda criatura” [*πάσῃ τῇ κτίσει*]; Colossenses 1:23, “que foi pregado a toda criatura que está debaixo do céu” [*ἐν πάσῃ τῇ κτίσει*]”.¹⁰¹

A interpretação de Russell sobre *κτίσις* (criação) em Romanos 8 parece convincente à primeira vista, mas não resiste a uma análise mais cuidadosa do próprio contexto bíblico. Seu principal argumento é que a criação não pode ser o mundo criado porque Paulo lhe atribui ações como “aguardar”, “ansiar”, “esperar” e “gemer”. Para Russell, essas características exigem seres conscientes, morais e racionais, levando-o à conclusão de que *κτίσις* deve significar a humanidade em geral. O problema é que esse raciocínio ignora uma característica muito comum da linguagem bíblica: a personificação da criação.

As Escrituras frequentemente apresentam a criação como se tivesse voz, sentimentos ou ações humanas. Isso não significa que montanhas, rios ou estrelas possuam consciência; trata-se de uma figura de linguagem usada para revelar uma realidade espiritual. O Salmo 19 oferece um dos exemplos mais claros:

¹⁰¹ Idem nº 14, pg. 216.

“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das suas mãos”.

Evidentemente, os céus não falam literalmente. Ainda assim, o salmista afirma que eles proclamam e anunciam a glória do Criador. A criação inteira funciona como uma testemunha silenciosa da majestade de Deus.

Esse mesmo recurso aparece em diversos outros textos. Os rios batem palmas (Salmo 98:8), os montes cantam de alegria (Isaías 55:12), as árvores exultam diante do Senhor. Em Lucas 19:40, o próprio Jesus declara que, se seus discípulos se calassem, as pedras clamariam. Ninguém entende essas passagens literalmente. Todos reconhecem que Deus está personificando a criação para transmitir uma verdade maior. Sendo assim, não existe qualquer dificuldade em compreender Romanos 8 da mesma forma. Quando Paulo afirma que a criação aguarda ansiosamente, geme e sofre, ele utiliza uma linguagem perfeitamente compatível com o restante das Escrituras.

Além disso, a própria carta aos Romanos favorece essa compreensão. No capítulo 1, Paulo escreve que “os atributos invisíveis de Deus... são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Romanos 1:20). Aqui, a criação não é a humanidade, mas o universo criado, que revela continuamente o poder e a divindade do seu Criador. Seria estranho imaginar que, apenas alguns capítulos depois, Paulo mudasse completamente o significado da palavra *κτίσις* sem qualquer indicação ao leitor. Muito mais natural é entender que ele continua falando da mesma criação que manifesta a glória de Deus, mas que agora sofre as consequências da Queda e aguarda sua restauração.

O contexto de Romanos 8 também enfraquece a interpretação de Russell. No versículo 23, Paulo escreve:

“E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito...”.

Essa pequena expressão é decisiva. Paulo distingue claramente dois grupos: de um lado está a criação; de outro, “nós”, os que recebemos as primícias do Espírito. Russell afirma que esse contraste exige que a criação seja a humanidade sem Cristo, mas o texto não diz isso. Paulo não afirma que a criação é composta por pessoas que não possuem o Espírito. Ele simplesmente destaca que os filhos de Deus possuem algo que a criação não possui: as primícias do Espírito Santo, garantia da redenção futura.

Na verdade, se *κτισις* significasse toda a raça humana, incluindo os próprios cristãos, a distinção feita por Paulo perderia sua clareza. Afinal, os cristãos continuam pertencendo à humanidade. O contraste torna-se muito mais natural quando entendemos que Paulo fala da criação como um todo, enquanto coloca os filhos de Deus em destaque por já desfrutarem da ação antecipada do Espírito. A criação geme; nós também gememos. A diferença é que nosso gemido é acompanhado pela esperança garantida pelas primícias do Espírito.

Outro detalhe frequentemente ignorado é a afirmação de que a criação foi sujeita à vaidade “não voluntariamente”. Essa expressão se ajusta perfeitamente ao mundo criado. A terra, os animais e toda a ordem da natureza sofreram as consequências do pecado de Adão sem terem participado da sua rebelião. Em Gênesis, Deus declara: “Maldita é a terra por tua causa”. A maldição recai sobre a criação em razão do pecado humano, e não porque a criação tenha cometido pecado. Romanos 8 descreve exatamente essa realidade inaugurada em Gênesis: a criação inteira sofre os efeitos da queda e aguarda o dia em que será libertada.

Russell ainda argumenta que a criação participará da “glória dos filhos de Deus” e, por isso, deveria ser composta de seres humanos. Entretanto, o texto afirma justamente o contrário. A criação não é

identificada com os filhos de Deus; ela aguarda a manifestação deles. Paulo estabelece uma distinção muito clara: há aqueles que serão revelados em glória e há a criação que espera por esse momento. Um grupo é aguardado pelo outro. Essa diferença desaparece quando *πῑσις* é reduzida simplesmente à humanidade.

Os exemplos citados por Russell, como Marcos 16:15 e Colossenses 1:23, também não resolvem a questão. É verdade que *πῑσις* pode, em alguns contextos, referir-se às pessoas, especialmente quando o evangelho é anunciado “a toda criatura”. Porém isso não significa que a palavra tenha sempre esse sentido. Como acontece com inúmeras palavras na Bíblia, o contexto é quem determina seu significado. Em Romanos 8, o contexto aponta para a criação afetada pela maldição de Gênesis, a mesma criação mencionada em Romanos 1 e personificada de maneira semelhante ao Salmo 19.

A beleza do argumento de Paulo está justamente nessa harmonia. A criação que anuncia a glória de Deus em Romanos 1 é a mesma que geme em Romanos 8. A criação que proclama silenciosamente a grandeza do Criador no Salmo 19 é a mesma que sofre os efeitos da corrupção introduzida pelo pecado humano. Ela aguarda, em linguagem figurada, o dia em que os filhos de Deus serão plenamente revelados, porque sua própria libertação está ligada à consumação da redenção. Paulo não está redefinindo *πῑσις* para significar a humanidade. Está mostrando que toda a ordem criada, personificada como uma testemunha que espera, participa da expectativa pelo grande dia em que Deus restaurará todas as coisas.

O Perigo do Universalismo da Salvação

A interpretação de Russell ainda apresenta outra dificuldade. Ao identificar a criação com toda a raça humana, ele acaba se aproximando, ainda que involuntariamente, de um argumento

semelhante ao usado pelo Universalismo. Afinal, se toda a humanidade é a “criação” que será libertada da corrupção para participar da glória dos filhos de Deus, a conclusão lógica seria que toda a humanidade será salva.

Evidentemente, Russell não defendia o Universalismo (até onde sei), mas sua interpretação abre espaço para essa implicação. Em contrapartida, entendendo a criação como o mundo criado, distinto dos filhos de Deus, a dificuldade desaparece. A criação será restaurada dos efeitos da Queda, enquanto a salvação continua sendo uma promessa exclusiva daqueles que pertencem a Cristo.

Russell Pergunta se a Raça Humana Pode...

Russell escreve:

“Isso nos leva à pergunta: Pode-se dizer que a raça humana está nessa atitude ansiosa e expectante, gemendo e sofrendo dores, esperando e ansiando por libertação e liberdade? Sem dúvida, pode; e nunca mais verdadeiramente do que no próprio período em que o apóstolo escreveu. Foi uma época da mais profunda corrupção e degradação social; pode-se dizer que a humanidade geme sob o peso de sua miséria e escravidão; e, no entanto, havia um sentimento estranho e misterioso na mente dos homens de que, de alguma forma e em algum lugar, a libertação estava próxima. Quão exatamente a descrição do apóstolo se ajusta à condição moral e social do povo judeu neste período não precisa de prova. Eles geraram sob o jugo da escravidão romana. Ansiavam ansiosamente pelo prometido Libertador”.¹⁰²

Russell passa a citar o exemplo dos gregos:

¹⁰² Idem nº 14, pg. 217.

“A condição social dos gregos vinha, durante esse período, decaindo para a mais profunda corrupção;... mas a própria difusão e o desenvolvimento dessa corrupção estavam preparando o caminho, pois demonstravam a necessidade da intervenção de um evangelho. A própria doença parecia clamar por um Médico. E se os males dominantes da população grega apresentavam grandes obstáculos ao progresso do cristianismo, ainda assim mostravam, para todos os tempos futuros, a fraqueza das mais elevadas capacidades humanas quando não assistidas do alto; e deve ter havido muitos que gemiam sob a escravidão de uma corrupção da qual não podiam se libertar, e que estavam prontos para acolher a voz d'Aquele que 'tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças'”.¹⁰³

Na sequência, Russell cita a condição do mundo romano:

“Seria uma ilusão imaginar que, quando o mundo foi reunido sob um único cetro, algum verdadeiro princípio de unidade mantinha suas diferentes partes coesas. O imperador era divinizado porque os homens estavam escravizados. Não havia verdadeira paz quando Augusto fechou o templo de Jano. O Império era apenas uma ordem de governo externo, com um caos de opiniões e de moralidade em seu interior. Os escritos de Tácito e Juvenal permanecem como testemunhas da corrupção que infeccionava todas as classes — tanto o Senado quanto a família. A antiga severidade dos costumes e a antiga fé na melhor parte da religião romana haviam desaparecido. As doutrinas e práticas licenciosas da Grécia e do Oriente haviam inundado a Itália e o Ocidente, e o Panteão era apenas o monumento de um compromisso entre uma multidão de superstições decadentes. É verdade que desse estado de coisas resultou uma notável tolerância, e é provável que, por algum curto período, o próprio cristianismo tenha compartilhado dessa vantagem. Mas, ainda assim, o espírito da época era essencialmente cruel e profano, e os apóstolos logo se viram expostos à sua amarga

¹⁰³ Idem nº 14, pg. 217.

perseguição. O Império Romano carecia daquela unidade que o Evangelho concede à humanidade. Era um reino deste mundo, e a raça humana gemia pela melhor paz de um ‘reino que não é deste mundo’. Assim, na própria condição do Império Romano e no estado miserável de sua população heterogênea, podemos reconhecer uma preparação negativa para o Evangelho de Cristo. Essa tirania e opressão clamavam por um Consolador, tanto quanto a enfermidade moral dos gregos clamava por um Médico. Um Messias era necessário para todo o Império tanto quanto para os judeus, embora não fosse aguardado com a mesma expectativa consciente. Mas não temos dificuldade em ir muito além disso, e não podemos hesitar em reconhecer, nas circunstâncias do mundo naquele período, traços significativos de uma preparação positiva para o Evangelho”.¹⁰⁴

O argumento de Russell é bem elaborado do ponto de vista histórico, mas apresenta uma dificuldade fundamental: ele substitui a exegese do texto pela descrição do contexto do primeiro século. Em outras palavras, parte da miséria moral da humanidade para concluir que essa deve ser a “criação” de Romanos 8. Entretanto, uma realidade histórica, por mais verdadeira que seja, não determina o significado de uma passagem bíblica.

Ninguém nega que judeus, gregos e romanos viviam uma profunda crise espiritual. Os judeus aguardavam o Messias, os gregos revelavam o fracasso da filosofia em produzir verdadeira justiça, e o Império Romano refletia uma decadência moral evidente. Tudo isso é verdadeiro. O problema é que Paulo nunca diz que a criação geme por causa da opressão romana ou da corrupção moral daquele tempo.

Ao contrário, o apóstolo identifica claramente a origem do sofrimento da criação: ela foi “sujeita à vaidade”, não por vontade própria, mas por causa daquele que a sujeitou. Paulo não aponta para o primeiro século, mas para a Queda em Gênesis. Foi ali que toda a

¹⁰⁴ Idem nº 14, pg. 217.

criação passou a sofrer as consequências do pecado de Adão. A causa da corrupção não é Roma, nem a filosofia grega, mas a maldição que atingiu toda a ordem criada.

Russell também pressupõe que a expectativa descrita por Paulo seja a expectativa consciente da humanidade pela chegada do Evangelho. Entretanto, o texto não afirma isso. Pelo contrário, uma considerável parte da humanidade rejeitou Cristo e perseguiu justamente aqueles que eram os filhos de Deus.

Esse ponto enfraquece decisivamente sua interpretação. Se a criação representa a humanidade, então Paulo estaria dizendo que o mundo aguardava ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Mas Jesus declarou exatamente o contrário: “Se o mundo vos odeia, sabeí que primeiro do que a vós outros me odiou a mim” (João 15:18). Em seguida acrescenta: “Porque não sois do mundo... por isso o mundo vos odeia” (João 15:19). Paulo confirma a mesma realidade ao afirmar que “todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2ª Timóteo 3:12).

Como, então, o mundo poderia aguardar com ansiedade aqueles que odiava e perseguia? O Novo Testamento nunca apresenta a humanidade esperando pelos filhos de Deus, mas resistindo a eles. Isso mostra que a expectativa descrita em Romanos 8 não é a da raça humana, mas da criação personificada, conforme a linguagem já utilizada em outras partes das Escrituras.

Além disso, a interpretação de Russell esbarra na própria história. Se Romanos 8 descrevesse a expectativa da humanidade pela chegada do Evangelho, essa esperança teria encontrado seu cumprimento no primeiro século. No entanto, Paulo liga a libertação da criação à futura revelação dos filhos de Deus, um acontecimento que ainda aguardamos. A criação continua sujeita à corrupção, a morte continua reinando e o pecado permanece presente. Logo, a libertação descrita por Paulo não ocorreu com a expansão da Fé Cristã.

Russell acaba confundindo duas realidades distintas. Uma é a preparação histórica do mundo para receber o Evangelho; outra é a restauração final da criação. O Novo Testamento realmente mostra que Deus preparou as nações para a primeira Vinda de Cristo. Mas Romanos 8 não trata da preparação para a primeira Vinda, e sim da consumação da redenção.

Essa interpretação harmoniza toda a narrativa bíblica. Em Gênesis, a criação foi submetida à maldição por causa do pecado de Adão. Em Romanos 1, ela continua revelando a glória de Deus. No Salmo 19, os céus anunciam essa glória por meio da personificação. E em Romanos 8, essa mesma criação é apresentada aguardando o dia em que será libertada da corrupção. O tema permanece o mesmo: a restauração da ordem criada, e não a salvação coletiva da humanidade.

Para relembrar o que foi dito antes, há ainda outra consequência da interpretação de Russell. Ao identificar a criação com toda a raça humana, ele acaba se aproximando, ainda que involuntariamente, de um argumento utilizado pelo Universalismo da Salvação. Afinal, se toda a humanidade é a criação que será libertada da corrupção para participar da liberdade da glória dos filhos de Deus, a conclusão natural seria que toda a humanidade será salva.

Muito provavelmente Russell nunca defendeu o Universalismo da Salvação, mas sua interpretação abre espaço para essa implicação. Em contrapartida, entendendo a criação como o mundo criado, distinto dos filhos de Deus, a dificuldade desaparece. A criação será restaurada dos efeitos da Queda, enquanto a salvação e a ressurreição permanecem uma promessa exclusiva daqueles que pertencem a Cristo.

Herdeiros do Mundo: a Herança de Abraão na Ressurreição

“Porque a promessa de ser herdeiro do mundo, não foi feita pela lei a Abraão ou à sua descendência, e sim pela justiça da fé”.

— Romanos 4:13

“Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”.

— Romanos 4:2-3

“Porque, se os que são da lei são herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa”.

— Romanos 4:14

“E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.

— Gálatas 3:29

Como consequência da ressurreição descrita em Romanos 8, Russell ignora o fato de que a promessa feita a Abraão sobre a terra só pode ser plenamente concluída na ressurreição. Se essa ressurreição aconteceu no ano 70 d.C., então Abraão deveria ter aparecido na terra para herdá-la — e não somente ele, mas também todos os santos que teriam ressuscitado com ele.

É justamente essa dificuldade que precisamos examinar. Se a ressurreição de Romanos 8 ocorreu no ano 70 d.C., conforme essa interpretação, onde está Abraão recebendo a herança que Deus lhe prometeu? Onde estão os demais santos ressuscitados participando dessa herança?

A Promessa a Abraão e a Necessidade da Ressurreição Corporal

O argumento em favor de uma futura ressurreição corporal encontra seu fundamento nas próprias palavras de Jesus em Lucas 20:37-38. Ao responder aos saduceus, Jesus recorreu ao episódio da sarça ardente e ao modo como Deus se apresentou como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. A conclusão de Jesus é que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois, para Ele, todos vivem.

A força desse argumento está diretamente ligada à Aliança estabelecida por Deus com Abraão. Deus prometeu a Abraão não somente uma descendência, mas também uma terra que ele próprio receberia como herança. Entretanto, há um fato incontestável: Abraão morreu sem possuir aquela terra.

É justamente aí que surge a questão central. Se Deus prometeu pessoalmente aquela herança a Abraão e ele morreu sem recebê-la, como a promessa poderá ser cumprida?

A resposta aponta para a ressurreição.

Abraão precisará participar pessoalmente do cumprimento da promessa. Não seria suficiente afirmar que sua alma continua existindo ou que a promessa foi simplesmente transferida para outra realidade. Se Deus prometeu a Abraão uma herança, a fidelidade Divina exige que essa promessa encontre sua realização.

Por isso, a referência de Jesus ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó não deve ser reduzida a uma simples afirmação de que os patriarcas continuavam conscientes após a morte. O argumento está relacionado à aliança e à fidelidade de Deus em cumprir aquilo que prometeu.

O Senhor Jesus não ensinou uma mudança radical na natureza da ressurreição, transformando-a de uma realidade corporal em uma experiência exclusivamente espiritual, ou mesmo uma ressurreição que aconteceria no tempo da Igreja primitiva. O argumento apresentado pelos saduceus e por Russell perde sua força, pois Abraão, Isaque e Jacó e todos os santos precisam participar ressurreição dos mortos para herdar a Terra. E isto não poderia ter acontecido no ano 70 d.C.

Essa perspectiva ajuda a compreender a declaração de que, para Deus, todos vivem. Não significa que os patriarcas já tivessem recebido naquele momento a ressurreição corporal e a herança da Terra no sentido espiritual. Se fosse esse o significado, surgiria uma dificuldade séria: Abraão, Isaque e Jacó já estariam corporalmente ressuscitados no próprio período de Jesus. Isso entraria em conflito com o testemunho do Novo Testamento sobre Cristo como o primeiro entre os ressuscitados e como o primogênito entre muitos irmãos (Colossenses 1:18; Romanos 8:29).

Portanto, a passagem de Lucas não exige que os patriarcas já tivessem experimentado a ressurreição corporal naquele momento. O argumento de Jesus está fundamentado na certeza de que Deus cumprirá sua Aliança com eles. E para que essa promessa da Aliança seja cumprida é necessário que haja uma ressurreição que jamais poderia ter sido cumprida no primeiros século como quer Russell.

A lógica de Jesus está relacionada à própria identidade de Deus. Ele é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Essa identificação traz consigo a lembrança de tudo o que Deus havia prometido aos patriarcas e de sua obrigação, por assim dizer, de permanecer fiel à sua própria palavra dando a Terra como herança.

A Aliança e a Promessa da Terra

O contexto de Êxodo 3:6-8 é especialmente importante. Deus se apresenta a Moisés como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e, imediatamente depois, declara que havia visto a aflição de Israel no Egito, ouvido seu clamor e decidido libertá-lo. Deus promete retirar seu povo daquela situação e conduzi-lo para uma terra boa e ampla, uma terra que havia sido destinada aos seus antepassados. Essa promessa não surgiu naquele momento. Ela fazia parte da Aliança estabelecida anteriormente com Abraão.

Em Gênesis 15:12-21, Deus revelou a Abraão que sua descendência passaria por um período de peregrinação e sofrimento em terra estrangeira. Depois desse período, Deus julgaria a nação que a oprimia e conduziria sua descendência para a terra prometida. No mesmo contexto, Deus confirmou Sua Aliança com Abraão e estabeleceu os limites da terra que seria dada à sua descendência.

Quando Deus aparece a Moisés e se identifica como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, portanto, essa identificação está carregada de significado. Deus está reafirmando sua fidelidade à Aliança. Entretanto, existe um detalhe decisivo: o próprio Abraão não participou pessoalmente da entrada de sua descendência na terra. Deus havia declarado a Abraão que ele morreria em paz e seria sepultado em boa velhice (Gênesis 15:15). Ao mesmo tempo, havia prometido que ele e sua descendência receberiam a terra. Em Gênesis 13:14-17, Deus manda Abraão contemplar a terra ao norte, ao sul, ao oriente e ao ocidente e declara que aquela terra seria dada a ele e à sua descendência. Em Gênesis 15:7, Deus novamente relaciona sua saída de Ur dos caldeus ao propósito de lhe dar aquela terra por herança. E em Gênesis 17:8, a promessa é reafirmada de maneira ainda mais direta: Deus daria a Abraão e à sua descendência toda a terra de Canaã como posse perpétua.

Essas passagens precisam ser levadas a sério porque não falam somente da descendência de Abraão. Em diferentes ocasiões, a promessa é dirigida ao próprio Abraão. Esse detalhe é fundamental. Abraão nunca recebeu aquela terra como propriedade durante sua vida.

Abraão Morreu Sem Receber a Promessa

O Novo Testamento confirma expressamente essa realidade em Atos 7:2-5.

Estêvão recorda que Deus chamou Abraão para sair de sua terra e de sua parentela e o conduziu à terra que posteriormente seria dada à sua descendência. Entretanto, enquanto viveu, Abraão não recebeu naquela terra sequer o espaço necessário para estabelecer uma propriedade. Ele recebeu a promessa de que aquela terra seria dada posteriormente. Isso significa que Abraão recebeu a promessa, mas não recebeu seu cumprimento durante sua vida.

Esse fato é essencial para a discussão sobre a ressurreição.

Se Deus prometeu pessoalmente a Abraão uma herança e Abraão morreu sem recebê-la, a morte não pode representar o fim de sua participação na promessa. A fidelidade de Deus exige que exista uma realização futura. Por isso, quando Jesus fala do Deus de Abraão, Isaque e Jacó em Lucas 20:37-38, sua argumentação está profundamente relacionada à Aliança. Deus não abandonou sua promessa. A morte de Abraão não anulou aquilo que Deus havia declarado.

A Promessa Exige a Participação Pessoal de Abraão

Não basta dizer que a descendência de Abraão recebeu a terra. As Escrituras também apresentam a promessa em termos diretamente relacionados ao próprio patriarca.

Essa distinção é importante.

Se a promessa tivesse sido feita somente à descendência de Abraão, seria possível argumentar que ela encontrou cumprimento na posse da terra por Israel. Mas a Bíblia também afirma que Deus daria a terra ao próprio Abraão.

Por isso, surge uma pergunta inevitável:

“Quando Abraão recebeu essa herança?”

Durante sua vida, não recebeu.

Após sua morte, o texto bíblico não registra que ele tenha recebido a terra.

Então, se a promessa ainda precisa ser cumprida, a ressurreição torna-se necessária. Abraão precisa voltar à vida para participar pessoalmente daquilo que Deus lhe prometeu. Esse é precisamente o ponto que não pode ser ignorado quando se tenta interpretar a ressurreição apenas como uma realidade espiritual ou como que realizada no ano 70 d.C. conforme defende Russell e os preteristas completos.

A Promessa e os Herdeiros da Terra

A questão também alcança os demais santos. O Senhor Jesus declarou em Mateus 5:5 que os mansos herdariam a terra. Se essa promessa deve ser entendida de maneira real, então a herança dos santos não pode ser reduzida simplesmente a uma experiência interior ou exclusivamente espiritual. E muito menos uma promessa a ser realizada no ano 70 d.C. muito antes de se completar o número dos eleitos até o último dia.

Os santos são apresentados como herdeiros. Abraão é o patriarca da promessa. E a promessa precisa alcançar sua realização.

Portanto, se Abraão deve participar da herança, sua ressurreição precisa ser entendida de maneira compatível com essa herança. Não se trata apenas de uma existência espiritual após a morte. Trata-se da fidelidade de Deus em completar sua promessa.

O Problema de uma Ressurreição Realizada no Ano 70 d.C.

Aqui chegamos ao ponto decisivo. Se a ressurreição corporal dos santos aconteceu definitivamente nos anos 66-70 d.C., então precisamos perguntar: *onde Abraão recebeu a terra que Deus lhe prometera?*

Se Abraão estava entre os santos ressuscitados naquele período, sua participação na promessa deveria ser demonstrável. Mas a questão permanece sem resposta. Abraão não apareceu na terra para recebê-la. Nenhum dos demais santos ressuscitados, segundo essa interpretação, aparece recebendo a herança terrestre prometida. Isso cria uma dificuldade considerável para uma interpretação que

considera realizada no ano 70 d.C. toda a expectativa da ressurreição e da herança.

A destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C. foi um acontecimento decisivo na história da redenção e pode ser compreendida como um grande ato de juízo contra a antiga ordem. Porém, isso não significa automaticamente que todas as promessas relacionadas à ressurreição, à herança e à consumação tenham sido esgotadas naquele acontecimento.

A promessa feita a Abraão continua sendo uma questão que precisa ser explicada.

A Relação com Lucas 20

A resposta de Jesus aos saduceus deve ser lida nesse contexto.

Quando Jesus afirma que Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e que, para Ele, todos vivem (Lucas 20:37-38), a questão não é simplesmente saber se os patriarcas continuavam existindo depois da morte. O ponto é que Deus permanece fiel àqueles com quem estabeleceu Sua Aliança. Se Deus prometeu algo a Abraão, a morte de Abraão não pode tornar a promessa impossível, pois a fidelidade de Deus exige o cumprimento. E se o cumprimento exige que Abraão participe pessoalmente da promessa, então a ressurreição precisa colocá-lo novamente em condição de receber aquilo que lhe foi prometido. Essa é a força do argumento.

Uma Herança Apenas Espiritual

Se Abraão ressuscitou literalmente no ano 70 d.C., onde está a terra que ele recebeu como herança?

Se a resposta for que ele ressuscitou literalmente, mas apenas recebeu uma realidade espiritual, ainda será necessário explicar por que as promessas feitas especificamente a Abraão são apresentadas em termos de terra, herança e posse.

A questão permanece. Abraão morreu sem receber a promessa. Se a ressurreição aconteceu no ano 70 d.C., ele deveria ter recebido a promessa naquele momento. Mas não há evidência bíblica e nem histórica de que isso tenha acontecido. Consequentemente, a promessa feita a Abraão continua sendo um elemento decisivo para compreender não só a natureza futura da ressurreição e da herança dos santos, mas também sobre “quando” acontecerá - se no último dia ou se realizou no ano 70 d.C.

A fidelidade de Deus permanece como fundamento da esperança: aquilo que Ele prometeu a Abraão ainda será plenamente cumprido.

A ideia de que a promessa de Deus a Abraão foi realizada espiritualmente apenas é outra tentativa para dizer que a promessa da terra nunca teve como objetivo uma herança física e literal, mas apontava desde o início para uma realidade espiritual.

Para sustentar essa interpretação, recorre-se especialmente a Hebreus 11. O texto afirma:

“Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da

mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador. Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa. Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar. Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade. Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou”.

- Hebreus 11:8-19

A partir da expressão “aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial”, muitos russelitas e preteristas completos poderão argumentar que a promessa feita a Abraão teria como objetivo final uma realidade exclusivamente celestial. Mas essa conclusão não é necessariamente exigida pelo texto, pois a palavra “celestial” não precisa indicar exclusivamente uma localização. Ela também pode indicar origem, procedência ou natureza. Isso pode ser observado em outras passagens do próprio Novo Testamento. Os cristãos, embora ainda estejam na terra, são descritos como participantes da “chamada celestial” (Hebreus 3:1) e como aqueles que experimentaram o “dom celestial” (Hebreus 6:4).

Nesses casos, aquilo que é chamado de celestial tem origem em Deus, mas é experimentado por pessoas que continuam vivendo na

terra. O mesmo princípio pode ser aplicado à “pátria celestial” mencionada em Hebreus 11:16.

Além disso, o próprio capítulo afirma que Deus preparou uma cidade para os seus servos. Essa cidade não precisa ser entendida simplesmente como uma realidade permanentemente localizada no Céu e sem qualquer manifestação terrena. Isso fica evidente quando o autor de Hebreus posteriormente se dirige aos próprios cristãos e declara:

“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados...”.

- Hebreus 12:22-23

A linguagem empregada mostra que a realidade celestial já possui relação direta com a Igreja na terra. Os santos possuem seus nomes registrados nos céus, mas a Igreja também está presente de maneira concreta neste mundo.

Essa mesma imagem aparece na visão da Nova Jerusalém:

“Eu vi a cidade santa, a nova Jerusalém, descendo do céu de Deus”.

- Apocalipse 21:2

A imagem da cidade descendo do Céu é significativa. Se ela desce do Céu, a ideia não é de que permaneça eternamente restrita ao Céu. A realidade que procede de Deus manifesta-se no âmbito da criação.

Assim, o termo “celestial” pode indicar a origem Divina dessa realidade, sem exigir que ela permaneça exclusivamente em uma localização celestial.

É possível, portanto, compreender a imagem como a manifestação da realidade de Deus no mundo.

Essa perspectiva também ajuda a entender Hebreus 11:9-10, onde Abraão é apresentado como peregrino na própria terra da promessa, vivendo em tendas e aguardando uma cidade que possui fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus.

O fato de essa cidade ter sido projetada e construída por Deus não significa necessariamente que ela esteja localizada exclusivamente no Céu. Sua característica fundamental é sua permanência. Abraão vivia em tendas, em uma condição temporária e peregrina. Ele aguardava algo permanente, estável e estabelecido por Deus. Ele não procurava construir essa cidade por seus próprios esforços. Confiava que Deus realizaria aquilo que havia prometido. Isso está em harmonia com Gênesis 12:1, quando Deus chama Abraão e promete mostrar-lhe a terra.

A própria narrativa de Hebreus afirma que Abraão peregrinou justamente na “terra da promessa”. Portanto, não faria sentido simplesmente afirmar que aquela terra nunca teve qualquer relação com a promessa original.

O termo “celestial” pode apontar para a origem e a fonte da realidade prometida, bem como para seu caráter Divino, sem necessariamente eliminar sua manifestação na terra. Isso também pode ser observado na linguagem do Reino de Deus. Jesus afirmou:

“O meu reino não é deste mundo”.

- João 18:36

Mas, ao mesmo tempo, ensinou seus discípulos a orar:

“Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”.

- Mateus 6:10

O Reino possui origem Divina e não procede deste mundo, mas isso não significa que não deva manifestar-se na terra. Da mesma maneira, uma realidade pode ser celestial quanto à sua origem sem ser exclusivamente celestial quanto à sua manifestação.

“Aquele que Recebeu as Promessas”

Existe ainda outra expressão importante em Hebreus 11:17:

“Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas...”.

Essa passagem poderia ser utilizada para argumentar que Abraão finalmente recebeu as promessas. Mas essa conclusão entraria em conflito com o que o próprio capítulo havia declarado anteriormente:

“Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas...”.
- Hebreus 11:13

O contexto deixa claro que os santos morreram sem experimentar o cumprimento pleno das coisas que lhes haviam sido prometidas.

A expressão relacionada a Abraão como aquele que “recebeu as promessas” deve, portanto, ser entendida no sentido de que ele foi o destinatário da promessa. Deus lhe fez a promessa, e Abraão a recebeu pela fé. Isso é diferente de dizer que ele já havia recebido o cumprimento definitivo daquilo que Deus havia prometido. Abraão foi aquele a quem a promessa foi feita. Mas isso não significa que ele tenha experimentado pessoalmente sua realização completa.

A própria sequência de Hebreus 11 reforça essa distinção, porque o capítulo termina voltando ao tema da ressurreição.

O texto diz:

“Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dentre os mortos o ressuscitar; E daí também em figura ele o recobrou”.

- Hebreus 11:17-19

Essa passagem é extremamente significativa. Isaque era o filho da promessa. Por meio dele deveria continuar a descendência prometida a Abraão. Deus, entretanto, ordenou que Abraão o oferecesse. Humanamente falando, isso parecia colocar em risco a própria promessa. Se Isaque morresse, como poderia continuar a descendência que Deus havia prometido? Abraão, porém, confiou no poder de Deus. Ele considerou que, mesmo que Isaque morresse, Deus seria capaz de ressuscitá-lo. Sua confiança não estava limitada às circunstâncias presentes. Abraão acreditava que Deus tinha poder suficiente para vencer a própria morte e, assim, cumprir aquilo que havia prometido. Essa passagem mostra que a esperança da ressurreição não é estranha à própria fé de Abraão. Pelo contrário, a ressurreição está relacionada à maneira como Abraão compreendia a fidelidade de Deus.

A promessa dependia de Isaque. Se Isaque morresse, Deus ainda seria capaz de cumprir Sua palavra. A solução, na fé de Abraão, seria a ressurreição.

A Promessa e a Ressurreição

Isso nos leva novamente a Lucas 20:37-38.

Quando Jesus foi questionado sobre a ressurreição, Ele recorreu justamente à relação de Deus com Abraão, Isaque e Jacó. Isso é coerente com tudo aquilo que encontramos em Gênesis e Hebreus, pois Deus havia feito promessas a Abraão. Abraão morreu sem receber plenamente essas promessas. Ainda assim, Abraão confiava que Deus seria capaz de cumprir Sua palavra mesmo diante da morte.

Portanto, não é estranho que Jesus tenha fundamentado Sua argumentação sobre a ressurreição na fidelidade de Deus à Aliança abraâmica. A ressurreição não aparece como uma doutrina isolada. Ela está ligada à promessa. Deus prometeu. Abraão creu. Abraão morreu sem ver a realização completa. Mas a morte não poderia impedir Deus de cumprir Sua palavra.

É justamente por isso que a promessa feita a Abraão continua sendo uma questão fundamental para a compreensão da ressurreição, pois se a ressurreição dos santos tivesse ocorrido definitivamente no ano 70 d.C., seria necessário demonstrar de que maneira Abraão recebeu naquele momento a herança que Deus lhe havia prometido. Russell não responde sobre isso.

Se Abraão não recebeu a terra durante sua vida e também não a recebeu na suposta ressurreição do ano 70 d.C., então permanece uma parte essencial da promessa sem cumprimento – o que joga por terra a tese dos preteristas completos e do próprio Russell.

Isso nos leva novamente à pergunta fundamental:

“Quando Abraão recebeu aquilo que Deus lhe prometeu?”

A Escritura mostra que ele recebeu a promessa pela fé, mas também afirma que morreu sem obter as coisas prometidas.

Portanto, a promessa e seu cumprimento não devem ser confundidos. Abraão recebeu a promessa. Ainda aguardava seu

cumprimento. E sua própria fé incluía a certeza de que Deus poderia ressuscitar os mortos. Por isso, a esperança da ressurreição corporal está profundamente ligada à promessa abraâmica.

A questão não pode ser resolvida simplesmente afirmando que a promessa da terra sempre foi exclusivamente espiritual ou que haverá ainda no futuro uma segunda ressurreição corporal.

O texto bíblico apresenta Abraão peregrinando justamente na terra da promessa, esperando aquilo que Deus havia preparado. E, ao mesmo tempo, Hebreus mostra que ele morreu sem receber as coisas prometidas. Assim, a promessa continua apontando para uma realização que depende da fidelidade de Deus e da ressurreição.

A conclusão é inevitável: se Abraão ainda não recebeu pessoalmente aquilo que Deus lhe prometeu, não podemos considerar encerrado o cumprimento da promessa apenas com os acontecimentos do ano 70 d.C. conforme quer Russell e os preteristas completos.

A ressurreição, a promessa e a herança estão intimamente relacionadas. E a própria fé de Abraão fornece a chave para compreender isso: diante da possibilidade da morte de Isaque, ele confiou que Deus poderia ressuscitar o filho para que sua promessa permanecesse de pé.

Portanto, a esperança da ressurreição corporal não é uma ideia estranha à promessa abraâmica; ela está presente na própria lógica da fé de Abraão. Se a ressurreição corporal ocorreu no ano 70 d.C., surge então uma questão inevitável: onde estão Abraão e os demais santos, hoje, governando este mundo?

Por isso, encerro este capítulo com a convicção de que aquilo que Paulo descreve em Romanos 8 — a criação que sofre dores de parto

e os santos que aguardam a plena redenção — não se cumpriu no ano 70 d.C.

Capítulo 8

A Parousia nas Demais Epístolas de Paulo

Neste capítulo, passarei a analisar algumas passagens das demais cartas de Paulo que tratam da Vinda do Senhor, sem, contudo, abordar todas elas.

A Parousia na Epístola aos Colossenses

“Quando Cristo, que é a vida de vocês, se manifestar, então vocês também serão manifestos com ele em glória”.

- Colossenses 3:4

Sobre a Parousia na Epístola aos Colossenses, Russell introduz:

“Encontramos aqui uma alusão distinta ao mesmo evento e ao mesmo período que em Romanos 8:19, isto é, “a manifestação dos filhos de Deus”. Em ambas as passagens, é evidentemente concebido como próximo. Em Romanos 8:19, de fato, é expressamente afirmado que é assim; a glória está “prestes a ser revelada”; enquanto aqui os discípulos colossenses são representados como “mortos”, e aguardam a vida e a glória que lhes

seriam trazidas na revelação de Jesus Cristo, ou seja, na Parousia. É inconcebível que o apóstolo possa falar nesses termos de um evento distante; sua proximidade é evidentemente um dos elementos em sua exortação de que eles deveriam “colocar seu coração nas coisas de cima, e não nas coisas da terra”. Devemos supor que eles ainda estão em estado de morte - que suas vidas ainda estão ocultas? No entanto, sua vida e glória são representadas como dependentes da “manifestação de Jesus Cristo”.¹⁰⁵

De onde Russell tirou a afirmação de que Paulo, em Colossenses, apresenta o evento da Parousia como algo “evidentemente concebido como próximo”? Essa conclusão precisa ser demonstrada a partir do próprio texto, e não simplesmente presumida.

No caso de Romanos 8:19, Russell afirma que a glória futura estava “prestes a ser revelada”. Sugiro, porém, que o leitor consulte a discussão sobre o uso da palavra grega *mellō* no Apêndice,¹⁰⁶ pois ela nem sempre deve ser traduzida ou interpretada no sentido de “estar prestes a” acontecer. O contexto é fundamental para determinar seu significado em cada passagem.

Russell continua citando Colossenses 3:6:

“É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência...”.

Russell acrescenta:

“A conclusão anterior (a respeito da proximidade da glória vindoura) é confirmada pela referência do apóstolo à proximidade da ira vindoura.

¹⁰⁵ Idem nº 14, pg. 226.

¹⁰⁶ Ver artigo no Apêndice: *O Mau Uso da Palavra Grega Mello na Interpretação da Escatologia*.

[...]

Tomando o texto tal como está, há algo muito sugestivo, além de enfático, em sua declaração: “A ira de Deus está chegando”. Há um contraste inconfundível entre “a glória vindoura do povo de Deus” e “a ira vindoura” sobre os Seus inimigos. Igualmente clara é a alusão à “ira vindoura” predita por João Batista e tão frequentemente mencionada por nosso Senhor e por Seus apóstolos. Tanto a glória quanto a ira estavam “prestas a ser reveladas”; ambas coincidiam com a Parousia de Cristo; e as igrejas apostólicas viviam em constante expectativa pela rápida manifestação de ambas”.¹⁰⁷

Que a ira de Deus sobre o povo judeu estava próxima é verdade. Contudo, esse não parece ser o sentido específico de Colossenses 3:5-6. No versículo 5, Paulo exorta os colossenses: “Façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça, que é idolatria”. Em seguida, acrescenta: “É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência” (Colossenses 3:5-6).

O ponto de Paulo é claramente moral e aplica-se aos cristãos de qualquer época: aqueles que persistem nessas práticas estão sujeitos à ira de Deus. Portanto, não é necessário entender essa afirmação como uma referência exclusiva e imediata à iminente destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Além disso, Colossenses 3:6 pode ser traduzido de modo a transmitir a ideia de que a ira de Deus “vem” ou “está vindo”. Entretanto, é preciso ter cautela antes de transformar essa expressão em “estava prestes a acontecer”. O texto, por si só, não exige essa interpretação temporal específica.

O grego é:

¹⁰⁷ Idem nº, 14, pg. 227.

δι' ἧς ἔρχεται ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ
“por causa destas coisas vem a ira de Deus...”

O verbo ἔρχεται (erchetai) é de *erchomai*, “vir”, “chegar”, e não é *mello* (“estar prestes a”, “estar destinado a”, dependendo do contexto).

Portanto, o texto de Colossenses 3:6, por si só, não diz explicitamente “a ira de Deus estava prestes a acontecer”. A tradução “está chegando” pode transmitir uma ideia de proximidade dependendo do contexto e da tradução, mas isso é uma interpretação da temporalidade, não o significado obrigatório do verbo.

De qualquer forma, seja Paulo referindo-se à ira de Deus manifestada no juízo do ano 70 d.C., à ira escatológica que sobrevém aos ímpios ou ao juízo final no último dia, o ponto de Colossenses 3:5-6 permanece o mesmo: a prática deliberada do pecado coloca o ser humano sob o juízo de Deus. Portanto, essa passagem, por si só, não exige que a expressão seja entendida como uma referência à Parousia de Cristo no primeiro século.

A Parousia na Epístola aos Efésios

“Quando vocês ouviram a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação, e creram nele, foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória”.

- Efésios 1:13-14

“Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção”.

- Efésios 4:30

Russell declara:

“Estas duas passagens claramente apontam para o mesmo ato e o mesmo período. O que é a redenção aqui mencionada, a redenção da possessão comprada? O antigo Israel é chamado de herança do Senhor (Deuteronômio 32:9); e o povo de Deus é dito ser Sua herança (Efésios 1:11, tradução de Alford). Aqui, contudo, não se refere à herança de Deus, mas à nossa herança; e essa herança ainda não está em posse, mas em perspectiva, tendo sido recebido apenas o sinal ou penhor dela (isto é, o Espírito Santo). Portanto, somos levados a entender por herança a glória e felicidade futura que aguardam o cristão no céu. Esta, então, é a herança, e também a possessão comprada, pois ambas se referem à mesma coisa. Obviamente é algo futuro, mas não distante, pois já foi comprado, embora ainda não possuído”.¹⁰⁸

Russell encontra em Efésios 1:13-14 e 4:30 uma referência à redenção futura, mas não há nesses textos uma indicação de que ela ocorreria no ano 70 d.C. Paulo afirma que os crentes foram selados com o Espírito “para o dia da redenção”, mas isso não significa que todos precisariam estar vivos quando esse dia chegasse. Os cristãos que morreram antes do ano 70 d.C. também haviam sido selados. Foram selados para o dia da morte? Evidentemente não. O selo apontava para a consumação da promessa e para a herança que lhes estava reservada. Portanto, a morte de alguns cristãos antes do ano 70 d.C. demonstra justamente que o selo não estava condicionado à sobrevivência individual até a consumação. O mesmo princípio vale para as gerações posteriores.

Russell também transforma a afirmação de que a herança já foi adquirida em uma afirmação sobre sua proximidade cronológica. Mas uma coisa é a herança ter sido adquirida; outra é quando ela será plenamente recebida. Lembremos que, há milênios, Abraão recebeu a

¹⁰⁸ Idem nº 14, pg. 232.

promessa da herança, mas haveria de recebê-la somente muito tempo depois, por ocasião da ressurreição do corpo. O mesmo princípio se aplica aos efésios: o fato de terem recebido o penhor da herança não significa que precisariam recebê-la tão perto, no ano 70 d.C. A promessa poderia ser recebida posteriormente, na consumação da esperança da ressurreição.

O “penhor” do Espírito aponta para uma realidade futura cuja posse completa ainda é aguardada. Assim, dizer que a herança já foi comprada não significa que ela seria necessariamente possuída poucos anos depois.

Além disso, já demonstrei neste livro que essa herança não deve ser entendida simplesmente como “glória e felicidade futura no Céu”, como Russell afirma. A esperança da ressurreição dos santos está ligada à promessa feita a Abraão e à herança da Terra. Os mansos “herdarão a terra”. Portanto, a redenção e a herança dos santos devem ser interpretadas à luz da esperança bíblica da ressurreição, e não automaticamente como uma transferência dos santos para o Céu.

Desse modo, Efésios 1:13-14 e 4:30 relacionam o Espírito recebido no presente com a herança futura e o dia da redenção, mas não identificam esse dia com o ano 70 d.C. Para chegar a essa conclusão, Russell precisa inserir nos textos uma proximidade cronológica e uma concepção celestial da herança que eles próprios não estabelecem.

A Parousia na Epístola aos Filipenses

“Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês há de completá-la até o dia de Cristo Jesus”.

“...para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo...”.

“...apegando-se firmemente à palavra da vida. Assim, no dia de Cristo, eu exultarei de não ter corrido nem me esforçado inutilmente.”

- Filipenses 1:6, 10; 2:16

Russell declara:

“O dia de Cristo é evidentemente considerado pelo apóstolo como a consumação da disciplina moral e provação dos crentes. Não pode haver dúvida de que ele tem em vista o dia da vinda do Senhor, quando Ele “retribuirá a cada um segundo as suas obras”. Na suposição de que o dia de Cristo ainda é futuro, segue-se que a disciplina moral dos filipenses ainda não está completa; que sua provação não terminou; e que a boa obra neles iniciada ainda não está aperfeiçoada.

A nota de Alford sobre essa passagem (Filipenses 1:6) merece atenção. “Ο ἄχρις ἡμέρας χριστοῦ Ἰησοῦ assume a proximidade da vinda do Senhor. Aqui, como em outros lugares, os comentaristas têm se esforçado para escapar dessa inferência”, etc. Isso é justo; mas a própria inferência de Alford, de que São Paulo estava enganado, é igualmente insustentável”.¹⁰⁹

Russell acusa Alford de fazer uma inferência indevida ao concluir que Paulo teria se enganado quanto à proximidade da Vinda de Cristo. Entretanto, o próprio Russell depende de uma inferência semelhante. Ele lê as expressões “até o dia de Cristo” e “até a redenção” como se elas necessariamente implicassem que esses acontecimentos ocorreriam durante a vida dos filipenses. Mas o texto não diz isso. A expressão “até o dia de Cristo” estabelece o ponto futuro para o qual a obra de Deus e a perseverança dos crentes

¹⁰⁹ Idem nº 14, pg. 234.

estavam orientadas; ela não determina, por si mesma, a distância cronológica desse dia.

Além disso, alguns filipenses poderiam morrer antes desse dia sem que a obra iniciada por Deus neles deixasse de ser completada. A morte não significaria que sua santificação ficou inacabada, pois a esperança cristã inclui a ressurreição. Portanto, dizer que Deus completaria Sua obra “até o dia de Cristo” não exige que cada indivíduo permanecesse vivo até esse momento. O mesmo princípio que encontramos na promessa feita a Abraão se aplica aqui: ele recebeu a promessa da herança muitos séculos antes de recebê-la, e sua esperança estava ligada à ressurreição. Do mesmo modo, os filipenses poderiam receber a promessa e aguardar sua consumação sem que isso exigisse um cumprimento tão próximo quanto o ano 70 d.C.

Assim, a questão não é que Alford esteja fazendo uma inferência enquanto Russell apenas segue o texto. Ambos inferem a partir da expressão “até o dia de Cristo”. Alford entende que ela implica proximidade e, por isso, considera a possibilidade de Paulo estar equivocado. Russell rejeita essa conclusão, mas mantém a inferência de proximidade e a transforma em prova de que o dia de Cristo ocorreria naquela geração. O problema é que “até o dia de Cristo” não declara que esse dia ocorreria durante a vida dos filipenses. Russell também precisa demonstrar essa proximidade; ela não é uma conclusão explícita do texto.

A Nossa Cidadania está nos Céus

“A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que, pelo poder que o capacita a sujeitar todas as coisas a si, transformará o nosso corpo humilhado, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso”.

- Filipenses 3:20-21

Russell declara:

“Essas palavras dão testemunho decisivo da expectativa estimada pelo apóstolo e pelos cristãos de seu tempo da rápida vinda do Senhor. Não era a morte que eles procuravam e esperavam, como nós; mas aquilo que engoliria a morte na vitória: a mudança que substituiria a necessidade de morrer. As anotações de Alford sobre esta passagem são as seguintes:

“As palavras pressupõem, como São Paulo sempre faz quando fala incidentalmente, que ele sobreviveria para testemunhar a vinda do Senhor. A mudança do pó da morte na ressurreição, por mais que possamos adaptar a expressão a isso, não foi originalmente contemplada por ela”.¹¹⁰

Russell atribui a Filipenses 3:20-21 uma conclusão que o texto não afirma. O fato de Paulo falar da expectativa da transformação do corpo não significa necessariamente que ele esperasse estar vivo para testemunhar a Parousia. Isso é uma inferência, não uma afirmação do texto.

Além disso, “nossa cidadania está nos céus” aponta para a origem e autoridade celestial dessa cidadania, não necessariamente para uma morada definitiva no Céu. Afinal, como vimos, Abraão e os santos são apresentados como herdeiros do mundo.

Por fim, Paulo fala da esperança cristã de maneira coletiva. Novos eleitos continuariam sendo acrescentados à Igreja e, enquanto o último deles não fosse reunido, o último dia permaneceria à frente. Portanto, Filipenses 3:20-21 não exige que Paulo estivesse prevendo sua própria sobrevivência até a Vinda de Cristo.

¹¹⁰ Idem nº 14, pg. 234.

Perto está o Senhor

“Perto está o Senhor”.

- Filipenses 4:5B

Russell declara:

“Aqui o apóstolo repete a conhecida palavra de ordem da igreja primitiva, “O Senhor está próximo”: - equivalente ao “Maranatha” de 1 Coríntios 16:22. Duvidar de sua plena convicção da proximidade da vinda de Cristo é incompatível com o devido respeito pelo claro significado das palavras; definir essa convicção como um erro é incompatível com o devido respeito por sua autoridade e inspiração apostólica”.¹¹¹

Sobre Filipenses 4:5, o teólogo Philip Mauro comenta:

“Nos comentários anteriores, temos referido apenas ao uso das expressões “próximo” e “chegado” nos Evangelhos; pois é nessas [expressões] que o anúncio da era, que realmente estava próximo, seria encontrado. Tenta-se, às vezes, forçar um significado diferente na palavra “próximo” (ou, ao invés, reverter o seu significado completamente) por causa do fato de que em Romanos 13:12 Paulo diz “o dia é chegado”, e em Filipenses 4:5 ele diz “Perto está o Senhor”. É suposto, é claro, que ambas essas declarações referem-se à segunda vinda de Cristo. Mas parece bastante claro que “o dia” ao qual Paulo refere-se é o dia que tinha amanhecido então, i.e., na primeira vinda de Cristo. Pois ele diz que é “já hora de despertarmos do sono” [Rom. 13:11]; e porque o dia tem amanhecido, ele exorta-nos a lançar fora as obras das trevas e vestir a armadura da luz. Cremos que o sentido é o mesmo como em 1 João 2:8 “as trevas estão se dissipando e a verdadeira luz já está brilhando” (no grego).

¹¹¹ Idem nº 14, pg. 235.

Em Filipenses 4:5, não há referência à vinda do Senhor, mas ao fato que Ele está “perto” para suprir as necessidades do Seu povo”.¹¹²

Seja para suprir as necessidades de Seu povo, seja em referência à Vinda em juízo no ano 70 d.C., ou a qualquer outra intervenção Divina, o fato de o Senhor estar perto faz parte do contexto da carta aos Filipenses. Portanto, não há necessariamente aqui uma referência à Segunda Vinda como um evento situado em um futuro distante. Não há indicadores de tempo como “em breve”, “próximo” ou “às portas”.

A Parousia na Epístola a Timóteo

“Diante de Deus, que a tudo dá vida, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos fez a boa confissão, eu recomendo que guarde este mandamento imaculado, irrepreensível, até a manifestação do nosso Senhor Jesus Cristo, a qual Deus fará se cumprir no seu devido tempo...”.

- 1ª Timóteo 6:13-15a

Russell escreve:

“Isso implica que Timóteo poderia esperar viver até que esse evento ocorresse. O apóstolo não diz: “Guarda este mandamento enquanto viveres”; nem “Guarda-o até a morte”; mas sim: “até a aparição de Jesus Cristo”. Essas expressões de modo algum são equivalentes. A “aparição” [ἐπιφάνεια] é idêntica à Parousia, um

¹¹² O Evangelho do Reino, pg. 52. Philip Mauro. 2ª edição. Tradutor e editor: Nathan Cazé. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_o_evangelho_do_reino.html Acessado dia 06/08/2026

evento que tanto São Paulo quanto Timóteo acreditavam estar próximo”.¹¹³

Russell conclui que Timóteo esperava estar vivo na manifestação de Cristo porque Paulo diz que deveria guardar o mandamento “até a manifestação”. Mas essa conclusão não é necessária. A expressão estabelece o horizonte da fidelidade cristã, não uma promessa de que Timóteo sobreviveria até aquele evento. Além disso, a “manifestação” (ἐπιφάνεια) pode perfeitamente se referir à manifestação de Cristo em juízo no ano 70 d.C.

Mesmo que se entenda aqui uma referência à Segunda Vinda futura, o texto não fornece o indicador temporal que Russell necessita. Paulo simplesmente afirma que Cristo será manifestado “no devido tempo”, o qual Deus fará cumprir. Portanto, o texto não diz que Timóteo esperava presenciar pessoalmente esse acontecimento, muito menos que Paulo e Timóteo o consideravam iminente.

No contexto do ano 70 d.C., a exortação a permanecer “imaculado e irrepreensível” também faz sentido diante do juízo que se aproximava. A preservação do povo de Deus em meio à tribulação encontra paralelo no livramento de Israel na terra de Gósen durante as pragas do Egito (Êxodo 8:22; 9:26) e na promessa de Cristo à Igreja de Filadélfia de guardá-la “da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro” (Apocalipse 3:10). Assim, a linguagem bíblica permite falar de preservação dos fiéis em meio ao juízo sem pressupor que cada cristão precisaria permanecer vivo até o acontecimento. Russell, portanto, transforma uma exortação de fidelidade até a manifestação de Cristo numa suposta expectativa de sobrevivência pessoal de Timóteo — algo que o texto não afirma.

¹¹³ Idem nº 14, pg. 245.

“Está Prestes” ou “Há de Julgar” os Vivos e os Mortos

“Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu reino, eu o advirto solenemente: pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo; corrija, repreenda, encoraje com toda a paciência e ensino”.

- 2ª Timóteo 4:1-2

Russell declara:

“Encontramos associados nesta passagem como eventos contemporâneos a Parousia, o julgamento e o reino de Cristo. Todos estão conectados e relacionados em sua natureza e no tempo de sua ocorrência. Encontramos a mesma colocação de eventos em Mateus 25:31, “Quando o Filho do homem vier em sua glória, ele se assentará no trono de sua glória, e diante dele reunirão todas as nações,” etc. A proximidade dessa consumação é claramente afirmada. Não é, como em nossa Versão Autorizada, “que deve julgar”, mas “que está prestes a julgar” [τοῦ μέλλοντος κρίνειν]. Uma declaração como essa pode ser suficiente para resolver a questão tanto do fato quanto da crença do apóstolo no fato de que o tempo da Parousia estava próximo”.¹¹⁴

É fato que a Vinda em juízo daquela geração foi a manifestação do Senhor com seus anjos para retribuir a cada um segundo as suas obras (Mateus 16:27), e que alguns dos que ali estavam viveriam para presenciar esse acontecimento (Mateus 16:28). Contudo, Russell não pode simplesmente identificar essa Vinda em juízo com a consumação final. O próprio contexto de Mateus distingue o evento que alguns discípulos veriam daquilo que pertence ao Juízo Final.

¹¹⁴ Idem nº 14, pg. 251.

Além disso, o verbo grego μέλλω¹¹⁵ não deve ser tratado como se, por si só, significasse que todos os eventos mencionados ocorreriam necessariamente durante a vida dos ouvintes. Seu sentido é determinado pela construção e pelo contexto. Assim, a presença de μέλλω não permite transformar uma expectativa de proximidade de determinado juízo em uma afirmação de que não haveria qualquer consumação futura.

E há uma dificuldade ainda maior para Russell: o juízo sobre Jerusalém no ano 70 d.C. não julgou todos os mortos de todas as épocas. Depois daquele acontecimento, evidentemente, continuaram morrendo pessoas. Portanto, o evento do ano 70 d.C. foi uma verdadeira Vinda do Senhor em juízo, mas não foi o Juízo Final nem uma “Vinda final” no sentido absoluto. Russell precisa fundir esses eventos para sustentar sua tese; o texto bíblico, porém, permite distingui-los.

¹¹⁵ Ver no Apêndice sobre *O Mau Uso da Palavra Grega Mello na Interpretação da Escatologia*.

Capítulo 9

A Parousia nas Epístolas de João

“O mundo e os seus maus desejos passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

Filhinhos, esta é a última hora; como vocês ouviram que o anticristo vem, assim muitos anticristos já têm surgido. Por isso, sabemos que esta é a última hora”.

“Filhinhos, agora permaneçam nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda”.

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é”.

“Desta forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que, no dia do juízo, tenhamos confiança, porque neste mundo somos como Jesus”.

- 1ª João 2:17-18, 28; 3:2; 4:17

Russell utiliza os textos acima como se todas as afirmações necessariamente descrevessem um único acontecimento: a Parousia ocorrida no ano 70 d.C. É verdade que a declaração de que aquela era a “última hora” se encaixa muito bem no contexto da crise que

culminaria na destruição de Jerusalém, especialmente diante do surgimento de muitos anticristos. Contudo, isso não significa que João tenha colocado todos os acontecimentos escatológicos no mesmo horizonte temporal.

Quando João afirma: “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” (1ª João 3:2), a linguagem ultrapassa naturalmente a simples destruição de Jerusalém e pode apontar para a transformação e glorificação final dos santos. Da mesma forma, a afirmação de que teremos confiança “no dia do juízo” (1ª João 4:17) não precisa ser reduzida ao juízo histórico sobre Jerusalém. O texto simplesmente não fornece elementos suficientes para afirmar que esse “dia do juízo” se esgotou no ano 70 d.C.

Além disso, é perfeitamente normal na linguagem profética e apostólica que um autor passe de um acontecimento iminente para outro de cumprimento mais distante sem anunciar explicitamente uma mudança de horizonte. A proximidade de um juízo histórico não transforma automaticamente toda referência escatológica subsequente em uma descrição desse mesmo juízo.

Portanto, Russell está correto ao reconhecer em 1ª João uma forte consciência de que aquela geração vivia uma “última hora”, mas vai além do que o texto permite quando transforma essa proximidade em prova de que a Segunda Vinda, a transformação dos santos e o Juízo Final já haviam ocorrido integralmente no ano 70 d.C. A “última hora” pode referir-se à consumação de uma era histórica, enquanto a manifestação de Cristo, a semelhança dos santos com Ele e o dia do Juízo apontam para uma realidade escatológica mais ampla e ainda futura.

E, se o leitor for um russelita ou um preterista completo, ainda terá de explicar as repetidas afirmações de Jesus em João 6 de que aqueles que o Pai lhe dá serão ressuscitados “no último dia” (João 6:39-40, 44, 54). Enquanto houver eleitos de Deus nascendo e crendo em

Cristo ao longo da história, essa promessa permanece em vigor. A ressurreição prometida por Jesus não pode ser reduzida ao juízo do ano 70 d.C., pois o “último dia” aponta para a consumação, quando o propósito de Deus para todos os seus eleitos chegar à sua plenitude. Portanto, uma interpretação que encerra toda a esperança da ressurreição no ano 70 d.C. precisa explicar o que significa essa promessa de Jesus para os eleitos que vieram depois daquela geração.

Capítulo 10

Milênio e Juízo Final

“Então, vi descer um anjo dos céus que trazia na mão a chave do abismo e uma grande corrente.

Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos.

Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para, assim, impedi-lo de enganar as nações, até que se completassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.

Vi tronos nos quais se sentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, tampouco tinham recebido a sua marca na testa ou nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

- Apocalipse 20:1-4

O Milênio é o período simbólico de mil anos do reinado de Cristo na história humana. O número não precisa ser entendido literalmente, mas como uma referência ao período em que Cristo reina após ter amarrado o “valente” para saquear-lhe os bens (Mateus 12:29), estendendo-se até sua breve soltura pouco antes do Juízo Final (Apocalipse 20:3, 7-10). Em outras palavras, o Milênio corresponde ao período entre a primeira e a Segunda Vinda de Cristo, tendo sua consumação no Juízo Final (Apocalipse 20:11-15).

Russel diz que “a primeira ressurreição” incluiria apenas os mortos em Cristo; e essa pode ser a interpretação correta [segundo ele], pois o versículo seguinte certamente indica que todos os que têm parte na “primeira ressurreição” são bem-aventurados e santos, e desfrutam do alto privilégio e honra de “reinar com Cristo”.¹¹⁶

Se os que estão em Cristo são os participantes da “primeira ressurreição”, um ponto precisa ficar claro desde já: *é sobre a identificação dessa “primeira ressurreição”*. É a partir do esclarecimento desse ponto que poderemos ter uma interpretação correta respondendo aos erros de Russell.

A pergunta é: *que ressurreição é essa que pode livrar da segunda morte?*

O texto de Apocalipse diz:

“Bem-aventurados e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante mil anos”.

- Apocalipse 20:6

Quer russelitas e preteristas completos contestem ou não, a Bíblia apresenta uma ressurreição que é chamada de “primeira” e que nos livra da condenação: a ressurreição espiritual. Todos nascemos mortos em delitos e pecados e, por isso, precisamos urgentemente nascer de novo em Cristo (Efésios 2:1; João 3:3-7).

A Escritura Sagrada ensina sobre essa ressurreição em várias passagens:

¹¹⁶ Idem nº 14, pg. 480.

“Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vai a julgamento, mas já passou da morte para a vida”.

- João 5:24

“Tampouco apresenteis os membros do vosso corpo ao pecado como instrumentos do mal; mas apresentai-vos a Deus como vivificados dentre os mortos, e apresentai os membros do vosso corpo a Deus como instrumentos de justiça”.

- Romanos 6:13

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nas vossas transgressões e pecados, nos quais andastes no passado, no caminho deste mundo, segundo o príncipe do poderio do ar, do espírito que agora age nos filhos da desobediência...”.

- Efésios 2:1-2

“Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos pecados, deu-nos vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus...”.

- Efésios 2:4-6

O Senhor Jesus disse que o momento da ressurreição espiritual já havia chegado em seus dias de ministério:

“Em verdade, em verdade vos digo que **virá a hora, e já chegou**, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão”.

- João 5:25 – O grifo é meu.

Fica, assim, evidente que a primeira ressurreição é espiritual. Não há outra ressurreição que possa ser legitimamente chamada de “primeira” nesse sentido. Consequentemente, aquele que é ressuscitado espiritualmente em Cristo aguarda a ressurreição final do

corpo e reina com Cristo. A ressurreição final dos justos será na consumação da redenção:

“Não vos admireis disso, porque virá a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação”.

- João 5.28-29

Para os descrentes não existe alternativa a não ser participar da ressurreição da condenação.

A Ressurreição Espiritual é Progressiva

É importante compreender que a ressurreição espiritual, ou “primeira ressurreição”, ocorre progressivamente ao longo da história. Todos os dias, pessoas são regeneradas e passam da morte espiritual para a vida por meio da fé em Jesus Cristo. Trata-se, portanto, de uma ressurreição contínua, que acontece ao longo da história até que o último dos eleitos seja alcançado.

O Cumprimento da Profecia do Milênio Ultrapassa o Primeiro Século

Uma vez estabelecida qual é a primeira ressurreição, vou considerar o que Russel pensa do Milênio de Apocalipse 20. Ao falar sobre a soltura de Satanás no final do Milênio, Russell declara:

“É evidente que a predição do que deve ocorrer ao final de mil anos não se enquadra naquilo que ousamos chamar de **“limites apocalípticos”**. Esses **limites, como o próprio livro repetidamente nos adverte, estão rigidamente confinados a**

um espaço muito restrito; as coisas reveladas são aquelas que “em breve devem acontecer”. Seria um abuso da linguagem dizer que eventos situados a uma distância de mil anos estariam para acontecer “em breve”; somos, portanto, obrigados a considerar essa predição como estando totalmente fora dos limites apocalípticos”.¹¹⁷

O grifo é meu.

Ficou evidente que Russell entende que a profecia do Milênio se estende para além dos acontecimentos do primeiro século da Era Cristã. Há mais história a ser cumprida pela frente. Com isto em mente podemos notar que, sem perceber, Russell acaba admitindo a existência de um dia final ainda futuro.

O próprio Russell declara:

“Devemos, conseqüentemente, considerar essa predição acerca da soltura de Satanás, e dos eventos que a seguem, como ainda futura e, portanto, não cumprida. Nada conhecemos, no registro da história, que possa ser apresentado como um cumprimento provável dessa profecia”.¹¹⁸

Sobre a “soltura de Satanás, e dos eventos que a seguem”, o próprio texto de Apocalipse descreve esses eventos que ainda não foram cumpridos após a soltura de Satanás:

“Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Em número, eram como a areia do mar.

As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada. Um fogo, porém, desceu do céu e as devorou.

¹¹⁷ Idem nº 14, pg. 481.

¹¹⁸ Idem nº 14, pg. 482.

O Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, pelos séculos dos séculos”.

- Apocalipse 20:7-10

Mas a história não termina aí. Na sequência, nos versículos 11 a 15, Apocalipse descreve os eventos que seguem a soltura de Satanás, os quais são: a intervenção Divina final, a ressurreição dos mortos e o Juízo Final.

Antes, porém, vejamos o que Russell pensa sobre o futuro cumprimento da soltura de Satanás. Ele cita alguém chamado Wetstein que “aventou a hipótese de que ela [a soltura de Satanás] talvez simbolize a revolta judaica sob Barcoquebas, no reinado de Adriano; mas tal sugestão é demasiadamente extravagante para ser levada a sério, ainda que por um momento”.¹¹⁹

Russell também sugere que os eventos após a soltura de Satanás são “uma conexão evidente entre essa profecia e a visão de Ezequiel acerca de Gogue e Magogue (capítulos 38 e 39), igualmente misteriosa e obscura. Em ambas, o cenário do conflito é o mesmo, a terra de Israel, e, em ambas, os inimigos de Deus sofrem uma derrota marcante e desastrosa”.¹²⁰ O problema dessa interpretação é que está claro que a guerra de Gogue e Magogue da profecia de Ezequiel foi cumprida no tempo da rainha Ester.¹²¹

¹¹⁹ Idem nº 14, pg. 482.

¹²⁰ Idem nº 14, pg. 482.

¹²¹ A Aliança de Gogue e Magogue no Fim dos Tempos - Israel, Rússia e Síria na Profecia da Bíblia. César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada. Edição de Setembro de 2020. Coleção Paráfrases. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_a_alianca_de_Gogue_e_Magogue_no_Fim_dos_Tempos.html Acessado dia 06/08/2026

Russell conclui que “o resultado de tudo isso é que devemos considerar a passagem que trata dos mil anos, do verso 5 ao verso 10, como uma intercalação ou parêntese. O vidente, tendo iniciado o relato do juízo do dragão, no verso 7 ultrapassa os limites apocalípticos para concluir o que tinha a dizer a respeito da punição final da “antiga serpente” e do destino que a aguardava ao final de um longo período chamado de “mil anos”. cremos que este seja o único caso, em todo o livro, de uma incursão em um futuro distante; e estamos inclinados a considerar todo esse parêntese como referente a assuntos ainda futuros e não cumpridos. A continuidade interrompida da narrativa é retomada no verso 11, onde o vidente volta a relatar o que contemplou em visão, introduzindo-o pela fórmula familiar: “E vi”.¹²²

Observe que Russell admite que o cumprimento restante do Milênio pertence a um “futuro distante” e conclui que “estamos inclinados a considerar todo esse parêntese como referente a assuntos ainda futuros e não cumpridos”. Em outras palavras, o texto de Apocalipse 20:5-10 para Russell é um parêntese dentro do próprio livro do Apocalipse e essa visão foi o momento em que João viu um futuro distante.

Creio que o Milênio está em fase de cumprimento até a Volta de Cristo e que seu cumprimento pleno pertence a um futuro ainda distante do primeiro século da Era Cristã. No entanto, desde o tempo da Igreja Primitiva até o presente, continuam nascendo pessoas que se convertem e são chamadas a Cristo, passando pela primeira ressurreição, até que se complete o número determinado dos eleitos.

Somente após isso Cristo descerá do céu, pois será o último dia, conforme declarou: “E eu o ressuscitarei no último dia”.

¹²² Idem nº 14, pg. 482.

O problema, porém, é que Russell abandona esse parêntese da narrativa sobre o Milênio e passa diretamente para Apocalipse 20:11–15, interpretando essa passagem como se ela descrevesse acontecimentos ocorridos por volta do ano 70 d.C.

Enfim, o Juízo Final

“Depois, vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles.

Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava escrito nos livros.

O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito.

Então, a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte.

Aqueles cujos nomes não foram encontrados escritos no livro da vida foram lançados no lago de fogo”.

- Apocalipse 20:11-15

Russell declara:

“Esses versículos nos conduzem à catástrofe da sexta visão. Assim como as catástrofes que a precederam, trata-se de um solene ato de juízo, ou melhor, da mesma grande ação judicial apresentada sob um novo aspecto. O vidente agora retoma a narrativa que havia sido interrompida pela digressão a respeito dos mil anos, retomando o fio que foi deixado no final do verso 4. Somos, portanto, reconduzidos ao mesmo ponto de vista dos versos 1 e 4. Essa catástrofe pertence, de modo natural e necessário, à mesma série de eventos representados na visão da cidade prostituta e se

situa dentro dos limites apocalípticos estabelecidos, fazendo parte das coisas “que em breve devem acontecer”.¹²³

Pela interpretação de Russell, Apocalipse 20:11–15 não descreve um evento cronologicamente posterior ao Milênio, mas representa um retorno à linha narrativa interrompida pela seção dos mil anos (Apocalipse 20:1–10). Em outras palavras, Russell entende que João faz uma digressão para tratar do Milênio e, em seguida, retoma a sequência dos juízos relacionados à queda da ordem judaica do primeiro século, culminando no grande trono branco. Assim, o Milênio funciona como um parêntese na narrativa, enquanto a visão do Juízo Final é recolocada dentro do contexto dos acontecimentos que, segundo Russell, deveriam cumprir-se “em breve”, e não em um futuro remoto.

Entretanto, o problema da interpretação de Russell começa em Apocalipse 20:11. Algumas traduções vertem o início do versículo como “Depois, vi” (NVI),¹²⁴ enquanto outras traduzem simplesmente “E vi” (ARC)¹²⁵ ou “Vi” (ARA).¹²⁶ No texto grego, João escreve apenas καὶ εἶδον (*kai eidon*), expressão que significa literalmente “e vi”, sem o advérbio “depois”. Ainda assim, a conjunção καὶ pode introduzir a sequência de uma narrativa, razão pela qual alguns tradutores optam por “Depois, vi”, entendendo que a visão do grande trono branco sucede naturalmente aos acontecimentos narrados nos versículos anteriores. Embora essa expressão, por si só, não seja suficiente para resolver a questão cronológica, ela permite, sem dificuldade, que Apocalipse 20:11 seja lido como a continuação da sequência iniciada em Apocalipse 20:1.

¹²³ Idem nº 14, pg. 483

¹²⁴ Nova Versão Internacional.

¹²⁵ Almeida Revista e Corrigida.

¹²⁶ Almeida Revista e Atualizada.

De todo modo, mesmo que se admita, para fins de argumentação, que João esteja retomando uma linha narrativa anterior ou apresentando uma nova perspectiva da mesma realidade, permanecem diversos elementos exegéticos que tornam insustentável a identificação do Juízo do grande trono branco com os acontecimentos do primeiro século. A universalidade do julgamento, a ressurreição dos mortos, a abertura dos livros, o julgamento de todos os homens e o lançamento definitivo da morte e do Hades no lago de fogo transcendem claramente a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Por isso, independentemente da discussão sobre a ordem cronológica das visões, há fundamentos textuais suficientes para concluir que Russell equivoca-se ao interpretar o Juízo do grande trono branco como um evento já cumprido no primeiro século.

O Juízo do Grande Trono Branco

O Juízo do grande trono branco não deve ser entendido como um evento inteiramente cumprido no primeiro século. Na realidade, ele foi inaugurado naquele período, mas seu desenvolvimento se estende ao longo da presente Era, alcançando o seu clímax somente no Juízo Final. É justamente nesse ponto que os preteristas parciais deveriam concentrar sua atenção.

O texto de Mateus 25:31–46 costuma ser interpretado pelos preteristas parciais como uma descrição exclusivamente do Juízo Final. Em geral, entende-se que Jesus está se referindo a um único acontecimento futuro, no último dia, quando todos os mortos comparecerão diante do justo Juiz para receberem a sentença definitiva. Contudo, essa leitura pode deixar de considerar aspectos do ensino de Cristo que apontam para uma realidade judicial já inaugurada, cuja consumação ocorrerá apenas no fim da história. Na verdade, “não há nenhuma indicação de que Mateus 25:31-46 descreva um único evento. Antes, a passagem descreve um

julgamento prolongado, relacionado ao domínio de Jesus como um “domínio eterno” (Daniel 7:14)”.¹²⁷

Pelo menos em parte, Russell entendeu isso muito bem. Ele escreveu que “não há razão para duvidar de que a cena de julgamento aqui descrita [de Apocalipse 20:11-15] seja idêntica àquela apresentada por nosso Senhor em Mateus 25:31-46. Temos o mesmo “trono de glória”, a mesma reunião de todas as nações, a mesma distinção entre os julgados segundo as suas obras, e o mesmo “fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos”.¹²⁸

Russell erra quando afirma que “se a cena de julgamento descrita nesta passagem [de Apocalipse 20:11-15] é idêntica à de Mateus 25, segue-se que ela não representa “o fim do mundo”, no sentido de dissolução da estrutura material do globo e encerramento da história humana, mas aquilo que é tão frequentemente anunciado como acompanhando a συντέλεια τοῦ αἰῶνος [*synteleia tou aiōnos*], o fim da era, ou o encerramento da dispensação judaica. Essa grande consumação é sempre apresentada como um tempo de juízo”.¹²⁹

João começa descrevendo sua visão do grande trono branco olhando para o passado:

“Depois, vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles”.

- Apocalipse 20:11

A parte que diz que “a terra e o céu fugiram da sua presença” é descrita gramaticalmente por João como algo que, dentro da visão, já havia ocorrido. Do ponto de vista do Preterismo Parcial, porém, essa

¹²⁷ A Passagem dos Céus e da Terra. Gary DeMar. Tradução: Paulo Tiago Moreira Gonçalves. Site: www.revistacrista.org Acessado dia 06/08/2026

¹²⁸ Idem nº 14, pg. 483.

¹²⁹ Idem nº 14, pg. 484.

linguagem pode ser compreendida à luz do simbolismo bíblico de “céu e terra”. No contexto judaico, esses termos podem representar a ordem da Antiga Aliança, incluindo Israel como povo da Aliança, sua estrutura nacional e seu sistema religioso. Nesse sentido, o Apocalipse apresenta, simbolicamente, o desaparecimento daquela antiga ordem e sua substituição pela realidade da Nova Aliança em Cristo.

Essa perspectiva também ajuda a compreender a relação com o grande julgamento anunciado por Jesus em Mateus 25:31-32, quando ele declara que “o Filho do Homem vier na sua glória, com todos os anjos” e que “todas as nações serão reunidas diante dele”, sendo separadas umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes.

É significativo que, nessa cena, Jesus não apresente Israel como uma categoria nacional separada das demais nações para aquele julgamento. Isso pode ser relacionado ao fato de que Israel, enquanto nação da Antiga Aliança, já estava sob o juízo anunciado por Cristo, cujo clímax histórico ocorreu na destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C.

Assim, uma vez que o “céu e terra” representou simbolicamente a ordem da Antiga Aliança, sua fuga diante daquele que está assentado no trono pode ser entendida como uma imagem do fim daquela ordem pactual. O antigo “céu e terra” — Israel como centro da antiga estrutura pactual, juntamente com seu sistema religioso — dá lugar à realidade inaugurada por Cristo na Nova Aliança.

Outro detalhe interessante é que, ao falar da Vinda do Filho do Homem em seu Reino, Jesus utiliza uma linguagem muito semelhante àquela empregada para descrever o grande julgamento. Em Mateus 16:27, Ele declara:

“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras”.

No versículo seguinte, Jesus acrescenta uma afirmação particularmente significativa:

“Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”.

— Mateus 16:28

A sequência é importante: Vinda do Filho do Homem, glória, anjos, julgamento e manifestação do Reino aparecem unidos no discurso de Jesus. Portanto, não devemos presumir automaticamente que cada referência à “vinda” de Cristo esteja falando exclusivamente de um único evento futuro no fim da história.

Quando Jesus é exaltado à direita de Deus e recebe o governo messiânico, começa a exercer Seu reinado, conforme Pedro declara em Atos 2:33. A partir de então, Cristo reina até que todos os seus inimigos sejam progressivamente colocados “debaixo de seus pés”, como afirma Paulo: “Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés” (1Coríntios 15:25; cf. Atos 2:35).

Assim, a entronização de Cristo não representa o fim imediato de todos os inimigos, mas o início de seu reinado messiânico, durante o qual ele subjuga seus inimigos e manifesta progressivamente o domínio do Reino de Deus.

Isaías 2:4-5 descreve esse reinado e julgamento de Cristo entre as nações:

“Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

Como o leitor pode notar, o julgamento descrito em Mateus 25 começa com as nações — e não com uma cena de pessoas ressuscitadas diante de um tribunal celestial. Ele tem seu início no contexto do primeiro século e se desenvolve ao longo da história, avançando em direção ao seu clímax, até que o reinado de Cristo alcance sua plena manifestação e não reste mais nenhum inimigo a ser submetido ao seu domínio.

É claro que não nego que com a manifestação final de Cristo será dado o veredito final para todos os homens ressuscitados. A ressurreição da vida e a do juízo conforme Joao 5:29. Mesmo porque Hebreus 9:27-28 diz que “da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo, assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá pela segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam”.

Quando o Reinado Julgando as Nações Termina

Quando o julgamento de Cristo entre as nações atingir seu ápice no último dia, chegará também a consumação de seu reinado, e Cristo entregará o Reino a Deus, o Pai. Paulo descreve essa sequência de maneira muito clara:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés”.

— 1ª Coríntios 15:24-25

A ordem estabelecida por Paulo é fundamental: primeiro Cristo reina; durante Seu reinado, Seus inimigos são progressivamente submetidos; depois vem o fim; e, então, Cristo entrega o Reino ao Pai.

Portanto, o último dia não é o começo do reinado de Cristo, mas o seu ponto de chegada. Jesus não espera até o fim da história para começar a governar. Ele já foi exaltado à direita de Deus, recebeu o Reino messiânico e reina no presente. Seu reinado continuará até que todos os seus inimigos sejam colocados debaixo de seus pés.

Isso também esclarece a relação entre o reinado de Cristo e o juízo. Cristo reina julgando e subjugando Seus inimigos ao longo da história, mas esse processo caminha para um julgamento final, no qual a justiça de Deus será plenamente manifestada. O fato de Cristo já estar reinando não elimina o Juízo Final; pelo contrário, o Juízo Final é a consumação do processo de julgamento e sujeição que ocorre sob o seu reinado.

Assim, há uma distinção importante: a entronização de Cristo inaugura Seu reinado; a história manifesta progressivamente esse reinado; e o último dia marca sua consumação, quando todos os inimigos tiverem sido definitivamente submetidos e o Reino for entregue ao Pai.

Embora as pessoas já sejam julgadas em vida por crerem ou não no Senhor, é necessário que, após a morte e a ressurreição, haja uma sentença final.

É como disse um teólogo:

“Não se pode aplicar uma sentença sem que antes se emita um veredicto. Não se pode emitir um veredicto, sem que antes se faça juízo”.¹³⁰

No Juízo Final, o mesmo teólogo continua dizendo que “será o desfecho da História de todo o cosmo, bem como a conclusão da história de cada ser humano que por aqui houver passado. Todos, sem exceção, terão de dar conta de si mesmo a Deus (Rm.14:12). Esse será o Dia do Senhor, “em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por meio de Jesus Cristo” (Rm.2:16)”.¹³¹

Russell foi correto em pensar que o Juízo do trono branco “é o tempo da Parousia, a vinda de Cristo em glória para vindicar e recompensar os seus servos fiéis, e para julgar e destruir os seus inimigos”.¹³²

Mas errou terrivelmente quanto ao tempo do acontecimento, confinando tudo ao ano 70 d.C.

Em resumo, Russell reconhece que a profecia do Milênio vai muito além dos limites temporais do cumprimento do Apocalipse, mas não percebe que o julgamento do grande trono branco, iniciado já no período da Igreja primitiva, avança progressivamente rumo à sua consumação final. Faltou muito pouco para que Russell reconhecesse também uma Segunda Vinda de Cristo ainda futura.

¹³⁰ Afinal, pra Onde Vamos ao Morrer (Parte Final). Autor Hermes C. Fernandes. Site: www.hermesfernandes.com Data: 03/11/2011

¹³¹ Idem nº 130.

¹³² Idem nº 14, pg. 484.

Conclusão

Duas Vindas, Uma Linguagem Profética

“Pois a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens.

Ela nos instrui a renunciar à impiedade, aos desejos mundanos e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”.

- Tito 2:11-13

Russell reconhece que “a atitude habitual dos cristãos da era apostólica” era “a expectativa da vinda do Senhor”. Para ele, esse era um hábito” inculcado como um dos principais deveres cristãos, e tem uma vida sóbria, justa e piedosa”.¹³³

A Linguagem Profética e os Erros de Russell

Justamente por pensar que os primeiros cristãos deveriam se santificar para o “dia de Cristo”, Russell comete o mesmo erro futurista: não diferencia adequadamente os diferentes tipos de vindas proféticas e acaba tratando tudo como referência direta à Segunda Vinda de Cristo.

¹³³ Idem nº 14, pg. 252.

Russell, os preteristas completos e muitos futuristas se perderam na linguagem profética das Escrituras. Isso acontece porque os escritores do Novo Testamento, assim como os profetas que os precederam, enxergavam a profecia de maneira telescópica. Em outras palavras, eles viam os grandes “picos” dos cumprimentos proféticos, enquanto os “vales” — os intervalos temporais entre um cumprimento e outro — permaneciam em segundo plano.

Os profetas frequentemente descrevem acontecimentos separados por décadas, séculos ou até milênios como se estivessem lado a lado, sem indicar explicitamente a distância temporal entre eles.

Um exemplo clássico está em Isaías 61:1-2, onde são anunciados tanto “o ano aceitável do Senhor” quanto “o dia da vingança do nosso Deus”. Em Lucas 4:18-21, Jesus lê a primeira parte da profecia e interrompe a leitura antes da declaração sobre o dia da vingança. Isso demonstra que elementos que aparecem juntos na profecia podem encontrar cumprimento em momentos distintos.

É justamente por isso que os escritores do Novo Testamento tinham tanta liberdade para falar tanto da vinda de Cristo em juízo sobre Jerusalém no ano 70 d.C. quanto da Segunda Vinda, sem fornecer sistematicamente as explicações que hoje julgamos necessárias para distinguir uma da outra. Eles escreviam dentro de uma estrutura profética que seus primeiros ouvintes já conheciam.

O intérprete moderno, porém, pode facilmente se perder nessa linguagem e acabar forçando todos os elementos proféticos para um único acontecimento. Um exemplo disso está em Daniel 12: a grande tribulação é associada ao período dos apóstolos, mas, no mesmo contexto profético, Daniel menciona uma ressurreição que ultrapassa aquele horizonte histórico. O texto coloca os acontecimentos lado a lado sem necessariamente apresentar ao leitor moderno os intervalos cronológicos que gostaríamos de encontrar.

Minha conclusão, portanto, é que a obra de Russell não deveria ser recomendada a leigos sem uma formação escatológica sólida. Suas sutilezas interpretativas são capazes de conduzir o leitor a conclusões extremamente graves. Parafraseando a advertência de Cristo, se fosse possível, tais interpretações poderiam até enganar os escolhidos.

Mas há algo ainda mais grave. O que dizer da obra do Espírito Santo na Igreja ao longo de dois mil anos? Como conceber que tantos servos fiéis de Deus tenham sido conduzidos por uma suposta falsa esperança da Segunda Vinda de Cristo? A posição de Russell, levada às suas últimas consequências, constitui um verdadeiro ultraje contra a obra do Espírito Santo de Deus.

É cometer um erro semelhante ao de Himeneu e Fileto, que ensinavam que a ressurreição já havia acontecido. E, como já observei em diversos casos, o preterismo completo, especialmente quando fundamentado na obra de Russell, pode levar algumas pessoas a questionamentos tão radicais que acabam desembocando no agnosticismo ou no ateísmo. Afinal, se o Espírito Santo deixou a Igreja durante quase dois mil anos sem compreender corretamente uma verdade tão fundamental, então somos obrigados a perguntar: onde esteve a sua obra de ensino e direção durante toda a história da Igreja?

E há ainda uma questão que me intriga profundamente: por que Jesus deveria retirar Sua Igreja do mundo justamente naquele ponto da história, deixando que incontáveis gerações posteriores enfrentassem sofrimento, perseguição e martírio por causa do Evangelho? Por que a Igreja deixaria de estar presente no mundo, justamente quando a história da redenção ainda estava avançando?

Será que o grandioso plano redentor de Deus pode realmente ser reduzido a uma única geração e a uma única cidade? Se esse princípio fosse aplicado à cruz de Cristo, também poderíamos dizer que sua

importância terminou porque ela foi um evento histórico ocorrido em uma geração e em uma cidade específicas. O fato de um acontecimento ter ocorrido historicamente em determinado lugar e tempo não significa que seus efeitos devam estar confinados àquele período.

Por isso, apresentei aqui razões históricas, bíblicas e teológicas que considero convincentes para rejeitar a abordagem simplista de Russell e suas conclusões extremas.

Digo apenas uma coisa ao leitor: não se deixe enganar por uma interpretação que, em nome de uma suposta precisão profética, acaba ultrajando a obra do Espírito Santo na Igreja. O mesmo Espírito que inspirou as Escrituras tem guiado o povo de Deus ao longo dos séculos, sustentando a Igreja na esperança da volta de Cristo e da ressurreição.

E, se algum sujeito quiser refutar tudo o que escrevi aqui, que o faça com argumentos. Tenho apenas uma resposta: talvez esta obra ganhe uma continuação — a refutação da refutação.

Apêndice

O Mau Uso da Palavra Grega Mello¹³⁴

Há muito tempo tenho denunciado que as declarações de muitos adeptos do Preterismo Completo, são muito levianas. Por exemplo, o texto de Atos 24:15 diz:

“...tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos”.

- Atos 24:15

No texto grego, Atos 24:15 está assim:

ελπιδα εχων εις τον θεον ην και αυτοι ουτοι προσδεχονται
αναστασιν μελλειν εσεσθαι νεκρων δικαιων τε και αδικων

Encontramos no texto acima a palavra μελλειν (*mellein*) que na gramática grega é infinitivo da palavra grega *mello*. Esta palavra tem

¹³⁴ O mau uso da palavra grega "mello" por parte do Preterismo Completo. César Francisco Raymundo. Artigo publicado originalmente na Revista Cristã Última Chamada. Site:

https://www.revistacrista.org/Preterismo_o_mau_uso_da_palavra_grega_mello.html
Acessado dia 07/08/2026

como significado “estar prestes a fazer ou sofrer alguma coisa, estar a ponto de”.¹³⁵

Os defensores do Preterismo Completo se utilizam do significado primário da palavra grega *mello* para argumentar que o apóstolo Paulo acreditava que a ressurreição estava “prestes a” acontecer, ainda naqueles dias da igreja primitiva. Para quem estuda o Preterismo é bem sabido que no Preterismo Completo se acredita que a ressurreição dos mortos é de natureza espiritual, e a mesma teria acontecido no ano 70 d.C. quando a cidade de Jerusalém foi destruída.

E ao fazer tal argumentação usando a palavra grega *mello*, os defensores do Preterismo Completo fazem declarações levianas e caluniosas. Veja o que um deles escreveu:

“O Verbo grego *mello* [...] é um verbo de extrema iminência no Novo Testamento que é melhor traduzido como “prestes a ser”. Entretanto, **as traduções Inglesas da Bíblia (assim como as portuguesas) encobrem essa iminência em conjunto com eventos escatológicos**”.¹³⁶

- O grifo é meu.

Observe só como a mente humana é fértil. Os defensores do Preterismo Completo são capazes de acreditar no absurdo fantástico de que houve uma conspiração em massa durante esses dois mil anos de cristianismo. Assim, em dois mil anos de fé cristã, os tradutores da Bíblia, os pais da igreja, os autores de léxicos, os eruditos católicos romanos, os eruditos protestantes, os eruditos ateus e ortodoxos foram todos enganados ou cooperaram para esconder o verdadeiro significado da palavra grega *mello*. Olha, tem que ter muita fé ou ser muito ingênuo para acreditar num negócio desses! O pior é que aqui

¹³⁵ Léxico Grego do Novo Testamento, pg. 564. Edward Robinson. Editora CPAD.

¹³⁶ Preterismo 101. Fonte: Living the question, (Inspirado no artigo Preterismo 101) de David A. Green). Tradução e Adaptação: Tiago Alves. Site: www.revistacrista.org

no Brasil tem uma juventude boa desperdiçando tempo abraçando o Preterismo Completo.

Ao comentar sobre o assunto, alguém disse que:

“Mostrando sinais de pensamento delirante o Hiper-Preterismo [ou Preterismo Completo] faz a afirmação de que todos os tradutores das versões em Inglês da Bíblia conspiraram para suprimir o significado real da palavra [grega *mello*]. A alegação do Hiper-Preterismo é na melhor das hipóteses apenas uma demonstração de ignorância alimentada por alguma má informação e uma falta de vontade para testar a validade de uma reivindicação, ou na pior das hipóteses, é evidência de desonestidade intelectual em transmitir conscientemente um conceito ilegítimo, sendo que a gama de significados para “Mello” foi restrita.

No entanto, a alegação do Hiper-Preterismo nos leva a perguntar quantas cartas estão nas plataformas desses fornecedores de heresia. De forma semelhante a uma ficção filme de Hollywood, o Hiper-Preterismo postulou uma conspiração em massa e encobrimento. Abandonando sua vocação acadêmica, de acordo com o Hiper-Preterismo, os tradutores da Bíblia tinham atribuído uma “distorção”, que significa apenas para impedir que a verdade seja vista”.¹³⁷

Na verdade, a declaração do defensor do Preterismo Completo se volta contra ele mesmo, pois não são os tradutores da Bíblia que encobrem a verdade sobre a palavra grega *mello*, mas o próprio preterista completo não mostra ao seu público que essa palavra pode ter significados diferentes dependendo do contexto e sintaxe.

Veja a seguir um breve comentário do escritor e teólogo Kenneth L. Gentry, Jr., o qual enviou-me por e-mail:

¹³⁷ Sobre a palavra grega “mello”. Site:

www.preteristarchive.com/StudyArchive/m/mello_about-to.html Acessado Terça-feira, 22 de Novembro de 2016

1. Gramaticalmente: Quando *mello* é usado com um infinitivo futuro ele "denota certeza de que um evento ocorrerá no futuro" (Arndt-Gingrich-Danker Lexicon, p.500). Isso, e nada mais. É por isso que todas as traduções padrão do Novo Testamento não traduzem *mello* como expressão de proximidade, mas simplesmente como um fato futuro (NIV, NASB, NKJV, NRSV, etc.). A NASB tem uma excelente interpretação: "tendo uma esperança em Deus, que estes homens se valorizam, que certamente haverá uma ressurreição de ambos os justos e os ímpios".

2. Contextualmente: o argumento de Paulo em Atos 24 apoia esse uso idiomático: ele está sendo julgado por sua vida, tendo sido levado ao tribunal pelos judeus. Sua manobra inteligente é dividir seus oponentes contra si mesmos: os fariseus crêem na ressurreição dos mortos; os saduceus não o creem (Atos 23:6-7). Assim, Paulo defende a certeza da ressurreição (por meio dessa expressão idiomática) e conclui: "É por causa da ressurreição dos mortos, que estou em julgamento diante de vós hoje" (Atos 24:21). Ele não está dando pistas de que a ressurreição esteja perto, mas a declarando em tudo".¹³⁸

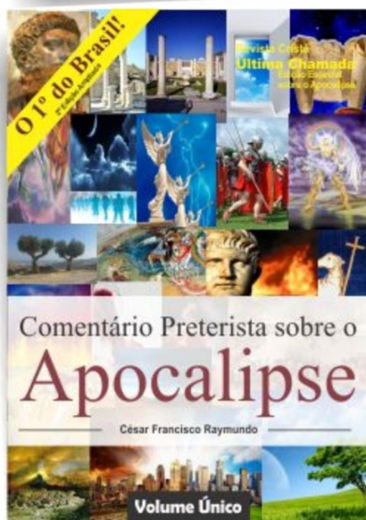
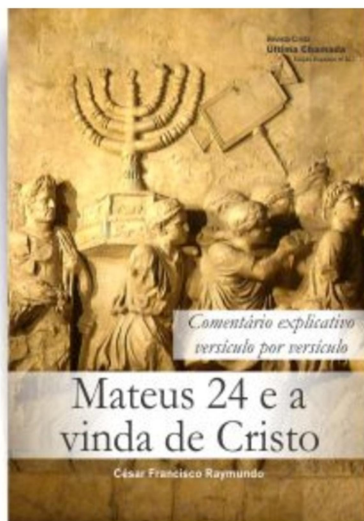
Há muitas coisas que ainda serão escritas sobre o uso e significado da palavra grega *mello*. O próprio dr. Gentry me garantiu que vai escrever um artigo sobre o mau uso dessa palavra por parte dos defensores do Preterismo Completo. Enquanto aguardo ansiosamente para publicar tal artigo, quero que fique aqui a lição para que nunca sejamos precipitados em abraçar uma ideia, por mais fantástica que seja. Infelizmente, aqui no Brasil, muita gente desavisada tem abraçado a heresia chamada Preterismo Completo. É necessário ter cautela e nunca se esquecer que heresia é pecado!

¹³⁸ E-mail de Kenneth Gentry Jr. recebido em 17/11/2016 | 12:36 por César Francisco Raymundo.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?